

O jornalismo de proximidade na televisão nacional: O caso da SIC

Cristiana Marques Custódio Borges

Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo

(Versão corrigida e melhorada após defesa pública)

Cristiana Borges, O jornalismo de
proximidade na televisão nacional: O
caso da SIC, 2017

Junho, 2017

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Jornalismo realizado sob a
orientação científica da Professora Dora Santos Silva.

À minha avó Guilhermina.

AGRADECIMENTOS

À **Dora Santos Silva**, por toda a dedicação e disponibilidade. Pelas sugestões e correções. Pela sensibilidade e amizade.

À **SIC** e a todos os que nela comigo se cruzaram, permitindo ter o privilégio de dar este importante passo no meu percurso enquanto “projeto de jornalista”.

À Editoria de Sociedade: à **Isabel Horta**, à **Ana Peneda Moreira**, à **Amélia Moura Ramos**, à **Dulce Salzedas**, ao **Luís Garriapa**, ao **Pedro Freitas** e à **Sara Antunes de Oliveira**.

À *Pool* do Primeiro Jornal: ao **André Antunes**, ao **André Palma**, à **Ana Margarida Póvoa**, à **Elsa Gonçalves**, à **Fernanda de Oliveira Ribeiro**, ao **Paulo Varanda** e à **Vanessa Rocha**.

À equipa do Online: ao **Ricardo Rosa**, à **Ana Rute Carvalho**, à **Bárbara Gonzalez**, à **Catarina Solano**, à **Elisa Macedo** à **Marina Azevedo** e à **Patrícia Almeida**.

À equipa das madrugadas e manhãs: ao **Paulo Nogueira**, ao **Rui Pedro Reis**, à **Catarina Delgado**, à **Carolina Valadas**, à **Rita Pinto** e à **Teresa Camarão**. Ao **Francisco Vitorino** e ao **Rodrigo Rimourinho**.

A todos os repórteres e editores de imagem.

À **Diana Duarte**, à **Mónica Martins** e ao **Miguel Domingos**. À **Paula Mesquita Lopes**, ao **Pedro Coelho**, à **Liliana Carvalho**. Ao **Zé Silva**. Porque embora não trabalhassem diretamente comigo, estiveram sempre disponíveis para dizer uma palavra de força e para ouvir uma de desabafo.

Aos meus colegas estagiários, particularmente à **Catarina Coutinho**, ao **Duarte Lago**, ao **Sérgio Aleluia**, que (foram e) são verdadeiros amigos.

À **Marta Brito dos Reis**, ao **Frederico Correia**, ao **João Faiões** e ao **Luís Godinho**, pelas entrevistas.

Aos professores da **FCSH** e da **UBI**, a minha primeira casa. Um agradecimento especial ao Prof. **Ricardo Morais**.

Aos meus **amigos**. Pela companhia e discussão enquanto escrevia, e pela compreensão das ausências. À **Maria**, ao **Bruno**, ao **Guilherme**, à **Maria João**, à **Inês**, à **Filipa**, ao **Calixto**, ao **Cisco**, ao **Rodrigo**.

À minha **família**. Aos os meus **tios e primos**. Ao **Miguel**. À minha **avó**. Aos meus **pais**, por tudo e mais alguma coisa.

O JORNALISMO DE PROXIMIDADE NA TELEVISÃO NACIONAL:

O CASO DA SIC

[Proximity Journalism in National Television

The case of SIC]

CRISTIANA MARQUES CUSTÓDIO BORGES

RESUMO

O presente relatório de estágio tem como objetivo perceber que jornalismo de proximidade se faz na televisão nacional, em particular na SIC. Optou-se por usar o termo “proximidade” associado à informação sobre determinado local, pois embora esta seja feita com maior incidência nos média de distribuição regional e/ou local (como são vulgarmente conhecidos), também os média nacionais a fazem. Para tentar discutir se a cobertura aos assuntos de proximidade descentralizados é suficiente neste canal de televisão, utiliza-se uma metodologia mista, que resulta na análise de um mês estruturado aos seus dois principais noticiários, o Primeiro Jornal e Jornal da Noite. No total foram observados 1501 conteúdos e concluiu-se que, destes, 19% eram de proximidade fora do distrito de Lisboa. Embora se tenha consciência de que, num órgão de comunicação social nacional a fatia atribuída à proximidade nunca poderá ser igual à atribuída à nacional, conclui-se que menos de um quinto poderá não ser suficiente. Na maioria dos casos, os temas de proximidade abordados são de sociedade e referem-se a festividades e tradições, ou casos de polícia e justiça. À política e à economia locais atribui-se muito pouco espaço, o que não deixa margem para a mediatização das elites do poder descentralizado.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo de proximidade, jornalismo televisivo, televisão nacional, SIC

ABSTRACT

This internship report aims to realize what kind of proximity journalism is done on national television, particularly in SIC. We decided to use the word “proximity” associated to the information about a particular place because, although this is done with greater incidence in the regional and/or local distribution media (as they are commonly known), the national media also try do it. To discuss whether the coverage for decentralized proximity issues is sufficient in this channel, we used a mixed methodology, which results in the analysis of a structured month of the two main newscasts of the channel, “Primeiro Jornal” and “Jornal da Noite”. In total, 1501 contents were observed, and it was concluded that 19% of these were proximity contents from regions outside the District of Lisbon. Although it is well known that in national media the share of proximity content can never be equal to the one that is allocated to national content, we concluded that less than one fifth, for these type of content, may not be sufficient. In most cases, the themes of proximity are from society and refer to festivities and traditions, or cases of police and justice. Local politics and economy are given very little space, which leaves no room for the mediatization of the elites of decentralized power.

KEYWORDS: Proximity Journalism, broadcast journalism, national television, SIC

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO I: ESTÁGIO | 4 |
| 1. HISTÓRIA DA SIC | 4 |
| 2. DIÁRIO DE UMA ESTAGIÁRIA | 8 |
| CAPÍTULO II: REVISÃO DE LITERATURA | 19 |
| 1. O JORNALISMO DE PROXIMIDADE | 19 |
| 1.1. Nacional, regional e local: definição de conceitos | 19 |
| 1.2. O jornalismo de proximidade em Portugal..... | 23 |
| 1.3. Os desafios da proximidade | 25 |
| 1.3.1. A missão do jornalismo de proximidade | 25 |
| 1.3.2. A relação com as fontes | 27 |
| 1.3.3. O impacto do digital..... | 30 |
| 1.4. As oportunidades do terreno | 32 |
| 1.4.1. A glocalização..... | 32 |
| 1.4.2. O hiperlocal..... | 33 |
| 2. A TELEVISÃO E O JORNALISMO TELEVISIVO..... | 35 |
| 2.1. O presente e o futuro | 35 |
| 2.2. Alguns conceitos fundamentais | 37 |
| 2.2.1. O alinhamento dos noticiários | 37 |
| 2.2.2. Os valores-notícia | 39 |
| 2.2.3. Os géneros jornalísticos | 41 |
| 3. A PROXIMIDADE NOS MÉDIA NACIONAIS..... | 43 |
| 3.1. O estado da arte | 43 |
| 3.2. A figura do correspondente | 46 |
| CAPÍTULO III: ESTUDO DE CASO | 49 |
| 1. OBJETIVO E PERTINÊNCIA DO TEMA | 49 |
| 1.1. Questões de Investigação | 51 |
| 2. METODOLOGIA | 52 |
| 2.1. <i>Corpus</i> | 52 |
| 2.2. Variáveis de Análise..... | 54 |
| 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... | 57 |
| 3.1. Resultados espaciais | 57 |
| 3.2. Resultados temporais..... | 67 |
| 3.3. Resultados jornalísticos..... | 70 |

| | |
|--|--------|
| CONCLUSÃO..... | 78 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 83 |
| LISTA DE TABELAS | 87 |
| LISTA DE GRÁFICOS | 88 |
| ANEXOS | i |
| ANEXO A: TABELAS DE DADOS | i |
| ANEXO B: ENTREVISTAS | xxxv |
| CORRESPONDENTE – JOÃO FAIÕES | xxxv |
| CORRESPONDENTE – FREDERICO CORREIA | xxxvii |
| CORRESPONDENTE – LUÍS GODINHO | xxxix |
| EDITORA DE SOCIEDADE – ISABEL HORTA | xli |
| COORDENADOR DO PRIMEIRO JORNAL – ANDRÉ ANTUNES .. | xliv |
| COORDENADORA DO JORNAL DA NOITE – MARTA B. REIS .. | xlviii |

INTRODUÇÃO

“This is not a sexy topic. But it is an important topic, one that is intellectually interesting, often overlooked, and deserves more attention.”

(Nielsen, 2015, p. xi).

Recentemente, a candidatura à instalação da Agência Europeia do Medicamento por parte de Portugal, através da cidade de Lisboa, desencadeou mais uma polémica no país. Os autarcas da Câmara Municipal do Porto, da de Braga e de Coimbra quiseram explicações – Porquê na capital? Porque não descentralizar? – perguntaram. Pergunta agora o leitor: em que se relaciona tal discussão com a que trata este Relatório de Estágio? Ironia do destino, para além de quem escreve este relatório, também há mais quem pense que esta questão da candidatura à agência europeia do medicamento ilustra bem o que neste trabalho se quer estudar. Num artigo de opinião escrito para o Jornal de Notícias, Felisbela Lopes faz precisamente esse paralelismo. Tal como refere a professora, a consternação à volta da zona candidata a receber a agência espelha a falta de resolução para a disparidade regional, que acontece

“porque o poder político central nunca quis outro desenho do mapa administrativo. Porque os autarcas nunca tiveram força para se impor. E também porque os média nunca rasgaram este cerco hegemónico daqueles que comandam a nação.” (Lopes, 2017)

Nos órgãos de comunicação social de âmbito nacional, “evidencia-se uma agenda de acontecimentos e um conjunto de fontes de informação enraizados em Lisboa”, pois é na capital que surgem os acontecimentos e que está quem sobre eles se pronuncia. Lopes, diz que “é assim desde sempre, mas a recente crise financeira que se abateu sobre as redações encarregou-se de exacerbar essa tendência” (2017).

É na tentativa de encontrar uma resposta contemporânea a esta questão que surge este relatório. Durante o período de estágio onde se integrou a equipa do Primeiro Jornal, fizeram-se várias peças sobre conteúdos de proximidade, mas, claro, mais sobre Lisboa. Em alguns casos, questionou-se o valor dessa notícia para um jornal nacional e perguntou-se se não seria só por ser em Lisboa, e por conveniência, que isso iria ser noticiado. Se tivesse acontecido nos mesmos moldes, mas no Alentejo, também estaria nas notícias das 13h? Propõe-se, então, como estudo de caso uma análise à questão da

descentralização do jornalismo de proximidade que é veiculado pelos média nacionais, nomeadamente em televisão e na SIC. Pretende-se concluir se esta cobertura é ou não suficiente, partindo da pergunta: “O que há de proximidade na informação de um canal televisivo nacional como a SIC?”

Para isso, depois de no Capítulo I se contar um pouco da história do primeiro canal televisivo privado de Portugal, e de se descrever a experiência de estágio faz-se, no Capítulo II, uma revisão de literatura. Numa primeira parte, são revistos conceitos essenciais, como o de jornalismo nacional, regional, local e de proximidade. É também traçado um breve cenário da paisagem mediática de proximidade portuguesa e são ainda abordados os atuais desafios que estes órgãos enfrentam, bem como as potencialidades. Depois, fala-se brevemente do estado atual da televisão e do seu papel, bem como das novas formas de vê-la, sublinhando conseqüentemente as mudanças necessárias ao jornalismo televisivo. São ainda revistos três conceitos-chave para a análise do estudo de caso: o alinhamento do noticiário, os valores-notícia e os géneros jornalísticos. Por fim, é feito um breve estado da arte sobre os estudos que, tal como este, abordam a junção da dimensão de proximidade à dimensão nacional e descreve-se o papel do correspondente.

É no Capítulo III que se parte para o estudo de caso. Para tentar responder à pergunta de partida acima referida, utilizou-se uma metodologia mista, baseada numa análise de conteúdo quantitativa, em entrevistas semiestruturadas e na observação participante informal ao longo de seis meses de estágio. Com esta metodologia procurou-se responder às seguintes questões: que representatividade têm os conteúdos informativos de proximidade na SIC? Do que falam esses conteúdos? A que critérios necessitam de obedecer para serem alvo de cobertura? Que diferenças se registam entre os conteúdos de proximidade veiculados no noticiário da hora do almoço e no da hora do jantar?

Quis saber-se se o *slogan* da TSF (*Por uma boa história, por uma boa notícia, vamos ao fim da rua, vamos ao fim do mundo*) estaria ultrapassado. Se o jornalista Nuno Miguel, da Rádio Cova da Beira, teria razão ao dizer no 4º congresso dos jornalistas sobre a sua região: “Somos notícia no Inverno quando neva. Somos notícia no verão quando arde” (2017). Se faz sentido que Rodrigo Guedes de Carvalho diga *O país e o mundo*, na hora da despedida do Jornal da Noite. E, finalmente, se a SIC é realmente “de todos nós” (Simões, 1992), tal como se define no seu hino.

A conclusão é de que a cobertura de proximidade fora do distrito de Lisboa poderá não ser suficiente. É certo que a percentagem destes conteúdos nunca poderia ser igual à que é atribuída aos conteúdos nacionais. Mas crê-se que o resultado obtido é pouco. Em Portugal, fora de Lisboa, encontraram-se 279 conteúdos entre 1501 do total da informação, isto é, 19%. A ser esta a percentagem, quanto muito, que fosse mais dedicada à política e à economia, e não em esmagadora maioria à sociedade, e às tradições, que embora interessantes não são fulcrais. Parece necessário que haja mais cobertura do poder descentralizado, pois os média também têm capacidade para diminuir as polémicas do género da referente à agência europeia do medicamento.

CAPÍTULO I: ESTÁGIO

1. HISTÓRIA DA SIC

No ano em que Portugal assumia, pela primeira vez, a presidência do Conselho da União Europeia, o ferryboat onde seguia a missão “Paz em Timor” era impedido de avançar até ao país, já na costa norte australiana. As 120 pessoas, de 23 países diferentes, que seguiam viagem para homenagear as vítimas de um massacre levado a cabo pelas autoridades indonésias eram obrigadas a regressar a Lisboa, pelas mesmas forças. Estávamos em 1992. Numa breve revista do ano feita por jornais como o Diário de Notícias e o Público, também se poderia incluir o encerramento da última mina de ouro, em Vila Pouca de Aguiar. O Futebol Clube do Porto era campeão nacional e, em Alvalade, mais de 50 mil pessoas assistiam àquele que viria a ser o único concerto de Michael Jackson num palco português.

A 6 de outubro desse mesmo ano, a notícia era a televisão. Os arquivos dos jornais e o que na altura se escrevia ajudam a lembrar ou a compreender o fenómeno. “Hoje é dia da SIC”, dizia um dos títulos da capa do Público naquela terça-feira. O Diário de Notícias ia mais longe e na manchete retratava um país que estava prestes a (literalmente) assistir à história: “Olhos postos na SIC”, lia-se em letras garrafais. Pelas várias publicações nacionais não faltara tinta para dedicar ao nascimento do primeiro canal privado da televisão portuguesa. Francisco Pinto Balsemão, sócio maioritário da estação, dava entrevistas. Avançavam-se detalhes da programação, mostravam-se os bastidores e as caras do canal. Contava-se a história do que havia antecedido a atribuição de licenças de emissão a canais privados de televisão em Portugal.

Na verdade, para redigir o primeiro capítulo da televisão privada portuguesa e colocar um ponto final aos 35 anos em que a RTP detivera o monopólio do mercado televisivo, foi necessário um longo processo. Numa entrevista dada à Lusa, em fevereiro deste ano, Francisco Pinto Balsemão conta que o projeto da Sociedade Independente de Comunicação (SIC) surgira, na realidade, anos antes, entre 1986 e 1987. “Nós sabíamos que a televisão privada acabaria por chegar a Portugal, demorou mais tempo do que

jamais pensei que fosse demorar”¹, conta. O concurso para a exploração de dois canais privados de televisão seria aprovado pelo Governo em dezembro de 1991, mas só a 6 de fevereiro de 1992 era conhecida a decisão: a SIC e a TVI tinham vencido.

Coincidência ou não, exatamente oito meses mais tarde, nascia a SIC. Francisco Pinto Balsemão dizia na altura ao DN: “não sou supersticioso, mas têm-me acontecido muitas coisas boas nos dias 6”. Falava, naturalmente, do jornal Expresso, que acabou por ser a primeira “pedra” na construção do grupo Impresa, ao qual pertence a SIC. O semanário conheceu as bancas ao dia 6, em janeiro de 1973, numa altura em que o país era regido pelo Estado Novo e a comunicação social, governada pela censura do lápis azul. Diz o presidente da Impresa, na *homepage* do site do grupo, que do que fez na vida

“colocaria como fio condutor e como objetivo cimeiro, exercido e conseguido de diversas maneiras, consoante as épocas e as responsabilidades, a luta pela liberdade de expressão em geral e, em especial, pelo direito a informar e a ser informado”.²

A SIC, enquanto primeira televisão privada em Portugal, tinha tanto de inevitável como de necessária. Com o terceiro canal surgiu a concorrência, e com ela a diversidade e o dinamismo. Artigos da época mostram que a programação inicial era bem diferente da emissão contínua que há hoje. De princípio, durava cerca de 8 horas, com início às 16h30m, excetuando o fim de semana, em que a emissão começava às 14h. Segundo um artigo do Público, escrito à data do início da SIC, no entretenimento o canal oferecia música, um concurso, telenovelas, séries e filmes. Mas a grande aposta era a informação, que ocupava a maior parte da grelha (Gonçalves, 1992, p. 4). Assim, os portugueses teriam, a partir daquele dia, não só mais escolha, mas também pluralidade e independência de informação. A democracia progredia. Vinte cinco anos depois, em entrevista à Lusa, disponível no site da Impala, Francisco Pinto Balsemão, destaca, entre o que a SIC trouxe, a cobertura de “assuntos que não eram abordados, que eram quase tabu”².

¹ Disponível em <http://www.impala.pt/noticias/economia/televisoes-privadas-chegaram-mais-tarde-do-que-o-esperado-a-portugal-balsemao/>, consultado a 3 de maio de 2017

² Disponível em impresa.pt/apresentacao-grupo, consultado a 3 de maio de 2017

Voltando à tarde de 6 de outubro, faltavam dois minutos para as 16h30, quando o hino da estação surgia nos ecrãs. De seguida, Alberta Marques Fernandes apresentava o primeiro bloco de notícias. No site da SIC, é possível ler o testemunho de alguém que assistiu ao momento de perto:

“o que fora um prosaico armazém de bananas, parecia um teatro de guerra: havia obras por todo o lado, quilómetros de fios e cabos elétricos estendiam-se pelo chão esventrado, berbequins furavam paredes, martelos nervosos marcavam o ritmo apressado do fim das obras.

Na hora dos noticiários, a agitação mecânica suspendia-se como se a mão dos deuses escondesse o barulho.

A agitação, então, era outra.

Corria pelos corredores em construção um sonho, o sonho de quem acreditava numa televisão jovem, inovadora e livre.”³

Em casa, a estreia era vista por mais de 1 milhão e 100 mil pessoas, de acordo com a primeira edição do semanário Expresso após o início da SIC (T. Miguel, 1992, p. a11). Na altura, o canal só chegava a 30% do território continental. Entre os telespectadores, 31% contra 16,8% afirmou preferir a SIC à RTP. A maior parte dos inquiridos gostava mais dos apresentadores, dos cenários, da imagem e dos noticiários no novo canal. Não foi por isso de estranhar que, três anos mais tarde, apesar de, entretanto surgir a TVI como segundo canal privado, a SIC passasse a ser líder de audiências. É, a nível internacional, reconhecida como o canal de televisão que em menor tempo conseguiu melhores resultados, de acordo com o seu site⁴.

Não foi preciso muito tempo para a SIC crescer. Na verdade, foram só necessários cinco anos. Em 1997 é criada a SIC Internacional com o objetivo de levar a SIC aos portugueses residentes no estrangeiro e também aos Países de Língua Oficial Portuguesa. Em 2001, o universo SIC volta a aumentar, com o surgimento da SIC Notícias, um canal temático e distribuído por cabo. Fez-se novamente história. Este foi o primeiro canal português exclusivamente dedicado à informação. Os seus grandes blocos noticiosos e as edições especiais, bem como os programas temáticos sobre economia, saúde,

³ Disponível em sic.sapo.pt/sic20anos/sic20anos/sic20anos_apps/sic20anos_MomentosSIC2/2014-10-23-Bastidores-primeiro-dia-06-10-1992, consultado a 3 de março de 2017

⁴ Disponível em <http://sic.sapo.pt/Programas/2005-04-17-o-que-e-a-sic>., consultado a 3 de março de 2017.

cultura e desporto mudaram a forma de informar em Portugal. Ainda em 2001, surge a SIC Radical e a SIC fica *online*, com a criação do seu site.

A partir daí, e até aos dias de hoje, o projeto SIC não mais parou. Atualmente, conta com oito canais: a SIC generalista, e os canais temáticos SIC Notícias, SIC Radical, SIC Mulher, SIC K, SIC Caras, SIC Internacional e SIC Internacional África. Estes contribuem também para que o grupo Impresa seja o maior grupo de comunicação social em Portugal. Segundo o relatório final de 2016, no ano passado os canais televisivos da Impresa foram distribuídos por cabo e satélite, através de 36 distribuidores, em 16 países e atingiram 10 milhões de telespetadores. Para além da televisão, o grupo tem outra área de negócio: o *Publishing*. Desta fazem parte 14 publicações, entre as quais o Expresso, a Visão, a Exame, a Blitz e a Caras (Impresa, 2016).

A par da informação, a SIC é também hoje reconhecida pela forte ficção. Em 2010 a estação apostou na produção de novelas em parceria com a SP Televisão e a TV Globo. A primeira, “Laços de Sangue”, foi premiada com um *Emmy*, o que acabou por abrir as portas dos mercados internacionais às produções portuguesas. No ano passado, “Coração D’Ouro” foi eleita a melhor telenovela do mundo, numa gala de prémios em Nova Iorque.

2016 foi também um ano de inovação. A SIC Notícias criou o Prime, um noticiário online em vídeo, com a duração de dois minutos, que é publicado no site do canal e nas redes sociais. Foi o primeiro trabalho do género em Portugal⁵. A edição de estreia contou com mais de 48 mil visualizações⁶. Também o ano passado, todos os sites do universo SIC foram remodelados e modernizados, mostrando que a Internet é uma prioridade e preocupação. Todos os canais, generalista e temáticos, passaram a ser emitidos em alta definição, a partir de 6 de outubro, em jeito de comemoração do vigésimo quarto aniversário da estação. Nesse dia, a SIC lançou ainda um vídeo em 360º onde é possível fazer uma visita com realidade virtual às suas instalações.

5 Disponível em espalhafactos.com/2016/06/14/sic-noticias-lanca-prime-primeiro-noticiario-online-video/, consultado a 5 de março de 2017.

6 Disponível em espalhafactos.com/2016/06/14/sic-noticias-lanca-prime-primeiro-noticiario-online-video/, consultado a 5 de março de 2017.

A SIC generalista terminou 2016 a manter a liderança em horário nobre, no seu principal target comercial, com 22% de share⁷. Já a SIC Notícias foi novamente o canal de informação mais visto da televisão por cabo, com uma média de 2,1% de share, atingindo ainda o segundo lugar do ranking geral dos canais por subscrição. Em relação à internet, o número de visitas dos sites dos canais cresceu, no total, 1,4%, o que resultou em 4,8 milhões de visitantes únicos. Para 2017 parecem estar várias coisas reservadas, segundo aquilo que tem vindo a ser avançado aos poucos. A informação é para já escassa: são 25 anos de história, mas diz o novo *slogan* que “o melhor ainda está para ver”.

2. DIÁRIO DE UMA ESTAGIÁRIA

“Far more people want to be journalists than will be journalists, or could be journalists, or should be journalists. Despite plenty of evidence to the contrary, journalism is still seen as glamorous, exciting and rewarding, which of course it is for some journalists in some jobs. Those aspiring to a career in the media talk of the variety and unpredictability. Some want to write, some to change the world. Some want to meet famous people, by which they mean celebrities; some want to perform, which usually means having their face on television. Some believe journalism is fashionable; some consider it a form of political activity. Some consider it a way of joining a social elite. Some want to be paid for doing what they love best, and would do anyway: watching football or listening to music. Some simply find it deeply satisfying to find things out, preferably things others would prefer not to be found out, and tell other people about them. These are the potential real journalists. That, it has to be said, is a purist view.”

(Cole, 2006, p. 73)

29 de agosto de 2016

Passaram exatamente quatro meses desde que soube que o sonho se iria cumprir. O tempo apaziguou a ansiedade, mas nem um pouco da vontade de o viver. É meio dia. Faz uma hora que me sentei nestes sofás azuis e brancos. Não, desta vez não cheguei

⁷ Disponível em http://binaries.cdn.impresa.pt/981/adc/10463675/PressReleaseContas4TRIM_2016.pdf, consultado a 11 de março de 2017.

exageradamente cedo, como no dia da entrevista. Cheguei até à hora marcada. Algo se passa.

– Será que se esqueceram? Será que é um teste? – Eu e a minha mania do *overthinking*. Lá estou eu outra vez.

Bem que me tento distrair. Entre estas características paredes forradas a tijolinho e com remate azul escuro há muito a acontecer. Há dezenas de caras que vejo sempre, mas que agora conheço pela primeira vez. Estão constantemente a entrar e a sair. Há duas senhoras na receção, cujas conversas e gargalhadas irradiam, para os que alia passam, boa disposição. Há vários televisores a emitir canais para todos os gostos e na mesa, que tenho à minha frente, uma pilha de revistas e jornais do grupo.

– Para onde vou? O que irei fazer? Com quem vou trabalhar? Será que vou mesmo gostar? – Não está fácil aliviar o pensamento.

Chega, finalmente, a responsável dos recursos humanos para me receber. Mostra-me aquela que será a minha casa durante meio ano. A sala de reuniões, os gabinetes da direção, o estúdio secundário, o gabinete médico, o arquivo, o refeitório, a sala de maquilhagem e o cabeleireiro. Há de tudo aqui. O que quero há muito para mim está a acontecer e acaba de se tornar real. Se há coisa que sou é indecisa, mas quanto a esta decisão pouca dúvida houve. Qual Xana Toc Toc, qual Panda e os Caricas!? No meu tempo crescia-se a ver o Bueréré, o Neco e o Médico de Família. E, desde que me lembro, que à hora das notícias parece não haver outro canal que não “a três”, como diz a avó Guilhermina. Além desta espécie de afinidade, pesou muito o facto de poder estar aqui seis meses e de nos outros canais apenas três. O dobro do tempo, pensei, significaria o dobro da experiência.

Depois de uma breve visita guiada ao edifício, a responsável dos recursos humanos, diz-me que é hora de “entrar no sítio onde os olhos brilham sempre”. Aqui, o chão e as paredes de cores quentes contrastam com o cinzento das secretárias e o azul dos cacifos. Há dezenas de televisores ligados. Não há luz natural, mas este é talvez dos espaços mais iluminados e coloridos que já vi na minha vida. No meio há um pequeno estúdio e há também janelas que dão para o estúdio principal. Ouve-se um teclar constante. Tocam telefones. Há um ruído de fundo proveniente de conversas de tudo e de nada. Neste simples e ao mesmo tempo complexo lugar cabe, diariamente, o país e o mundo.

Chegada à redação, fico a conhecer a secção onde passarei a primeira de três etapas deste estágio. Neste espaço, comum à SIC e à SIC Notícias, trabalham diariamente dezenas de profissionais. Repórteres e editores de imagem, produtores de informação e jornalistas. Estes últimos, além de se dividirem pelas editorias de Cultura, Desporto, Economia, Internacional, Política e Sociedade, dividem-se também por noticiários. Há a equipa do Primeiro Jornal, do Jornal da Noite, da Edição da Manhã, da Edição da Tarde, etc. Há ainda a secção da Agenda e a do Online.

Online. É aí. É a aprender a alimentar o site da SIC Notícias que vou passar os próximos dois meses.

21 de outubro 2016

Ao contrário das duas fases seguintes, não fui eu que escolhi integrar a equipa do Online, mas devo confessar que, tendo em conta as três opções que existiam para o início, esta era a que mais me agradava. Foi uma questão de sorte. Claro que eu não quis vir estagiar para um canal de televisão para ir para o site. Sejam honestos, serão muito poucos os que devem querer. Digo isto porque entre o Online, a Agenda e o programa Opinião Pública, trabalhar para a Internet era o que mais me agradava. Embora a SIC tenha sido a minha primeira opção de estágio, pois sempre quis experimentar televisão, a segunda era o jornal online Observador. Consegui assim gerir, de certa forma, os meus gostos.

Nos últimos dois meses integrei o turno do dia. Entrava às 10h e saía às 18h. Depois dessa hora chegava o turno da noite, durante o qual os jornalistas trabalhavam até à uma / uma e meia da manhã, dependendo do volume de trabalho. Havia uma jornalista que entrava às 6 da manhã e assegurava o site enquanto não chegava o meu turno, fazendo depois ainda mais algumas horas. O turno do dia era composto por quatro jornalistas e um coordenador, que, além de produzirem e colocarem conteúdos no site, também, e à vez, tomavam conta do *ticker*⁸. De todas as funções, esta foi a única que nunca desempenhei.

O meu papel era então ajudar a alimentar o site da SIC Notícias, onde está toda a informação, visto que o site da SIC generalista não tem esse género de conteúdo. Para

⁸ *Ticker* – rodapé em movimento que aparece na emissão televisiva durante os programas.

isso, foi necessário aprender a trabalhar com o *backoffice*⁹ do site e outros dois programas, comuns a toda a redação e que servirão para o restante estágio: O AP ENPS, *software* de produção de notícias e o Sony XPR1, o programa de edição de vídeo.

Termino esta primeira fase do estágio, com a percepção de que na SIC, a convergência é ainda muito imatura. É verdade que a mesma redação serve dois canais de televisão e que muitos dos conteúdos feitos para um dos canais transitam para o outro, mas em relação ao online, diria que a SIC deixou há pouco os primórdios. Em toda a redação praticamente ninguém colocava nada no site para além da equipa designada para isso, o que me surpreendeu bastante. Não raras vezes, na faculdade ouvia os professores dizerem que o jornalista de hoje tem de ser polivalente. Que já não há jornalistas só de televisão, de rádio ou de imprensa. Que é necessário saber fazer tudo. Sim, isso procura-se, mas o processo nas redações ainda não está implementado. Nem de perto.

De forma generalizada, o pensamento na SIC é: “somos um site de um canal de televisão”, como me chegou a ser dito. Ora, nestas condições as contas são simples de se fazer. Na equação que traduz o trabalho da equipa do online, a soma deste pensamento com a falta de polivalência dos profissionais é equivalente a 80%. 80% de quê!? 80% do tempo de trabalho desta secção é gasto a exportar para o site os conteúdos feitos por outro jornalista para noticiários televisivos. Muitas vezes, depois de almoço, a minha função era exportar grande parte dos conteúdos do Primeiro Jornal para a Internet. Mas por que razão cada um não exporta cada trabalho que faz!? Esta foi uma questão que me inquietou ao longo de todo o tempo.

Voltando às tarefas que me eram incutidas pelo coordenador do site, no que toca a colocar online aquilo que foi feito para televisão, eu fiz de tudo um pouco. Todos os conteúdos televisivos são colocados no site, independentemente do género. Como tal, o meu trabalho passava por ir ao programa de edição de vídeo, que também agrega todos os conteúdos televisivos, exportá-los para o *backoffice* do site e aí tratá-los. Depois, no outro programa de produção de conteúdos jornalísticos, retirava-se o texto que o *pivot* havia lido. Se fosse um *off* esse texto passava a ser o corpo do artigo, para os restantes géneros era colocado como *lead*, acabando por introduzir o vídeo.

Era nesta parte do *lead* e também no título que tinha de dar a cada conteúdo, que entrava a criatividade e a produção própria. Embora nunca me o tenham exigido, senti

⁹ *Backoffice* – área de gestão e administração de conteúdos do site.

que aqui, tal como aprendi na faculdade, era necessário alterar a escrita, porque um *lead* de televisão não pode ser um *lead* de online. A linguagem não é a mesma. Assim como o título, que não poderia ser o que havia passado em oráculo. Não funciona. Gosto então de pensar que durante este tempo uma das coisas que mais gostei de fazer foi ser tituleira. Nunca esquecendo a identidade da SIC e o seu público, a verdade é que na minha opinião a escrita para o site pode e deve ser mais divertida e atraente. Claro, com conta, peso e medida, sem nunca tentar “vender” aquilo que não tinha para dar. É impossível esquecer-me do título “Qual é coisa qual é ela que cai no chão e fica amarela?”¹⁰ que dei a uma peça sobre o dia mundial do ovo, ou do “Um hillaryante dueto que tinha tudo para ser uma trumpalhada”¹¹, para um vídeo que circulava pela Internet sobre os dois candidatos à Casa Branca.

Nos 20% do tempo que sobrava colocavam-se no site os restantes conteúdos. A maioria era copiada da agência Lusa, sendo apenas necessário verificar a ortografia e a sintaxe. Depois havia também espaço para sugerir artigos de produção própria, algo que também cheguei a fazer. É preciso dizer que estes não passavam dos chamados artigos de secretária, pois a equipa do online nunca sai da redação. Serve como exemplo, dos que fiz, um artigo sobre um apelo que circulava pela internet, de uma criança para Barack Obama¹².

Na vida de estagiária da SIC Notícias Online não havia muito mais a fazer. Fiz também foto galerias, escolhendo e fazendo *download* das imagens nos sites das agências noticiosas. Depois, por iniciativa própria gostava de escrever uma descrição para cada fotografia, como se pode ver por uma foto galeria que fiz sobre o *Portugal Fashion*¹³. Também para os restantes conteúdos era necessário escolher uma imagem ilustrativa, e essa era uma parte que também gostava de fazer, não fosse eu constantemente fitada pelas imagens da *Reuters* e da *Associated Press*. Era ainda minha função

¹⁰ Disponível em sicnoticias.sapo.pt/pais/2016-10-14-Qual-e-coisa-qual-e-ela-que-cai-no-chao-e-fica-amarela-, consultado a 10 de março de 2017.

¹¹ Disponível em sicnoticias.sapo.pt/especiais/eleicoes-eua-2016/2016-10-11-Um-hillaryante-dueto-que-tinha-tudo-para-ser-uma-trumpalhada, consultado a 10 de março de 2017.

¹² Disponível em sicnoticias.sapo.pt/mundo/2016-09-12-A-unica-arvore-que-sobreviveu-aos-atentados-de-11-de-Setembro, consultado a 10 de março de 2017.

¹³ Disponível em sicnoticias.sapo.pt/cultura/2016-10-13-Assim-foi-a-primeira-noite-da-39-edicao-do-Portugal-Fashion, consultado a 10 de março de 2017.

inserir todos os conteúdos numa determinada secção do site e relacioná-los com outros sobre o mesmo tema.

Saio do Online com a sensação de que ainda há muito por melhorar. Quando havia acontecimentos de grande dimensão e de última hora, alguém da equipa do site escrevia e atualizava o artigo, e nessas alturas eu notava muito a falta de comunicação existente entre os que trabalham no meio online e no meio televisivo. Se algum jornalista de televisão sabia de desenvolvimentos, chegava a passar demasiado tempo até que o comunicasse à equipa do site. Recorre-se também muito pouco à utilização de *hyperlinks*.

Mas saio também com a certeza de que houve muito por onde aprender. Enquanto estagiária da secção, consegui fazer de tudo um pouco, quer em termos de géneros de conteúdos, quer em termos de temáticas: desde internacional, a política e economia do país, até desporto e cultura, neste que me parece um planeta à parte da restante redação.

21 de dezembro de 2016.

Não é de sempre que quero ser jornalista. Quando era mais nova dizia que gostava de vir a ser inspetora da PJ. Hoje consigo perceber o porquê. Além de gostar de lidar com pessoas, ouvi-las, conhecer e deslindar as suas histórias, também me perco por um bom enigma, por casos que inquietem. Parecia-me que, entre as editorias, o caminho mais natural seria pela de Sociedade. Foi, então, esse trilha que segui.

Passei para “o lado” da televisão e com isso vieram várias mudanças. Foi preciso uma nova adaptação. O horário fixo deixou de existir. A entrada era às 11h, mas a saída não tinha hora marcada. Sair às 20h00 era, no conjunto das hipóteses, a mais generosa. Deixei de ter o acompanhamento que tinha no Online. Já não tinha ninguém a dar-me trabalho, tinha de ser eu sugeri-lo e a lutar por confiarem em mim para fazê-lo.

O meu dia começava com uma ronda aos principais jornais, e durante o dia verificava várias vezes os sites dos tribunais e das procuradorias. De início foi-me pedido que todos os dias fizesse pelo menos três sugestões de trabalho. Durante muito tempo a minha função era ler, pesquisar, sugerir, ouvir vários não e alguns sim. Sins que resultavam geralmente num *off*. Foi assim que consegui pôr em prática aquilo que tanta vez me diziam nas aulas: escrever para as imagens. Aprendi também a trabalhar com o *in-*

venio, programa que permite a pesquisa no arquivo, e a editar vídeo no programa utilizado pela SIC.

A equipa de Sociedade era constituída por seis jornalistas e uma editora. Ao contrário do que eu pensava, nesta editoria dificilmente cabe a notícia do protesto dos trabalhadores de uma fábrica de amianto ou o recorde da abóbora mais pesada da colheita do ano. Como a redação tem equipas a trabalhar para os noticiários, que não pertencem a nenhuma editoria, são normalmente esses jornalistas que fazem esses trabalhos. A equipa de Sociedade é muito especializada e faz principalmente a cobertura de casos mais complexos sobre justiça, crime, educação e saúde.

O meu papel em Sociedade passou em grande parte por acompanhar o trabalho dos jornalistas no terreno. Por vezes a editora sugeria que eu fosse, mas na maioria das vezes era eu que pedia para acompanhar a saída que naquele dia mais me interessava. Observava e colocava todas as dúvidas e, quando chegava à redação, tentava fazer uma peça, para depois ser corrigida pelo jornalista que tinha acompanhado e pela editora.

Ao fim de algum tempo a fazer sugestões, *off*, e acompanhamento passei a ser solicitada para fazer algumas tarefas sozinha. Fiz entrevistas para reportagens que alguns jornalistas da editoria estavam a preparar, como por exemplo entrevistar uma técnica de farmácia para uma reportagem sobre bactérias hospitalares¹⁴. Substituí alguns jornalistas, quando estes faziam verdadeiras maratonas de diretos. Recordo particularmente o caso de uma derrocada num prédio em Lisboa que matou dois trabalhadores. Nesse dia fiquei mais de 10 horas naquele local, primeiro para acompanhar o jornalista e depois sozinha com o repórter de imagem para ir percebendo os desenvolvimentos e enviar informação para a redação. Cheguei até a entrar em direto, nunca aparecendo, durante as declarações de um elemento da Proteção Civil.

Com o aproximar do fim da “estadia” em Sociedade, comecei a sair cada vez mais sozinha e a fazer peças para irem para o ar. Eram, ainda assim, peças um pouco mais ligeiras, quando comparadas com as tratadas pelos jornalistas da editoria. Ou uma manifestação de trabalhadores da área da saúde, ou uma conferência de imprensa da PSP após a detenção de um grupo de indivíduos.

¹⁴ Disponível em sicnoticias.sapo.pt/pais/2016-11-27-Infecoes-hospitalares-provocam-em-media-12-mortos-por-dia-em-Portugal, consultado a 10 de março de 2017.

Na editoria de Sociedade a falta de bases em direito foi a maior dificuldade. Durante o mestrado, as unidades curriculares de Jornalismo Económico, Político e Cultural foram muito importantes para conhecer termos e linguagens. Seria igualmente interessante e necessário ter o mesmo género de disciplina para Desporto e Sociedade. De início perceber o funcionamento dos tribunais foi complicado, mas acabei por aprender muito sobre justiça neste período.

Estive em sítios onde não imaginei estar. Fiz trabalhos que não pensava conseguir fazer. Desde telefonar a uma mãe cuja filha estava desaparecida, para avaliar uma possível reportagem, a tentar descobrir a sede de um grupo criminoso, ou a estar num cenário de um homicídio de um adolescente. A aprendizagem foi imensa, mas ainda não consegui diminuir a falta de ritmo e de prática que uma licenciatura e um mestrado não colmatam. Por isso, o local que escolhi para terminar o estágio foi a chamada *pool* do Primeiro Jornal.

28 de fevereiro de 2016

O relógio marca 12h50m. Da sala de edição de vídeo vejo o vermelho que preenche a barra de estado da peça que hoje assino, no alinhamento do Primeiro Jornal, a desaparecer e a dar lugar a um “*ready*”. É isto? Já acabou? Ainda mal caí em mim, mas as pessoas começam a despedir-se e tudo se torna mais real. Acabou o meu estágio na SIC. A manhã passou num ápice, tal como passaram todas as dos últimos dois meses. Mas desta vez terminei a tempo da minha notícia ser a segunda do jornal, e não ser necessário vê-la descer no alinhamento, como aconteceu muitas vezes.

Foi o tempo mais stressante, mas mais enriquecedor que passei na redação. Fazer parte da equipa do Primeiro Jornal trouxe-me o ritmo que bem sabia que me faltava e a confiança de que precisava. De início, não foi fácil entrar às 8h30m da manhã e ter uma peça pronta para passar no noticiário da uma da tarde. Os motivos eram vários. Ou só saía para a rua às 10h e voltava às 12h, tendo, depois, pouco tempo (considerando a minha experiência) para escrever e editar, ou ficava pela redação e fazia uma peça baseada em notícias de jornais ou da Lusa, mas por ser uma pessoa “muito cuidadosa”, como me chegaram a dizer, atrasava-me.

Depois havia ainda um conjunto de fatores que eu não conseguia controlar, porque não dependiam de mim, o que me deixava muitas vezes frustrada e desanimada. O

meu trabalho estava também à mercê de terceiros. De um telefonema ser atendido, da resposta a um e-mail, da boa vontade de quem eu abordava na rua para falar e não fugir da câmara, e ainda da disponibilidade dos jornalistas mais experientes para me corrigirem. Era um verdadeiro contrarrelógio que, tanto me fazia sentir ansiosa, como realizada com a adrenalina e a utilidade que sentia.

A maioria das vezes era o coordenador do Primeiro Jornal que me dava trabalho. Em alguns dias, ficava previamente definido aquilo que eu iria fazer no dia seguinte, após a reunião da tarde entre coordenadores e editores, o que me dava tempo para preparar entrevistas. Fiz também alguns trabalhos com base em sugestões minhas, como uma reportagem sobre o caso do desaparecimento de umas ossadas de um cemitério¹⁵, e ainda entrevistas para alguns correspondentes locais, que necessitavam de recorrer a fontes de Lisboa. Mas por norma era no próprio dia, entre as 9h e as 9h30, que me era atribuído o trabalho, o que se revelava um motivo de nervosismo, pois para alguém que gosta de ter tudo organizado na cabeça e que é recorrentemente amedrontada pela insegurança, não era fácil não saber o que o dia lhe reservava.

À semelhança da secção do Online, também na equipa do Primeiro Jornal tive de fazer um pouco de tudo. Estar na *pool* deste noticiário significava fazer qualquer assunto que fosse preciso e que surgisse, e era essa diversidade que mais me agradava. Fazer uma simples peça sobre a meteorologia, ou uma sobre os resultados económicos do sector do turismo em Portugal. Um *fait diver* sobre umas vacas que são ordenhadas ao som de música dos anos 60, ou uma reportagem sobre filas da segurança social a começar às três de manhã. Tanto podia acompanhar a manhã de um político, como a de um grupo de adeptos descontentes com os resultados do seu clube. Tudo era possível de me calhar, e se não calhava eu pedia. Foi assim que assisti às históricas cerimónias fúnebres de Mário Soares.

Apesar de ser uma das secções que permite trabalhar de forma diversificada, também aqui, naturalmente, existia uma rotina. Num dia normal, eu saía sozinha em reportagem ou ficava na redacção a contactar fontes e depois via as imagens, escrevia o texto, pedia para a um jornalista fazer a correção e ia editar. A edição era feita por um editor de imagem e não por mim. Por norma, desde que haja disponibilidade, não é ne-

¹⁵ Disponível em sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-03-06-Ossadas-trocadas, consultado a 10 de março de 2017.

cessário ser o jornalista a trabalhar o vídeo. Na última semana de estagiária consegui adicionar à rotina uma outra tarefa: sonorizar. As peças que escrevia passaram a ir para o ar com a minha voz, como é o caso de uma sobre as mortes nas estradas¹⁶. Este não é um trabalho que os estagiários façam normalmente, mas era algo que eu queria e decidi tentar. Claro que teve de ter a aprovação do coordenador, mas surpreendentemente foi aceite logo à primeira tentativa.

Ao longo destes seis meses não foi só nestes três sítios que trabalhei. Há ainda uma outra parte por contar. Durante três semanas, repartidas pelos seis meses, trabalhei na redação no turno das madrugadas. Sabia que o teria de fazer, mas a surpresa foi perceber que, entre a meia noite e as seis da manhã, a SIC depende de um estagiário e de um repórter de imagem *freelancer*.

Durante o turno, a minha função era acompanhar os *feeds* das agências de notícias, ouvir os noticiários da TSF e elaborar um relatório do que acontecera durante a noite, para entregar ao coordenador da Edição da Manhã (o primeiro noticiário do dia na SIC e SIC Notícias) e à jornalista que faz o SIC Notícias Prime. Ao longo da noite é ainda necessário telefonar ao Comando Metropolitano de Lisboa, à GNR e aos Bombeiros Sapadores e à Proteção Civil, para saber se há alguma ocorrência que mereça ser reportada. Nesse caso cabia-me a mim decidir sair ou não para o terreno e fazer a reportagem.

Na maioria das noites fiquei pela redação a escrever *offs* e editar imagens, que passavam depois na Edição da Manhã. Com o passar do tempo fui percebendo que o relatório era desnecessário, pois era capaz de avaliar o que era ou não notícia que interessasse ao coordenador, deixando o trabalho pronto para quando ele chegasse. Quando terminei a minha experiência no Online, sabia mexer nos programas, mas não sabia utilizar as funções necessárias para televisão. Foi no turno da madrugada que fui aprendendo sozinha e com a ajuda das jornalistas da Edição da Manhã.

Saí algumas vezes da redação, durante a noite, para receber equipas de futebol que chegavam de jogos fora de casa e que tinham os adeptos à espera. Algumas das melhores memórias são de trabalhos feitos neste turno. A primeira vez que saí sozinha em reportagem foi durante a madrugada. Nesse dia, fui assistir a uma manifestação de

¹⁶ Disponível em sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-02-22-Vitimas-de-acidentes-rodoviaros-sao-na-maioria-idosos, consultado a 10 de março de 2017.

trabalhadores da recolha do lixo, que dava início a uma paralisação. O objetivo principal era, na verdade, conseguir um *th* do líder da CGTP sobre o salário mínimo nacional. Depois de chegar à redação, foi-me também pedido uma peça sobre a paralisação e um *off*.

Mas foi meses mais tarde, quando já tinha alguma experiência, que fiz o trabalho que mais gozo me deu fazer. Seja que dia for, há sempre algum estagiário que tem de ficar escalado para fazer a madrugada. A mim, calhou-me também a noite de Natal e foi-me pedido que em vez de entrar à meia noite, entrasse às 22h. Passei a consoada no hospital Amadora-Sintra, onde fiz reportagem nas urgências, no bloco de partos e nos cuidados neonatais. Houve ainda tempo para acompanhar uma equipa do INEM, e embora o meu entusiasmo por ir andar de ambulância fosse muito, a notícia¹⁷ acabou por ser a falta de ocorrências nessa noite, uma vez que não foi necessário a equipa de prevenção sair à rua. Excepcionalmente, nesse dia, o texto da reportagem não foi feito por mim, uma vez que já tinha estado oito horas na rua em reportagem.

São cinco da tarde. O relógio já vai muito além da hora a que sairia num dia comum. Na equipa do Primeiro Jornal, nunca era necessário fazer horas extra, mas só agora ganhei coragem para sair. Sim, coragem. Como se fica alheio a meio ano no mesmo sítio e sempre com as mesmas pessoas!?! Foram seis meses de desafios, de descobertas, de muita aprendizagem, num local que nunca me será indiferente, e com pessoas de quem vou sentir verdadeiramente saudades. Olho para trás e riu-me. A pessoa que era quando aqui cheguei não fazia a mais pequena ideia daquilo que estava prestes a viver. Pessoal e profissional, a SIC é mesmo uma escola.

¹⁷ Disponível em sicnoticias.sapo.pt/pais/2016-12-25-Consoada-no-hospital-Amadora-Sintra, consultado a 10 de março de 2017.

CAPÍTULO II: REVISÃO DE LITERATURA

1. O JORNALISMO DE PROXIMIDADE

1.1. Nacional, regional e local: definição de conceitos

Aquilo que seria à partida simples até neste campo se torna complexo. Tentar encontrar a denominação correta para o tema deste relatório e, conseqüentemente, um título, não se revelou tarefa fácil. A verdade é que, para além dos poucos estudos que existem sobre o jornalismo regional e/ou local – chame-se-lhe, para já, assim – o que já dificulta a tentativa de fazer mais um estudo, não existe consenso no que toca a definir, sequer, o que é realmente o nacional, o regional e o local – se é que estes existem. Na demanda por definições, começar-se-á pela lei e pelos estatutos que regulam a atividade jornalística, passando depois para alguns autores.

Do lado do papel, a Lei de Imprensa (1999) em vigor distingue no artigo 10.º as publicações impressas de âmbito nacional, regional e destinadas às comunidades portuguesas. As publicações nacionais são definidas no artigo 14.º como aquelas “que, tratando predominantemente temas de interesse nacional ou internacional, se destinem a ser postas à venda na generalidade do território nacional” e as regionais como “as que, pelo seu conteúdo e distribuição, se destinem predominantemente às comunidades regionais e locais” (1999, p. 203). À definição consoante a área de distribuição o Estatuto da Imprensa Regional acrescenta:

“Consideram-se de imprensa regional todas as publicações periódicas de informação geral, conformes à Lei de Imprensa, que se destinem predominantemente às respectivas comunidades regionais e locais, dediquem, de forma regular, mais de metade da sua superfície redactorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política a elas respeitantes e não estejam dependentes, directamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive o autárquico” (1988, p. 1320).

Ambos os diplomas excluem a ideia de que o local é algo que existe à parte do regional. No caso da rádio, já aparece referência à dimensão local. O artigo 7.º da lei vigente, que distingue as rádios quanto às áreas de cobertura, define essas emissoras como as que cobrem

“um município ou um conjunto de municípios contíguos e eventuais áreas limítrofes, de acordo com as exigências técnicas à necessária cobertura daqueles, no continente, ou uma ilha com vários municípios, nas regiões autónomas.” (2010, p. 5904)

As rádios regionais são aqui consideradas como as que fazem cobertura a “um distrito ou conjunto de distritos contíguos ou uma área metropolitana no continente, ou um conjunto de ilhas, nas regiões autónomas”, e as nacionais, como as cobrem a “generalidade do território”. Também a Lei da Televisão define a cobertura nacional, regional e local de forma muito semelhante à da Lei da Rádio, destacando-se a chamada de atenção feita para as televisões nacionais cuja cobertura, lê-se, deve ser feita em território nacional “incluindo as Regiões Autónomas” (2007, p. 4848).

Embora com algumas diferenças em relação aos termos considerados e às suas definições, uma coisa é semelhante em todos estes documentos: as aceções são feitas, tendo em conta a área de cobertura. Na verdade, nesta matéria a geografia será uma disciplina importante, mas apenas um ponto de partida que, embora estruturante, não poderá encerrar os termos. Passando agora para o domínio “fora da lei”, de entre as perspetivas dos autores que se dedicaram (ou dedicam) ao estudo do jornalismo regional e/ou local, também não há consenso. Apresentam-se, agora, algumas concetualizações que inserem, na componente geográfica, o elemento sociológico.

Já em 2002 Carlos Camponez alertava para o facto de não se dever valorizar apenas a localização, lembrando a questão da sociedade em rede e da disseminação das fronteiras espaciais. Propõe, então, a associação do lugar ao conteúdo: “a imprensa regional e local opera por recorte de um espaço mais ou menos limitado, por seleção do tipo de informação, por uma escolha cultural e, em consequência, por identificação” (2002, p. 128). No seguimento da mesma ideia, João Pedro Sousa (2002) define comunicação social local e regional com a ajuda de dois conceitos: o de comunidade e o de vizinhança, considerando este tipo de comunicação desenvolvido “entre pessoas em interação próxima”, com uma “cultura comum” derivada das “raízes na mesma terra”.

Tendo como exemplo a paisagem mediática do Reino Unido, Meryl Aldrige (2007) classifica a imprensa escrita regional e local atendendo a quatro dimensões: o preço, a periodicidade, o território geográfico que abrange a audiência e a forma de distribuição. Claro que existem diferenças existentes entre países. Nem todos se dividem

em regiões e nos de maiores dimensões, a imprensa é maioritariamente regional, não existindo muitas vezes publicações nacionais com cobertura para todo o território. Em suma, Aldrige diz que os jornais regionais são por norma matutinos e divide-os em dois tipos: os que abordam a totalidade ou parte das nações (não se aplicando ao caso de Portugal), e os jornais pagos dirigidos a regiões ou cidades muito grandes. Para o autor não existem jornais totalmente locais, apenas os “*closest to the everyday term ‘local paper’*” (2007, p. 27), pois considera que muitos têm mais alcance do que aquele que o próprio título indica. Ainda assim, Aldrige subdivide-os em jornais baseados numa cidade, normalmente diários vespertinos com múltiplas edições que cobrem a área envolvente, e os jornais referentes a pequenas cidades, que costumam ser de tiragem semanal. “*For simplicity’s sake*” (2007, p. 27), Aldrige opta por utilizar apenas o termo regional.

Pelo contrário, Pedro Jerónimo considera ambas as dimensões. O investigador diz que a imprensa local é a que se foca “num território, ou territórios, inferior(es) a um distrito (localidade, freguesia, município ou um aglomerado dos territórios anteriores)” (2013, p. 128), e que esta, à exceção da área que compreende, cabe na definição da imprensa regional:

“publicações periódicas de informação geral, que dedicam, de forma regular, a maioria dos seus conteúdos noticiosos a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica, política ou desportiva, respeitantes às comunidades a que se destinam e a territórios que atingem, no mínimo, a dimensão de um distrito; são distribuídos nos suportes papel e/ou plataformas digitais; e não são dependentes, direta ou indiretamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive autárquico” (2013, p. 127).

Dos termos comunicação social regional e/ou local, e da recriação de territórios e lugares que estes fazem, surge o conceito de jornalismo de proximidade. Camponez (2002) define-o como um compromisso. Também Pedro Coelho fala de um “pacto comunicacional entre emissor e receptor que assenta na vontade comum de promoção do desenvolvimento da região” (2006, p. 13) e de conteúdos do interesse dos destinatários. O jornalista e professor abdica da “classificação clássica dos meios de comunicação social regionais e locais” (2006, p. 154). A questão da proximidade é referida por Jerónimo não só como a principal característica do jornalismo desenvolvido na imprensa

regional, como também o fator diferenciador do jornalismo da imprensa nacional” (2013, p. 392), devido à distância menor com as fontes, o público e o território.

Feita alguma revisão de literatura, urge a necessidade de denominar o objeto de estudo deste trabalho. Veja-se que não se trata simplesmente de adotar uma das perspectivas que se falaram acima ou de construir uma inspirada nas mesmas. O que se pretende analisar não é designável dessa forma. Trata-se de estudar conteúdos semelhantes aos veiculados num meio regional e/ou local, ou de proximidade (como aqui se designará), mas difundidos num meio dito (por alguns) nacional. É que embora tenha um território mais vasto para acompanhar, este tipo de órgão também mediatiza acontecimentos que ocorrem em espaços de menor dimensão. É a chamada “informação sobre o local”, um dos três tipos de informação local (juntamente com informação pelo local e informação para o local) cunhados por Albert Mabileau, citado por Camponez (2002). Vidal (2014) explica que este tipo de informação tem como critério o possível interesse de alguém pertencente a outro lugar. Ora, se não há unanimidades na denominação dessas camadas externas (chame-se-lhe assim), como denominar uma camada mais interna?

Não se adotará o tipo de perspectiva mais “radical”, que alguns autores têm de não considerar a existência da imprensa nacional. Ora argumentando que esta não chega a todo o país, ora dizendo que os seus conteúdos são sobre a região onde está sediado o órgão, como se percebe pelas revisões de Jerónimo (2013) e Camponez (2002). Também não se tomará o género de posição mais “romântica”, que o jornalista Joaquim Martins (2017), por exemplo, defendeu no 4º congresso dos jornalistas, dizendo que “não há jornalismo local/regional. Há jornalismo. Ponto”.

É numa citação de Camponez que se encontra uma pista:

“A questão da proximidade está longe de ser apanágio da imprensa regional. Na realidade, trata-se de uma questão transversal no jornalismo, no esforço de comunicar conteúdos considerados pertinentes aos seus leitores e, particularmente, na definição de estratégias empresariais com o objectivo de conseguirem a fidelização dos públicos. Grosso modo, vemos estas estratégias utilizadas tanto nos media regionais e locais como nos de maior expansão, de âmbito nacional” (2002, pp. 113, 114).

Assim, na presente análise passará a tratar-se o tipo de conteúdos “sobre o local” ou “sobre o regional”, como conteúdos de proximidade, na convicção de que se trata de

uma *proximidade menos próxima*. Tentar-se-á descobrir como é que ela existe e em que moldes existe. Em relação à SIC, escolhida para o estudo de caso, tentar-se-á perceber se essa componente de proximidade será suficiente para fazer jus à denominação de canal nacional.

1.2. O jornalismo de proximidade em Portugal

Sobre a realidade Europeia, a paisagem mediática permite, diz Sousa, concluir o seguinte:

“A riqueza, a urbanização, a densidade populacional, a diversidade linguística, étnica e cultural são alguns dos factores que se aliaram para dar à Europa um número imenso de órgãos jornalísticos regionais e locais” (2002, p. 44).

Portugal não é exceção e é, até, no meio impresso, um dos países europeus com mais publicações regionais e/ou locais (Jerónimo, 2013). De acordo com o último grande estudo sobre a comunicação social regional e/ou local, feito pela Entidade Reguladora para Comunicação Social (ERC), registavam-se em Portugal 2.942 publicações periódicas em 2009. Dessas, 728 eram de âmbito local e regional e distribuíam-se pelos 18 distritos e pelas duas regiões autónomas do país. Representam cerca de 25%, distribuídos na maioria pelo distrito do Porto (85), seguindo-se Aveiro (67), Braga e Leiria (56 cada) e na minoria por Beja (9), Bragança e Madeira (11). O distrito de Lisboa tinha à altura 28 publicações registadas (ERC, 2010). Jerónimo justifica este número devido “à forte implantação da designada imprensa nacional, que atribui grande parte do seu espaço noticioso àquele território” (2013, p. 131). A maior parte é de periodicidade mensal (37,5%), seguindo-se a semanal (29,4%) e quinzenal (23,9%). Aos diários cabem 2,5% da percentagem. No total existem 18 no país (ERC, 2010).

Na rádio, os anos 60 e 70 e o *boom* das estações pirata, que puseram termo ao monopólio estatal, trouxeram “um discurso alternativo aos media nacionais” (Bonixe, 2006, p. 157). Foi no final dos anos 80 que, com a liberalização do setor, passaram a ser legais 400 emissoras locais, de acordo com Luís Bonixe (2014). A população infoexcluída era, então, retratada na comunicação social, e

“os problemas dos cidadãos, que raramente apareciam nas rádios nacionais, passaram a fazer parte do discurso mediático ao serem transportados para os microfones de centenas de rádios em todo o país” (Bonixe, 2006, p. 161).

Muitas das rádios espelhavam o retrato da identidade local, um dos seus traços dominantes, nos seus próprios nomes ao se inspirarem no lugar para a qual emitiam. Exemplo disso são “a Rádio Portalegre, Rádio Voz de Almada ou Rádio Antena Livre de Abrantes” (Bonixe, 2014, p. 4). De acordo com o último relatório da ERC ao setor, registavam-se nessa altura 347 rádios regionais e/ou locais licenciadas e o Algarve era a região do país com maior número de estações (7%), seguindo-se a Grande Lisboa (6%) e o Grande Porto (6%) (Bastos, José; Rego, Maria J.; Lopes, 2009).

Em 2002, Sousa dizia que pouco havia a dizer sobre a televisão regional e/ou local em Portugal e que as duas tentativas mais consistentes foram “a criação de dois canais por cabo: o Canal Notícias de Lisboa (CNL) e a NTV (Porto e Norte)” (2002, p. 26). Coelho referia que na década anterior o processo tinha avançado na União Europeia, à exceção da Finlândia e de Portugal, grande parte devido à falta de vontade política e também pela “inexistência de uma pressão social reivindicativa” (2006, p. 192). Daí os sucessivos aparecimentos e desaparecimentos de projetos de curiosos e voluntários, ao longo dos últimos anos. O jornalista diz que o caso mais bem-sucedido será o da Televisão Regional de Loures, “que chegou a 300 mil pessoas”, a TVA, de Abrantes e a TRN, do Porto. De acordo com Iolanda Veríssimo (2012), existiam há cinco anos dois canais televisivos regionais e/ou locais públicos, a RTP Açores e RTP Madeira e dois privados, o Porto Canal e a Regiões TV. Embora não sejam legalmente reconhecidas, existem centenas de Web TV. Na sua dissertação de mestrado, Veríssimo concluiu que os portugueses preferem a televisão regional e/ou local na plataforma tradicional, e que apesar de esta ser “considerada útil e necessária” acaba por ter “um impacto muito diminuto no quotidiano dos indivíduos” (2012, p. 90). Um terreno que poderia ser mais explorado, pois segundo Coelho,

“a televisão, pela sua elevada taxa penetração no tecido social, tem o poder de, promovendo a acção comunicativa, reforçar a identidade e assumir o papel de elemento de coesão entre os membros de uma comunidade” (2006, pp. 171, 172).

Passando aos terrenos virtuais, nesses a imprensa é a maior proprietária, representando cerca de 83%. Seguem-se os nativos digitais com 13% e as televisões com 4%. Os ciberjornais regionais e/ou locais estão mais concentrados nos distritos do Porto (12%) e Braga (9,5%), sendo mais escassos dos distritos de Évora (1%) e Bragança (1,5%). Já a maioria dos nativos digitais tem origem distrito de Leiria (18%), mas há vários domínios distritais onde nem sequer existem. Em relação à Web TV, lideram Leiria, Porto e Viseu, cada um com 25% (Jerónimo, 2013).

1.3. Os desafios da proximidade

“Like journalism more broadly, local journalism may well be frequently terrible and yet also terribly important. Local journalism does not always play its roles well, but the roles it plays are importante.”

(Nielsen, 2015, pp. 1, 2)

1.3.1. A missão do jornalismo de proximidade

Sobre o campo do jornalismo regional e/ou local, ou de proximidade, importa também perceber quais são as suas funções. Já aqui foram dadas algumas notas e uma das mais evidentes será a que o jornalismo praticado pelos média nacionais não consegue desempenhar: a de acompanhar “com mais regularidade os assuntos localizados geograficamente” (Jerónimo, 2013, p. 346). O Estatuto da Imprensa Regional adjetiva o papel deste tipo de publicação de “altamente relevante” e no artigo 2.º enumera seis funções:

- a) Promover a informação respeitante às diversas regiões, como parte integrante da informação nacional, nas suas múltiplas facetas;
- b) Contribuir para o desenvolvimento da cultura e identidade regional através do conhecimento e compreensão do ambiente social, político e económico das regiões e localidades, bem como para a promoção das suas potencialidades de desenvolvimento;
- c) Assegurar às comunidades regionais e locais o fácil acesso à informação;
- d) Contribuir para o enriquecimento cultural e informativo das comunidades regionais e locais, bem como para a ocupação dos seus tempos livres;

e) Proporcionar aos emigrantes portugueses no estrangeiro informação geral sobre as suas comunidades de origem, fortalecendo os laços entre eles e as respectivas localidades e regiões;

f) Favorecer uma visão da problemática regional, integrada no todo nacional e internacional” (1988, p. 1320).

Nielsen (2015) diz que, embora longe de ser ideal, o jornalismo local desempenha três funções importantes para as comunidades locais: *informar*, permitindo o acompanhamento dos assuntos públicos locais; *envolver*, gerando níveis mais altos de união cívica e política; *integrar*, contribuindo para a representação e união da comunidade. Mas esta função pode ainda ser mais potenciada, com “a televisão, a rádio por cabo e por satélite e a Internet”, levando os conteúdos produzidos localmente a serem consumidos à escala global, o que se torna uma vantagem, por exemplo, para fortalecer o “elo de ligação entre comunidades oriundas da mesma área geográfica mas que devido à emigração andam dispersas pelo mundo” (Sousa, 2002, p. 45). Contudo, a este jornalismo não bastará a denúncia dos problemas que afetam a comunidade, sendo necessário espaço de discussão e debate para que esses problemas sejam solucionados, alerta Coelho (2006). Só assim se poderá “atribuir aos meios de comunicação social de proximidade o cumprimento daquilo que designamos por *função social (dos media)*” (p. 155).

De acordo com o mesmo autor existem vários obstáculos que não permitem ao jornalismo regional e/ou local afirmar-se como “pilar do espaço público” e, consequentemente:

- “- a falta de qualificação profissional dos jornalistas dos órgãos de comunicação social regionais e locais que reforçar o amadorismo dos projectos;
- a fragilidade e a escassez do mercado publicitário;
- a excessiva dependência o jornal face ao poder político, aos empresários locais e às elites locais;
- o jornal transformado em instrumento de reforço do caciquismo;
- as ambições e os interesses – políticos e económicos – dos proprietários das publicações;
- a excessiva dependência das fontes – sempre as mesmas, sentadas nos mesmos cafés. Essa proximidade física, válida para todos os elementos da

comunidade, gera, inclusive, receios fundados de fácil identificação das fontes do jornalista, o que, em caso de denúncia, por exemplo, dificultara a obtenção de informação;

- a *proximidade demasiado próxima* entre jornalista, representante do poder político e cidadão-eleitor;

- a tendência para que o jornalista e o jornal se envolvam em problemas, que objetivamente classificaríamos de menores, ou meras quezílias, em detrimento de outros assuntos que deveriam, realmente, despertar a comunidade;

- a inexistência de uma prática que promova a investigação, consequência directa da falta de qualificação profissional, da precariedade laboral e da dependência face aos interesses instalados – políticos e económicos” (2006, p. 161).

Destacando a questão da proximidade, vista maioritariamente como critério de noticiabilidade, Carlos Camponez diz que esta é mais do que isso, “tornando-se num conceito excessivamente escorregadio no âmbito do jornalismo” (2002, p. 36). Enquanto do ponto de vista informativo é tanto melhor quanto mais proximidade existir, do ponto de vista ético e deontológico deverá prevalecer o distanciamento. E é nessa “tensão – mal assumida e muito pior resolvida – entre proximidade e distanciamento” (Camponez, 2012, p. 42) que se concentra o ponto seguinte.

1.3.2. A relação com as fontes

O jornalismo regional e/ou local tem diferentes funções das do jornalismo nacional, mas será que a ética laboral não tem de ser a mesma? Esta é uma pergunta a que Chris Frost responde com um “*Of course, the same standards are expected from both national and regional journalism*” (Frost, 2006, p. 270). Mas parece que os meios mais pequenos, para cumprirem o código deontológico e manter os princípios éticos que devem reger a profissão, enfrentam mais obstáculos. No III Congresso Português de Sociologia, Isabel Pascoal alertava para a necessidade de “preparar profissional e moralmente” os jornalistas dos OCS regionais e/ou locais (2008, p. 12), para evitar situações de deformação inconsciente dos factos, devido à censura de diversas ordens (social, orga-

nizacional, política, económica e ideológica), que impede o rigor, isenção e a liberdade de informação e de expressão. Pedro Jerónimo ilustra bem o motivo da inquietação dos sociólogos:

“A família carenciada que é motivo de reportagem e de generosidade, ou o professor da filha da jornalista, sobre o qual terá que escrever; o diretor do jornal que é interpelado por populares com dicas de reportagem; o vereador ou padre que “encomendam” notícias. Estes são alguns exemplos relatados, lidos ou vividos, que fazem o dia a dia dos jornalistas da imprensa regional. Também eles cidadãos, residentes num determinado território. Homens e mulheres por trás dos profissionais, que constantemente têm que gerir (des)aproximações” (Jerónimo, 2013, p. 157).

Diz a ERC que, no caso dos jornais regionais e/ou locais, as fontes de informação mais acessíveis são “os órgãos das autarquias, os partidos políticos locais e o Governo Civil”, enquanto “as forças de segurança locais; os serviços descentralizados do Estado e os partidos políticos nacionais” são as de acesso mais complicado (ERC, 2010, p. 327). Muitos jornalistas referem que o receio de perder fontes e anunciantes chega a pesar na hora de decidir efetuar, ou não, queixas às entidades competentes (ERC, 2010). A comunicação social regional e/ou local lida, assim, diariamente com o desafio de equilibrar “o exercício livre do jornalismo” com a necessidade de garantir a sustentabilidade económica num contexto de crise e de desinvestimento publicitário” (ERC, 2010, p. 110).

Em muitos casos os órgãos autárquicos são os protagonistas daquilo que se escreve e também os principais anunciantes destes média, sendo necessário saber gerir tudo isso. Com a emergência dos gabinetes de comunicação das autarquias de que fala Jerónimo (2013), as autoridades e governos locais melhoraram a sua estratégia de relacionamento com os média. Apesar de ser positivo, no sentido em que é uma boa ajuda para a obtenção de informação os “*local councils know what they want from their local paper – positive reporting – and are investing resources and effort to achieve it*” e isso pode pôr em causa o quarto poder (Harrison, 2006, p. 187). A dependência dos média regionais e/ou locais não é só em relação aos órgãos políticos ou ao sector empresarial, como também dos organismos religiosos (Jerónimo, 2013).

Acresce, ainda, a todas os cuidados a ter em conta pelos jornalistas destes órgãos, o de considerar que *“they are writing for readers who may have greater local knowledge than the reporter”* (Harrison, 2006, p. 175). É esta uma das grandes diferenças dos meios regionais e/ou locais em relação aos nacionais, o que faz com que

“The reporter’s loyalty, or duty to the local community and reader, places a different emphasis on first the approach to the source and the story, and then the way the story is used when published. There is often a more thoughtful approach with a lesser attempt to sensationalise and more attempts to provide balance and allow all sides to put their case (Frost, 2006, pp. 278, 279).

Um outro desafio enfrentado pela comunicação social regional e/ou local está relacionado com a competição com os OCS nacionais, por norma vistos como mais atrativos e que, como no caso dos jornais, por exemplo, têm também as suas edições regionais ou suplementos (Sousa, 2002). Também muitos jornalistas de OCS regionais e/ou locais sentem dificuldade e diferença no acesso às fontes, quer estas sejam de âmbito nacional ou regional, comparativamente a colegas da imprensa nacional. Os jornalistas dos média regionais e/ou locais referem ainda a dificuldade em obter informação junto de fontes que consideram ter sido publicadas, sobre si, notícias menos abonatórias. Não significa isto que os média regionais e/ou locais não devam falar sobre assuntos que não convêm a estas entidades, significa apenas que os efeitos são mais diretos para estas publicação do que para as nacionais (Frost, 2006).

Mas na era de informação, um outro desafio, colocado ao jornalismo destes órgãos, tal como em todos os outros é o da gestão da quantidade dessa informação que lhes chega. No caso particular da comunicação social regional e/ou local, Jerónimo (2013) refere também o crescimento da comunicação empresarial e o conseqüente aumento do fluxo de comunicados que chega às redações e aos jornalistas, o que lhes tira o título de jornalistas de rua e os torna jornalistas de secretária. Para ganharem tempo para o desempenho de funções que acumulam, deixam a de lado a reportagem ou a entrevista. Ao mesmo tempo surge a Internet, e o jornalismo não mais pode ser o mesmo. Os que achavam que a questão era intocável não foram bem-sucedidos. Com o digital surgiu o maior desafio ao jornalismo, o segredo parece ser encontrar nele... as vantagens.

1.3.3. O impacto do digital

“*Can local newspapers survive in Digital Age?*” Esta é uma pergunta verbalizada por Clark (2013), cuja resposta é procurada por muitos. Com a Internet o papel ficou ameaçado, muitos jornais fecharam e, dos que resistiram, muitos diminuíram as tiragens, com cada vez menos leitores dispostos a pagar por eles. Para esta bola de neve, entram também a queda de investimento publicitário, que resulta, juntamente com todo o resto, nos cortes a vários níveis e, sobretudo, em trabalhadores. Os modelos de negócio tornaram-se obsoletos. O número de leitores online sobe, mas não compensa as quebras de receita nos meios tradicionais. Soluções para esta avalanche!? Procuram-se.

Com a Internet vieram também as alterações na periodicidade e a possibilidade de atualização e difusão constantes. Mas o erro que a maioria cometeu foi o de pensar que bastaria copiar o que faziam no seu antigo meio para este, quando ele, além de todas as oportunidades que trouxe, exige uma nova linguagem. Tal aconteceu com os meios nacionais, mas também com os locais. É que como diz Pedro Coelho não é possível admitir a existência de um “local autónomo”, pois “quando uma crise afecta qualquer uma das dimensões do nacional, ela tem, necessariamente, efeitos no local” (2006, p. 148).

Por outro lado, num artigo da Mediashift, intitulado “Demystifying Media: What’s the Future of Local Newspapers?” (Edge, 2017), Christopher Ali afirma que “*it might not even be worth speaking of the news industry as a whole anymore. It’s really not one industry. It’s multiple.*” O investigador reconhece que a imprensa no geral está a passar por uma fase complicada, mas quando se observa particularmente o caso dos jornais locais, o cenário muda: “*When we look at the experiences of the papers individually, they’re not reflective of this master narrative of ‘your medium is dying.*” Apesar de também se deparar com desafios, a investigação revela que estes não são os mesmos que os meios de abrangência nacional enfrentam, o que faz com que as soluções e oportunidades também sejam distintas. Admitindo que o futuro do produto impresso também é incerto no jornalismo local, Ali lembra uma vantagem que estes têm em relação aos meios de tiragem nacional: o facto de em certas localidades estas publicações serem a única fonte de informação e funcionarem como uma espécie de Google local, utilizado também para encontrar números de telefone, e moradas, para além das notícias. Um dado curioso que o artigo de Edge (2017) aborda é que no período pós recessão, os jor-

nais regionais e locais perderam 2% da receita, enquanto que os nacionais perderam 15%, de acordo com dados de 2008.

Embora os dados acima referidos aliviem um pouco os receios em relação ao futuro do jornalismo, há ainda muito a fazer. *“Of course, the game is far from over for the local press”*, como diz Clark (2013). E neste jogo, ainda não foi passado o nível de tornar as plataformas digitais sustentáveis, o que faz com que vencê-lo faça parte de um *“uncertain future”*, como diz Nielsen (2015). Os leitores de papel que se perdem não são compensados com os leitores digitais que surgem, porque os primeiros pagavam e os últimos habituaram-se a ter acesso gratuito. Num estudo da ERC (2014), três em cada quatro inquiridos consideram *“improvável”* ou *“muito improvável”* pagar por conteúdos online (74%). Das 625 pessoas entrevistadas, apenas quatro tinham pago por algum tipo de conteúdo informativo online no ano anterior. Em Portugal, os estudos comprovam que os leitores de jornais regionais impressos optam igualmente por conteúdo online, e que os leitores de jornais regionais online, por sua vez, desvalorizam o produto em papel. Dos dois perfis de leitores online, são os que também leem jornais regionais impressos que mais pagam conteúdos noticiosos na Internet (Cardoso, Mendonça, Paisana, Sousa, & Pais, 2017).

Segundo, Nielsen (2015) é preciso ter em conta que, apesar as mudanças do jornalismo local estarem ligadas à crise do jornalismo em geral, não se pode assumir que as previsões e estudos ao nível nacional sejam aplicadas à dimensão local e que, claro, é preciso ter em conta as diferenças de país para país. A par de todas as mudanças já faladas, é necessário compreender que também ao nível da sociedade existiram mutações. Como denota o autor,

“We still live local lives, but our lives are less locally bounded, as people move more often, as more and more people commute to work elsewhere, as more and more of the goods and services we consume are produced far away, and as some of the most important decisions impacting our lives and communities are taken elsewhere” (2015, p. 5).

Diminuirá isto o interesse das pessoas por temas à escala regional e/ou local?

1.4. As oportunidades do terreno

“There is little doubt that for many people, their stake in their area of residence is based not only on issues of convenience but goes well beyond behaviour into the realm of sentiments. We should not, therefore, be surprised that there is a well-established appetite for local news.”
(Aldridge, 2007, p. 14)

1.4.1. A glocalização

Numa altura em que “está quase tudo à *distância de um clic*, a qualquer hora, num qualquer cibermeio de âmbito nacional ou local (Jerónimo, 2013, p. 18)”, é interessante perceber que, mesmo com a globalização, “os discursos de proximidade têm sofrido também uma inflação” (Camponez, 2002, p. 15), pois “enquanto não formos também capazes de descobrir o dom da ubiquidade, o local continuará a ser o nosso destino” (Camponez, 2002, p. 272). O local não é, então, ao contrário do que se possa pensar, o extremo oposto do global, mas sim um espaço de potencialização do global que, quando muito, lhe oferece uma certa resistência. Este local, de acordo com o autor, passa a ser uma zona “de conservação, criação e recriação no interior da globalização” (2002, p. 272).

Calos Componez descreve esta lógica como se de um romantismo se tratasse, face às “influências consideradas nefastas” da industrialização, da modernidade e da globalização. O autor compara metaforicamente a oposição local/global à “tensão cidade/campo” (Camponez, 2002, p. 30). A verdade é que o valor da informação local aumenta com a globalização e à “luz desta nova dialéctica global-local, a que se atribui a designação «glocal»” (García, 2002, p. 199), reforçam-se as identidades locais. “*Tal vez ha sido el temor a su desaparición. Quizá, el riesgo de sentirse arrastrado por la corriente mundial sin unas raíces a las que agarrarse*” (Labella, 2012, p. 90).

Uma expressão utilizada por Aldrige (2007) resume bem o que aqui se fala: “*Life is global, living is local*”. E tudo porque “antes de sermos globais, somos locais. A imprensa local faz sentido. Faz cada vez mais sentido” (Duarte, 2010, p. 18). Como aproveitar este apetite por notícias locais no menu virtual? Também não existe uma resposta, mas ela passará, certamente, por “rever as velhas estratégias para enterrar as rotinas profissionais que conduziram o jornalismo ao empobrecimento, ferindo-o de morte, e por potenciar a criatividade e fomentar o talento” (García, 2002, p. 204).

1.4.2. O hiperlocal

A Web 2.0 mudou a forma como as pessoas consomem informação, mas também permitiu reinventar a maneira como ela pode ser transmitida. Ironicamente, é na velocidade da informação que surge uma estratégia para potenciar a proximidade. (Rodrigues, 2012). No mundo virtual, por culpa da era da globalização, os órgãos de comunicação locais encontram um novo habitat e novas espécies para o ecossistema: os meios hiperlocais. Radcliffe define-os como: “*online news or content services pertaining to a town, village, single postcode or other small geographically-defined community*” e diz que estes sustentam diferentes propósitos, desde cívicos a jornalísticos, “*including local news, campaigns, scrutiny of public bodies, and supporting local identity*”, citado por Rodrigues (2012, p. 1). Rodrigues acrescenta que o jornalismo hiperlocal, circunscrito a uma área delimitada, centra os seus conteúdos nas vivências dessa área, pois a maioria da informação é consumida por indivíduos daquela comunidade.

O caminho do hiperlocal tem sido seguido não só por novos e alternativos média, como pelos média *mainstream*, que têm como objetivo “atrair novos públicos, estabelecer novas relações com os leitores, criar uma maior proximidade, incentivar a partilha e a colaboração, trocar conhecimentos e descobrir novas histórias” (Rodrigues, 2012). E assim se vai aumentando a cobertura de temas regionais e/ou locais, nuns casos com sucesso, noutros nem por isso. O que é certo é que esta nova plataforma de *storytelling* tem vindo a crescer devido à facilidade e economicidade da Internet, mas também ao desaparecimento de alguns meios tradicionais e às alterações de consumo dos utilizadores (Radcliffe, 2012).

Embora a maioria das plataformas hiperlocais seja feita de forma voluntária, há casos de sites pertencentes a empresas com fins comerciais, cujas formas de financiamento partem, por exemplo, de publicidade baseada informação do utilizador que é fornecida, anúncios em vídeos, envio de classificados por *newsletters*... etc. Atualmente, existem vários modelos de produção hiperlocal, desde agregadores automáticos de conteúdos, a websites elaborados ou por jornalistas, ou por cidadãos ou através da combinação do trabalho de ambos. (Radcliffe, 2012). Com a Web 2.0, surge também o jornalismo participativo, ou de cidadão, alimentado pela infinidade de ferramentas virtuais, que tornam possível “*obtain documentation, treat images and video, create graphics*

and maps, develop web sites, administrate collective projects, publish news, etc.” (Lopez, 2012, p. 107).

Rodrigues (2012) diz que é nesta relação entre jornalistas e público que reside um dos problemas do hiperlocal, pois esta pode colocar em causa o seu papel do jornalista, devido à facilidade com que o cidadão comum publica e difunde informação. Para a investigadora, é também através da “quantidade de conteúdos que se gera e difunde a cada instante” que é reforçada a importância da existência destes profissionais de informação e seleção. Na Internet, *“el almacén de información es tan grande que nuestro principal problema es saber dónde están las cosas. Y para eso es esencial la labor del periodismo”* (Labella, 2012, p. 96).

Entre as previsões do Nieman Lab, para o que aconteceria ao jornalismo em 2017, consta a de Burt Herman, que diz que as notícias locais vão tornar-se interessantes. Para que o jornalismo local ganhe mais interesse, há que aperfeiçoá-lo, mas, uma vez melhorado, este não dará hipótese ao *“parachute journalism”*. Como é que se melhora? Criando conteúdos únicos e exclusivos, pois são esses que o público está disposto a pagar, e recorrendo a experiências que permitam a colaboração entre o público e o jornalista, tais como o Hearken, GroundSource¹⁸ ou o Nextdoor¹⁹ Herman (2016). Também Ashley C. Woods assina uma previsão que diz que o jornalismo local vai travar uma nova luta contra as *fake news*, aperfeiçoando os seus pontos fortes: proximidade, intimidade e fidelidade. Woods (2016) afirma que 2017 vai ser o ano em que o público vai fixar quem são os jornalistas locais, porque as caras e as vozes vão estar nos sítios onde as pessoas estão, utilizando plataformas capazes de simular interações IRL²⁰ *“in real life”*, como o Facebook *live*. Para a autora, é produzindo notícias de última hora, investigações e narrativas centradas na identidade regional que os meios locais vão ultrapassar os nacionais, com a vantagem de que os jornalistas destes meios de menor escala são vizinhos de quem consome os seus conteúdos. Como refere Lopez, *“a scenery in which fresh potentialities are opened to make the dream of better informed societies come true”* (2012, p. 108).

¹⁸ Websites que ajudam o jornalista a compreender o nível de interesse do público na história. Disponíveis em wearehearken.com/ e groundsource.co/, consultado a 6 de abril de 2017.

¹⁹ Rede social cujo objetivo é a comunicação dos utilizadores com os vizinhos. Disponível em nextdoor.com/, consultado a 6 de abril de 2017.

²⁰ IRL – In Real Life

2. A TELEVISÃO E O JORNALISMO TELEVISIVO

2.1. O presente e o futuro

Poderosa. Construtora social da realidade. Influenciadora de “hábitos, padrões e estilos de vida” (Alves, 2011, p. 18). Útil. Integradora. “Se não onnipotente, pelo menos omnipresente” (Lopes, 1999, p. 131). Ou lixo. Visando apenas o lucro e a adesão. Uma verdadeira

“ladra de precioso tempo roubado à família, instiladora de comportamentos desviantes, má mestre-escola da língua mátria, invasora da privacidade, desrespeitadora dos direitos fundamentais, montra abusiva de sentimentos, anestesia que soporífica, cavala que leva à violência enlouquecida” (Alves, 2011, p. 19)

Passe o tempo que passar e ache-se o que achar, uma coisa parece não mudar. A televisão continua a reunir preferências. Apesar do *boom* do digital, não se registaram, de uma forma geral, muitas alterações ao consumo deste meio e em alguns países ele chegou até a subir (Nielsen & Sambrook, 2016). Em Portugal, na última década, o tempo médio diário de visionamento por espectador aumentou progressivamente e num dia de semana normal, a maioria das pessoas refere ver entre 1 hora e 1 hora e 30 minutos de televisão ou até mais de 3 horas (Cardoso, Mendonça, & Paisana, 2015). Em 2015, apenas 1,1% dos inquiridos não via televisão pelo menos uma vez por semana (Cardoso, Mendonça, Paisana, & Sousa, 2016). Ainda assim, nos últimos 10 anos o share dos canais generalistas tem vindo a diminuir, à exceção da televisão por cabo que conquistou nesse espaço de tempo mais 22% de audiência. Dados de 2016 permitem afirmar que, mais de três quartos da população terá acesso à televisão paga, e que quem tem apenas os canais gratuitos é por questões económicas (66%), ou porque os canais de acesso livre satisfazem as suas necessidades (48,4%).

De acordo com o *Reuters Institute for the Study of Journalism*, os últimos anos têm sido sinónimo de grandes mudanças na forma de ver televisão tradicional. Embora esta continue a ser considerada muito importante, e isso se vá manter nos próximos tempos, a tendência é para que deixe de ter o papel forte que teve na segunda metade do século XX. É nos públicos mais jovens que se têm perdido mais audiências, pois estes preferem ver em diferido, escolhendo o que ver e quando ver, em vez de depender da oferta em tempo real (Nielsen & Sambrook, 2016). Em Portugal, o consumo audiovisual

diferido ainda não está bem enraizado, a não ser entre as camadas mais jovens. Nos mais velhos, com idade superior a 65, é de apenas 7%. Os portugueses que recorrem a esta forma de ver conteúdo audiovisual destacam a vantagem de conseguir “voltar para trás para ver um programa de início ou um momento particular”. Por outro lado, os jovens sempre viram menos televisão que os adultos, mas a questão é que para além de os jovens de hoje verem muito menos televisão que os jovens do passado, o aumento da visualização, à medida que envelhecem, deixou de acontecer tão pronunciadamente como acontecia nas gerações anteriores (Nielsen & Sambrook, 2016).

Embora Portugal seja dos países onde ainda mais se resiste à consulta de notícias online e onde a frequência de consulta de notícias continua a ser superior nos média tradicionais (ERC, 2014), é na Internet que está o futuro, e nela o acesso a notícias de fontes televisivas é escasso. Os jornais são praticamente os únicos em que o índice de utilização online é superior ao offline. As redes sociais (66%) são já o segundo meio de consulta de notícias mais importante, depois dos noticiários televisivos na plataforma tradicional (93%) e antes dos jornais impressos (ERC, 2014). A televisão continua a ser a principal fonte de informação da população (ERC, 2014). “Deixar de ver televisão” é a atividade que mais dificuldade suscita aos portugueses, na hora de escolher a que deixariam de fazer, representado 65,5 %, especialmente para os mais velhos. Mas “deixar de navegar na internet” surge logo em segundo lugar, com 26,7 % especialmente entre os mais jovens (ERC, 2016).

O jornalismo televisivo continua hoje a viver uma “grave crise de identidade” (Alves, 2011, p. 38). Mas as questões já não são só as que descreve Dinis M. Alves:

“Amarelização dos conteúdos informativos, transformando os telejornais em espectáculos de variedades noticiosas ou em autênticos jornais do crime em sessão contínua; privilégio à violência e transmissão de futilidade; grelha noticiosa servindo os interesses da estação, mesmo que para tal se tenha que recorrer à manipulação mais despuradora; conteúdos e duração dos telejornais servindo os interesses da contra-programação, gerando inevitável saturação dos telespectadores; redução drástica do jornalismo de investigação; potenciação sinérgica com outras empresas do grupo, tendo em vista a redução de custos e a publicitação gratuita dos órgãos citados; recurso reiterado a um grupo reduzido de fontes; dependência excessiva

das agências, noticiando de forma delegada, nomeadamente na informação do estrangeiro” (Alves, 2011, pp. 38, 39).

As notícias audiovisuais continuam a despertar interesse, mas as novas gerações estão a migrar para a plataforma digital. Não será, então, que o caminho passa pela adaptação da informação das televisões a este meio? Sim, isso já se percebeu. Só não se percebeu é como. E é por esse motivo que o relatório do Reuters Institute diz que ainda se vive numa “*golden age of television, but not of television news*” (Nielsen & Sambrook, 2016, p. 5). Existem já várias experiências de notícias televisivas online, mas carecem de um aperfeiçoamento no formato. Há quem opte pelo curto ou por géneros mais aprofundados e interativos. Os diretos têm também vindo a ser experimentados (Nielsen & Sambrook, 2016). Portugal era em 2014 o país com maior percentagem de consulta de notícias em formatos *live* (19%). Sem surpresas, o Facebook é a rede social mais consultada (90%). 55% dos portugueses partilham semanalmente notícias nas redes sociais, o que faz do país o que tem maior percentagem (ERC, 2014). Certo é que, em 2020, o *Reuters Institute* estima que o vídeo represente mais de 75% do tráfego utilizado em dados móveis (Nielsen & Sambrook, 2016).

2.2. Alguns conceitos fundamentais

Entre a programação dos canais televisivos generalistas, a informação merece lugar de destaque, o que ajuda a alimentar o gosto que os telespectadores têm por este género televisivo. Logo cedo, Bom dia Portugal na RTP, Edição da Manhã na SIC, Diário da Manhã na TVI. Ao almoço, às 13h em ponto, uma hora e meia de Jornal da Tarde, Primeiro Jornal e Jornal da Uma. Ao jantar novo reforço, às 20h, com mais uma hora de Telejornal e hora e meia de Jornal da Noite e Jornal Nacional. “Nestes três canais, todos os dias passam entre cinco horas e meia a sete horas de informação” (Malainho, 2010, p. 33).

2.2.1. O alinhamento dos noticiários

Nos espaços informativos, existe uma ciência. A do alinhamento, que é nada mais nada menos que a ordem pela qual as notícias são distribuídas pelo noticiário. Os conteúdos são alinhados por temas e por notabilidade (D. Costa, 2011). Claro que a es-

estratégia do alinhamento difere de canal para canal, de noticiário para noticiário, de dia para noite e de semana para fim de semana, pois os profissionais que o fazem e os públicos que a ele assistem não são os mesmos.

Na hora do almoço, a preparação do noticiário tende a ser mais agitada. A maioria dos eventos ou conferências marcadas para de manhã acontecem entre as 10h e as 12h, o que torna complicado gerir o tempo disponível para ir ao terreno, montar e sonorizar a peça. Depois, um novo dia traz sempre novos assuntos e acontecimentos e o volume de assuntos a noticiar excede sempre o tempo disponível. Os diretos acabam por ser a boia de salvação, pois o tempo para fazer um trabalho profundo e cuidado é pouco. À hora de jantar o cenário muda e a equipa passa a estar mais folgada. Há muitas peças do almoço que só precisam de ser resumidas, outras atualizadas e completadas. Mas, isso, por vezes, também não deixa grande espaço para incluir novos assuntos, passando estes a resumir um pouco do que aconteceu no dia (Alves, 2011).

Em *Mal Dita Televisão*, Dinis M. Alves cita uma entrevista que fez a Paulo Nogueira, na altura coordenador do Primeiro Jornal da SIC, na qual o jornalista dá um exemplo de como as temáticas mudam do dia para a noite. Uma peça sobre uma carta que Sousa Franco publicara no *Diário de Notícias*, desmentindo o teor de uma conversa revelada pelo semanário *O Independente*, referente às passagens sobre o Governo de Pina Moura, ficou em 10º lugar no noticiário das 13h, sete lugares depois de uma peça sobre um incêndio que matara cabras. Às 20h, a peça sobre a carta passou para 5º lugar e, sobre as cabras, nem sinal.

Registam-se também diferenças entre a semana e o fim-de-semana, onde os jornais, salvo algumas exceções, tendem a ser mais leves e morosos em assuntos que durante a semana a atualidade não permite (D. Costa, 2011). Nestes dias a redação fica bastante reduzida e o volume de eventos diminui. Para precaver a “ruptura no stock da actualidade” (Alves, 2011, p. 127) usam-se também os embargos, trabalhos previamente preparados e que não morrem no próprio dia, podendo passar a qualquer altura pelo seu carácter intemporal.

No geral, à abertura ascendem os temas mais fortes, suscetíveis de captar a atenção dos espectadores e equilibrando o triângulo importância – interesse – curiosidade (D. Costa, 2011). Nela cabem os assuntos sérios e implicativos daí que seja “considerada, unanimemente, como um momento crítico, chave de sucesso de um informativo

televisivo” (Alves, 2011, p. 107). Por outro lado, descem ao fecho os assuntos mais leves e divertidos. Dinis M. Alves diz que estes são “condomínios privados dos *fait divers*” (2011, p. 108), que incluem as *zoo-news*, as *guinness-news*, as *notícias-mega*, as *fight-news*, as *barbie-news* e as *passerelle-news*.

De acordo com D. Costa, entre a abertura e o fecho, a estratégia costuma ser a de criação de “picos”, para que se mantenha o interesse, e não uma hierarquia da mais importante ou interessante para a menos, pois “o alinhamento é uma realidade viva e dinâmica, capaz de surpreender pelo interesse súbito que desperta nos espectadores” (2011, p. 26). Claro que existe também uma certa ordem. “Os assuntos são organizados por blocos, o que permite coerência no desenrolar dos conteúdos, evitando assim que um telejornal se transforme numa manta de retalhos desgarrados” (Alves, 2011, p. 120). Entre estes há ainda espaço para a tentativa de fidelização, com constantes espaços promocionais de outros conteúdos, seja entre peças, ou no início de fecho das partes dos jornais.

2.2.2. Os valores-notícia

O que faz com que determinado acontecimento seja ou não mediatizado são os critérios de noticiabilidade. E são vários os nomes que tentaram colocá-los numa lista. Ericson, Baranek e Chan, Mauro Wolf, Nelson Traquina estão entre os autores das tipologias mais conhecidas. Mas a que ainda hoje é vista como a clássica é a de Galtung e Ruge (1993), uma das primeiras coisas que se aprende (e decora) na faculdade, para quem estuda jornalismo. São 12 valores-notícia, que segundo os autores, quanto mais se verificarem em determinado assunto, mais possibilidade ele tem de se tornar notícia.

A *frequência* é uma espécie de sintonia entre a periodicidade do acontecimento e a periodicidade jornalística. A *amplitude* refere-se à dimensão e intensidade dos factos. A *clareza* corresponde à falta de ambiguidade dos mesmos. A *significância* resulta da junção entre proximidade e relevância. A *consonância* é a inserção de novidade numa ideia velha. O *inesperado* é sinónimo de imprevisibilidade do acontecimento. A *continuidade* corresponde a atualizações de acontecimentos que já tenham sido notícia. A *composição* refere-se à escolha para que haja algum equilíbrio temático. Há também a referência a *nações de elite* e a pessoas de elite, consoante a proeminência que tenham.

Seguem-se a *personificação* e por fim a *negatividade* associada ao acontecimento (Correia, 2011).

Na verdade, esta tipologia continua a ser das mais utilizadas, mas há também quem já lhe tenha dado um toque de modernização. McGregor (2002) propõe a junção de quatro valores aos 12 valores de Galtung e Ruge. São eles o *visual*, a *emoção*, o *conflito* e a *celebrização do jornalista*. Assim, o acontecimento terá maior probabilidade de ser noticiado se houver possibilidade de obter imagens, mas também se envolver elementos como a tragédia, a sobrevivência, as crianças ou os animais, etc. Também os factos mais controversos têm boas hipóteses de ser mediatizados, como o caso da política. Por último, a colocação do jornalista como figura central, lembrando a personificação de Galtung e Ruge, mas neste caso sobre o repórter e não sobre as fontes.

Mais recentemente, Harcup & O'Neill (2016) chegaram a uma lista que dizem ser mais contemporânea: a *exclusividade*, quando o acontecimento é disponibilizado primeiro apenas a um OCS; as *más notícias*, histórias de morte, doença ou derrota; o *conflito*, com acontecimentos controversos, greves, guerras, lutas; a *surpresa*, em acontecimentos com algum de incomum; o *audiovisual*, mediante a disponibilidade de fotografia, vídeo, áudio ou até a possibilidade de infografia; o ser *partilhável*, ou seja, com capacidade para gerar partilha e comentário nas redes sociais; o *entretenimento*, com interesse humano leve, animais, humor, desporto ou sexo; o *drama*, como, por exemplo, os casos de polícia; o *follow-up* ou continuação do acompanhamento às histórias; a *elite do poder*, histórias sobre instituições ou pessoas com poder de decisão; a *relevância*, como histórias culturalmente ou historicamente significantes; a *magnitude*, pelo número de envolvidos ou impacto; a *fama*, como as histórias das figuras públicas; as *boas notícias*, como celebrações, curas ou vitórias; finalmente, a *agenda da própria organização*, seja ideológica, seja comercial.

Neste trabalho, optar-se-á por utilizar a conceção clássica de Galtung e Ruge, pois, muito embora surjam tipologias atualizadas ou modernizadas, elas não estão tão enraizadas nos estudos de jornalismo como está a dos dois investigadores. Além disso, alguns dos critérios das novas tipologias não se aplicariam a este estudo, ou não vão ao encontro daquilo em que aqui se acredita. Por exemplo, no caso de McGregor (2002), o valor da *celebrização do jornalista* não pode ser considerado. Salvo raríssimas exceções, o jornalista não pode ser o protagonista da notícia e mesmo que algum dia, por motivos fortíssimos o seja, isso não pode nunca ser um critério. Por outro lado, Harcup

& O'Neill (2016) falam no valor do *partilhável* e obviamente que ele deve constar das novas listas, especialmente das aplicáveis aos meios online, ou aos meios tradicionais que já pensem no online. No caso que aqui se estudará, como já se referiu no Capítulo I, isso ainda não acontece. Embora no site da SIC Notícias se pense em determinado artigo para gerar visualizações e *clicks*, ainda não se chegou ao ponto de pensar uma história para televisão para que, depois, esta seja muito partilhada e comentada nas redes sociais.

2.2.3. Os géneros jornalísticos

Por fim, importa falar do conceito de géneros, em particular dos jornalísticos. São vários os autores que se dedicam a esta disciplina, na tentativa de categorizar os diferentes conteúdos que são feitos. No entanto, a maior parte dos estudos existentes e, novamente, o que é abordado nas faculdades reporta aos géneros do jornalismo escrito, que, muito embora possam ser aplicados aos restantes meios, não se encaixam de forma perfeita. Para o estudo de caso deste relatório poderia ter-se utilizado uma noção mais genérica, inspirada naquela que Anabela Gradim apresenta no Manual de Jornalismo.

Excluindo os géneros só aplicáveis ao papel, e plausíveis de aplicar ao audiovisual, tem-se a *notícia*, não em sentido técnico, mas no sentido de género informativo, que revela conteúdos “relativamente curtos, claros, directos, concisos” (2000, p. 57). A *reportagem*, que além de informar tal como a notícia, trata o tema de forma mais profunda, “com o máximo de pormenores possíveis, incluindo muitas notas de cor local, procurando levar os leitores o mais próximo possível do acontecimento”, o que requer mais tempo de preparação e exige “a recolha de informação in loco” (2000, p. 87). Os *fait-divers*, pequenas histórias sobre factos curiosos, insólitos, aberrantes, originais, irónicos, que servem “fundamentalmente para distrair e desanuviar” (2000, p. 95). A *entrevista*, não em sentido lato, mas enquanto conteúdo onde, exclusivamente, é reproduzida a interceção pergunta-resposta, sem que haja “uma composição ou arranjo” (2000, p. 98) e a *opinião*, na qual num espaço bem definido, o “autor exprime pontos de vista subjectivos” (2000, p. 95).

Optou-se, neste caso, por utilizar a terminologia da SIC, órgão de comunicação alvo de estudo, até porque embora existam conceções adaptadas a este meio, na prática até nos vários canais portugueses os termos mudam. Entre os géneros mais simples está

o *off*, que por norma tem menos de 1 minuto. Neste, só o pivot tem a palavra, enquanto é emitido um bloco de imagens relacionadas com o que diz. Depois o *talking head*, mais conhecido por *th* que tem também geralmente menos de 60 segundos. Como o próprio nome indica, é uma declaração solta de alguém, precedido de uma entrada do pivot. Por vezes juntam-se *ths* de diferentes fontes num bloco sobre o mesmo tema. Outro género mais simples é o *direto*, que consiste apenas no discurso do jornalista, por vezes entrevistando em tempo real alguma(s) fonte(s).

A *peça* é talvez o termo que mais confusão gera, na medida em que nela reside aquilo que Godinho chama de “conflito entre a notícia e a reportagem” (2011, p. 56). A *peça* tanto pode referir-se à notícia pura e dura, sobre “um feito, um facto, um acontecimento” (Godinho, 2011, p. 57), como a um híbrido entre notícia e reportagem e até a uma reportagem mais curta que “segue a notícia, ilustra-a, testemunha-a e é por esta justificada” (Godinho, 2011, p. 53). Tem por norma até três minutos, se for um dos últimos dois casos, mas não mais do que 1 minuto e cinquenta segundos se for o primeiro caso. Na SIC quase tudo é *peça*, seja uma notícia sem vivos, por exemplo, a explicar as previsões meteorológicas para a semana que vem, seja uma notícia com dois/três vivos, sobre um estudo que diz que a maioria das vítimas de atropelamentos mortais se distraem ao passar a estrada enquanto mexem no telemóvel, ou até uma pequena reportagem que mostra as consequências de um incêndio numa fábrica de enxofre para as hortas da zona. Explicado assim, até se notam diferenças, mas na verdade em televisão verificam-se quase sempre apontamentos de reportagem, e nestes casos, por uma questão de evitar confusão, utiliza-se o termo *peça*.

Depois, sim, há a *reportagem*, que dura por norma entre 3 e a 10 minutos, e é utilizada para temas de maior importância, como, por exemplo, uma recuperação de toda a fuga de Pedro Dias. Existe ainda a *reportagem especial*, com uma duração entre 10 a 30 minutos, e a *grande reportagem*, com tempo superior a 30 minutos, ambas reportam a grandes (passe-se a redundância) temas e questões atuais ou de alguma forma ligados à atualidade. Existem ainda as *rubricas*, nos mais variados domínios que não passam de uma espécie de coleção de reportagens com um denominador comum e às quais se atribuem 15 minutos. Por fim a *entrevista*, ou *grande entrevista*, dependendo do tempo; na SIC, tanto existem de informação como de opinião.

3. A PROXIMIDADE NOS MÉDIA NACIONAIS

3.1. O estado da arte

Existe, indiscutivelmente, pouca investigação em relação ao jornalismo de proximidade e ainda menos em relação a Portugal. Para a elaboração deste trabalho científico encontraram-se, naturalmente, várias referências a essa “parte” do jornalismo, muitas vezes menosprezada, a vários níveis, mas que consegue ser de maior dimensão que a nacional. Mas e quando a dimensão regional e/ou local e a dimensão nacional se fundem? Como é que funciona essa “parte” de proximidade e de descentralização dentro de um “todo” centralizado? Bom, os estudos são ainda mais escassos, mas ainda assim é possível fazer uma breve síntese do estado da arte.

No 4º congresso dos jornalistas, realizado em janeiro deste ano, apenas uma das sete sessões, realizadas ao longo de 4 dias, foi dedicada ao jornalismo de proximidade, a provar que o tema continua a não ser muito debatido e até desvalorizado. Mas é interessante verificar que entre as duas comunicações apresentadas, uma se referiu a esta união de dois mundos. Na sua comunicação intitulada “Desafios e oportunidades no jornalismo (audiovisual de proximidade)” Jorge Costa, disse que

“tal como os jornais de tiragem nacional, que foram acabando com os cadernos locais, também as rádios e televisões generalistas têm vindo a desinvestir na informação de proximidade. Tratando-se dos meios de comunicação social habitualmente com maior impacto junto da opinião pública portuguesa, são menos as janelas e os pontos de vista a servirem de imagem coletiva às regiões de norte a sul, contribuindo assim para uma visibilidade reduzida do país real na esfera mediática” (2017, p. 1).

Recuando alguns anos, num estudo publicado em 1999, Felisbela Lopes analisa os assuntos regionais que foram alvo de cobertura mediática por parte da RTP no Telejornal, o noticiário com maior audiência do canal na altura. Do *corpus* fizeram parte os dias úteis de quatro meses, nos anos de 1988 e 1992 (ano de monopólio para o primeiro canal, e ano em que surge o primeiro canal privado), o que resultou em 171 noticiários e 3061 peças para analisar. A autora classificou as peças tematicamente, através de várias categorias, e geograficamente, entre Lisboa, porto, ilhas e restante país.

Lopes (1999) concluiu que o Porto e as ilhas perderam tempo no alinhamento do noticiário da noite, 2,37% para 0,26% e 0,86%, para 0,68% respetivamente. Por outro lado, as restantes regiões subiram, passando de 4,87% para 9,28%. Em relação às temáticas tratadas, no Porto, dominaram os assuntos de “Partidos”, “Economia” e “Estado” e tirando os “Acidentes”, “Protestos” e “Casos de Polícia”, pouco se falou da cidade em si. Nas ilhas, a situação foi idêntica, sendo que em 1988 houve oportunidade para falar de “Problemas Sociais e Saúde”. As restantes regiões chegam ao noticiário com as temáticas que são sempre notícia independentemente do lugar onde ocorrem, como “Estado” e “Assuntos Militares”, devido à deslocação das fontes, e com assuntos negativos como “Mortes”, “Casos de Polícia”, “Julgamentos”, “Acidentes” e “Protestos”. Estas temáticas mantiveram-se em 1992, sendo que passou ainda a haver lugar para o domínio do quotidiano da população, como as “Artes”, “Curiosidades”, “Vida Social”, etc.

Para além da fraca representatividade apontada ao jornal da hora de jantar por Felisbela Lopes (1999), também nesse período a grelha da RTP carecia de um programa de informação de índole regional. Hoje em dia a realidade é um pouco diferente, existindo, desde 2005, o programa “Portugal em Direto”²¹, que aborda temas de interesse local e serve de suplemento do Telejornal. Neste, há ainda espaço para o espetador participar ativamente. “Portugal em Direto” sucedeu a “Regiões”, emitido entre 1998 e 2005. O programa acompanhava a atualidade, sob o pretexto de que “do Algarve ao Minho, se aconteceu é preciso dizer”²². Ainda assim, o jornalista Jorge Costa considera que a programação dedicada às regiões só existiu na RTP entre 1997 e 2002. Tal facto torna Portugal um dos poucos países europeus sem programação do género na televisão pública, caso distinto de Espanha e França, por exemplo (J. M. Costa, 2017).

Em 2012, Luís Miguel Loureiro pegou nos noticiários da hora de almoço dos três canais generalistas e tentou perceber se o facto de um deles ser coordenado a partir do Porto e não em Lisboa (Jornal da Tarde da RTP) influenciava a representação da região na cobertura jornalística. Para responder à questão de partida o autor analisou 705 notícias, resultantes de uma semana de observação, e classificou-as mediante três variáveis: a origem geográfica da produção, a área temática editorial e a origem geográfica dos sujeitos da notícia.

²¹ Portugal em Direto - <http://www.rtp.pt/programa/tv/p19455>

²² Regiões - <http://www.rtp.pt/programa/tv/p1155>

O autor concluiu que a distribuição da produção noticiosa depende da localização da redação a partir da qual o noticiário é coordenado, pois as notícias da RTP eram ligeiramente mais produzidas no Porto (51,9% contra 27,5% em Lisboa), ao contrário da SIC e da TVI, cujo noticiário era coordenado em Lisboa e consequentemente mais produzido na capital (67,6% e 75,5% contra 11,97% e 11,8% no Porto respetivamente). Em relação às áreas temáticas, o estudo conclui o predomínio das agendas (RTP 58, 1%, SIC 47,4%, TVI 60.6%), mas comparando os três canais, as agendas revelam “um país muito mais descentralizado na RTP (53 notícias) do que o país representado pelas agendas locais e regionais na SIC (23 notícias) e na TVI (23 notícias)” (Loureiro, 2012, p. 11). No entanto, nas televisões privadas, as regiões fora de Lisboa são muito mais representadas pelos “acidentes e crimes”. Sobre a origem geográfica dos sujeitos da notícia, o Jornal da Tarde foi o que dedicou menor percentagem às temáticas lisboetas (41,1%, contra 49,1% na SIC e 55,2% na TVI).

Mais recentemente, no seu relatório de estágio intitulado “Os Valores Notícia no Jornalismo de Proximidade: O caso da SIC Porto”, Ricardo Cruz (2017) tentou compreender o que torna um acontecimento local, no caso do Porto, notícia no terceiro canal. As conclusões não especificam os valores consoante nenhuma conceção existente, e só numa entrevista à coordenadora da redação do Porto se levantam algumas hipóteses. De acordo com Catarina Folhadela, os critérios de noticiabilidade são “a atualidade por um lado, a importância de um assunto para a região” (Cruz, 2017, p. 47), mas também a perspectiva de audiência e ainda a disponibilidade de equipas. A par da(s) notícia(s) do dia, que nunca pode(m) falhar, a coordenadora diz que o que se faz é tentar “casar” peças com perspetivas do Porto sobre assuntos que estão a ser cobertos em Lisboa.

Fora do ecrã e no domínio do papel, André Vidal aborda o assunto dos critérios de noticiabilidade locais em meios de distribuição nacionais no seu relatório de estágio, tendo como estudo de caso o jornal Público. Por exemplo, numa situação que tenha acontecido no Algarve explica que a regra seria perceber se para alguém que se encontre numa cidade qualquer, como Coimbra ou Vila Real, se iria interessar por esse assunto ou não. Ou seja, para chegarem às páginas da secção Local do Público, as notícias têm de ser abrangentes, para captar a atenção do público alvo do jornal (Vidal, 2014).

Sobre a rádio, embora não tenha sido um estudo sobre emissoras nacionais, importa notar que, numa análise aos noticiários das rádios do distrito de Setúbal, Luís Bonixe conclui que as próprias rádios locais “difundem menos notícias com interes-

se/significado local do que nacional”, considerando uma percentagem de 26,75% para 54,28%, respetivamente (2014, p. 163). A mesma discrepância verificou-se em temas de sociedade e desporto, exceto na política, situação que se explica também pelo facto de a análise ter sido feita no decorrer das eleições autárquicas.

3.2. A figura do correspondente

Seja escassa ou suficiente, na verdade, para que diariamente se conheçam notícias de proximidade nos palcos principais, que são os OCS nacionais, é necessária a atuação de atores em palcos secundários, que fazem um trabalho bem diferente dos *off* ou pequenas peças sobre esse locais, feitos pelos jornalistas das redações principais. Esses são muitas vezes baseados em *takes* da Lusa, sem qualquer confrontação direta com as fontes. Quando partem para o terreno, estes jornalistas desconhecem-no e resultam “por vezes, informações pouco rigorosas e até descontextualizadas” (Jerónimo, 2013, p. 396)

As delegações de correspondentes desempenham, assim, o papel fundamental no que concerne a este campo. A Agência Lusa é o caso português com maior rede no país, pois ao abrigo de um contrato com o Governo tem necessariamente de ter “em todos os distritos e regiões autónomas dos Açores e da Madeira” (2012, p. 5), a par de dos internacionais. A imprensa regional é

“uma importante aliada nesse processo, na medida em que é também nas redações regionais que a agência conta com colaboradores. É uma forma de garantir uma cobertura noticiosa alargada, a todo o território nacional e a partir da proximidade.” (Jerónimo, 2013, p. 118)

No caso da televisão, esses conteúdos chegam

“através das equipas de jornalistas e repórteres de imagem que resistem nos centros de produção regional da Rádio e Televisão de Portugal (RTP) ou nas delegações da TVI, seja por via dos protocolos que a SIC celebrou com instituições de ensino superior sedeadas em Bragança, Guarda, Covilhã ou Portalegre” (J. M. Costa, 2017, p. 1).

Nos órgãos de comunicação social nacionais é comum a utilização do trabalho dos correspondentes, tanto a nível internacional, como nacional, uma vez que é impos-

sível que a partir de uma única redação se chegue a todo o lado. Questão que, claro está, ainda se agravou mais com a conjuntura económica e os cortes que as empresas passaram a fazer. Mas para além desta vantagem evidente, de ter correspondentes espalhados por vários locais, haverá ainda outros benefícios e também desvantagens (Vidal, 2014). Trabalhar como correspondente será diferente de trabalhar como jornalista num órgão de comunicação regional e/ou local. Em todo o caso, haverá características e desafios no trabalho dos últimos, que poderão ser aplicados os primeiros. Diga-se, assim, que os correspondentes estão num género de nível intermédio, entre jornalistas nacionais e jornalistas regionais e/ou locais. Eis uma pequena lista de vantagens do correspondente:

- “1. Pode facilmente deslocar-se ao local;
2. Consegue identificar rapidamente as fontes que deve contactar para obter mais informações sobre o sucedido;
3. Tem uma maior proximidade com as fontes daquela região, sendo mais fácil contactá-las;
4. Ao conhecer as fontes, está mais atento a tentativas de desvirtuação da informação que estas lhe fornecem;
5. Está familiarizado com a região e, portanto, é mais provável que saiba se já aconteceram situações semelhantes e a razão por que aconteceram;
6. Ao cobrir apenas uma determinada área, pode ter conhecimento de temas que sejam susceptíveis de terem interesse para o jornal e investigar com uma maior precisão, porque conhece melhor aquela zona do que um jornalista na redacção de Lisboa” (Vidal, 2014, p. 52).

Acrescenta-se ainda uma outra vantagem, a propósito do último grande estudo da ERC (2010). É que as fontes, sejam elas nacionais ou locais, parecem estar mais disponíveis para os jornalistas dos OCS nacionais, do que para os jornalistas regionais e/ou locais. Ora, os correspondentes têm neste tipo de situação a “marca” do órgão nacional para o qual trabalham e não são tratados como correspondentes locais, mas sim como “a SIC”, a “Renascença”, ou o “Público”.

Estes “jornalistas descentralizados” trazem, no entanto, algumas desvantagens. Do ponto de vista das chefias, tornar-se-á mais complicado dirigir o trabalho à distância. Os correspondentes deslocam-se à redacção principal muito raramente e, portanto, o con-

tacto com editores, coordenadores e diretores também é, regra geral, mediado. Isto dificulta a que na redação se apercebam dos métodos, rotinas e interesses do correspondente. Por outro lado, o afastamento pode ajudar à criação de relações promíscuas com elites locais políticas e económicas. (Vidal, 2014) Assim, poderá surgir a “impossibilidade de manter o distanciamento e a independência que a ética e a deontologia jornalísticas exigem (Jerónimo, 2013, p. 11).

CAPÍTULO III: ESTUDO DE CASO

1. OBJETIVO E PERTINÊNCIA DO TEMA

Ao longo do período de estágio, a passagem pela editoria de Sociedade e pela equipa do Primeiro Jornal permitiram, para além da aprendizagem com o trabalho desenvolvido, uma maior noção de como a máquina²³ realmente funciona. Durante seis meses, acompanhar o processo da máquina significava também ouvir telefonemas entre editores ou coordenadores com outros jornalistas. Jornalistas, esses, que eu não via e que não estavam apenas à distância de algumas secretárias. De Lisboa, alguém os avisava que era necessário ir a determinado local, ou perguntava se podiam fazer determinado trabalho sobre um qualquer caso que um jornal noticiava. Por vezes só lhes perguntavam o que tinham para apresentar nesse dia. Falo dos correspondentes, cuja presença não se nota na redação que serve de motor à máquina, mas é essencial para que a máquina tenha (ou tente ter) todas as suas funcionalidades ativas.

Durante o período de estágio integrado na equipa do Primeiro Jornal, foram feitas várias peças de proximidade. Claro, mais sobre Lisboa. Por exemplo, um simples assalto a um multibanco nas redondezas da redação. O assalto tinha sido feito sem qualquer recurso a explosivos ou sinal de violência e fora levado a cabo com uma simples marreta. Na altura questionei-me em relação ao valor, importância e interesse dessa notícia para um jornal nacional, chegando até a dizer ao coordenador que na minha humilde opinião no máximo o assunto dava um *off*. Não seria só por ser em Lisboa, e por conveniência, que isso seria noticiado? Se tivesse sido feito exatamente nas mesmas condições e com a igual amplitude, mas fosse no Alentejo, também estaria no alinhamento? Foi então que algumas questões antigas começaram a ganhar outra dimensão. Cresci num meio pequeno, onde cada vez que ele era notícia na televisão, fosse pelo que fosse, não se falava noutra coisa, tão parcas eram (e são) as ocasiões em que tal acontecia. Ainda muito antes de pensar em seguir jornalismo, perguntava-me se determinado acontecimento na minha cidade não apareceria nas notícias e questionava o porquê de na maioria das vezes isso não chegar a acontecer.

²³ Máquina – conceito utilizado por Dinis Manuel Alves para definir televisão, no seu livro: “Mal Dita Televisão”, de 2011.

Em 1999, Felisbela Lopes levanta, em parte, a questão em relação à RTP e ao seu serviço público, como referido no Capítulo II. Acabaria por concluir que, entre 1988, ano de monopólio televisivo, e 1992, ano em que surgia o primeiro canal privado, havia na RTP “um constante esquecimento daquilo que se passa fora de Lisboa” (1999, p. 146). Ao estudar o Telejornal, Lopes afirmou que, nesse período, “do principal programa de informação do primeiro canal, os portugueses não receberam – como seria de esperar – um melhor e mais abrangente conhecimento da diversidade do património nacional”(1999, p. 146). As baixas percentagens de conteúdos locais que surgem como resultado deste estudo permitiram à autora afirmar, na altura, que a RTP comunicava sobretudo realidades urbanas, fechando muitas vezes aos olhos aos assuntos locais.

A par de se referir apenas ao canal público, e de ter sido elaborado há já 18 anos, o estudo de Lopes abrange conclusões apenas sobre um dos noticiários, com base em dois critérios: a temática e o tempo. Para além disso, a autora não contabiliza os conteúdos internacionais, o que, para a estatística, faz com que as percentagens sejam meramente indicativas da realidade nacional e não do noticiário como um todo. Felisbela inclui entre os assuntos regionais e locais as peças sobre temáticas nacionais feitas nesses sítios, mas será que essas merecem essa designação?

Mais de uma década depois, Loureiro (2012) seguiu uma linha um pouco diferente. Quis perceber se o local onde os noticiários televisivos são coordenados influencia, ou não, os conteúdos noticiosos que compõem o alinhamento dos mesmos. O estudo deste autor concluiu que o tratamento de agendas locais e regionais é favorecido quando a decisão editorial parte de uma estrutura também ela descentralizada.

As conclusões dizem, no entanto, respeito apenas a uma semana, que embora escolhida aparentemente ao acaso, não foi estruturada. Será uma semana suficiente para tirar boas conclusões sobre noticiários? Há semanas em que praticamente as notícias só falam do mesmo, dada a amplitude ou significância dos acontecimentos. Durante os dias analisados por Loureiro (2012) a agenda nacional marcou intensamente a agenda dos média e, portanto, temas como a terceira avaliação da *troika*, as estatísticas do desemprego, a recandidatura de Pedro Passos Coelho ao PSD e a revisão da Comissão Europeia aos dados da recessão invadiram os alinhamentos, roubando espaço a temáticas mais descentralizadas.

Loureiro refere ainda que “terá, pois, efeitos totalmente diferentes, (...) uma realidade que contemple apenas uma presença organizada por pequenas e médias delegações regionais sem autonomia nem decisão editorial” (2012, p. 13) e que o seu estudo carece de um aprofundamento e de continuidade, para que se

“possam especificar e qualificar mais detalhadamente as diferenças de conteúdo identificadas, nomeadamente ao nível do tipo de temáticas tratadas, do modo como foram tratadas, do destaque que mereceram nas edições e dos intervenientes chamados a cada uma dessas temáticas” (2012, p. 13)

Ora, é justamente nesse ponto que toca o presente relatório. O objetivo principal do estudo de caso apresentado neste capítulo é contribuir para a escassa investigação existente e perceber de que forma a “dimensão regional e/ou local” do jornalismo, que resulta em conteúdos de proximidade, se liga à “dimensão nacional” num canal televisivo como a SIC. A análise incluirá novas variáveis e outros métodos não utilizados pelas referidas acima. Primeiro, comparando os noticiários da hora do almoço com os da hora do jantar, pois acredita-se que estes apresentarão diferenças. Mudando o método da escolha do tempo de análise, e incluindo critérios não analisados nos estudos acima referidos, que serão descritos pormenorizadamente no ponto III. 2., a metodologia. Parte-se para a análise, na tentativa de perceber se a cobertura de proximidade fora do centro de Lisboa é suficiente, com a seguinte pergunta de partida:

- O que há de proximidade na informação de um canal nacional como a SIC?

1.1. Questões de Investigação

Para encontrar conclusões para pergunta de partida, o presente estudo propõe-se a responder às seguintes questões de investigação:

1. Que representatividade têm os conteúdos informativos de proximidade na SIC?
2. Do que falam esses conteúdos?
3. A que critérios necessitam de obedecer para serem alvo de cobertura?
4. Que diferenças se registam entre os conteúdos de proximidade veiculados no noticiário da hora do almoço e no da hora do jantar?

2. METODOLOGIA

Com o objetivo de encontrar resposta às questões acima colocadas desenhou-se uma metodologia mista constituída por três segmentos. Numa primeira fase, foi feita uma análise de conteúdo e utilizou-se um método quantitativo, escolhendo um *corpus* de análise que permitirá chegar a conclusões em números. Mas o jornalismo não é uma ciência exata e estes resultados não seriam suficientes para obter conclusões sólidas. Assim, juntar-se-á aos dados²⁴ recolhidos através do método anterior as ideias retiradas de dois métodos qualitativos. O primeiro é a observação participante durante os seis meses de estágio, que apesar de ser feita ao longo de um período significativo, não deixa de ser efetuada por um estagiário e, portanto, terá os seus limites e fraquezas em relação à observação que poderia ser feita por um investigador. O segundo trata-se de entrevistas semiestruturadas²⁵. No total foram efetuadas seis: três a correspondentes, uma à editora de sociedade e a duas aos coordenadores dos principais noticiários da SIC, o Primeiro Jornal e o Jornal da Noite. Através destes três métodos (análise de conteúdo, observação participante e entrevistas semiestruturadas) analisar-se-á o estudo de caso.

2.1. *Corpus*

Em relação ao método quantitativo, o *corpus* de análise tem como espaço de tempo um mês estruturado. Para tal, entre o período de estágio realizado na área de televisão, foram escolhidas quatro semanas. A primeira semana do primeiro mês, a segunda semana do segundo mês e assim sucessivamente. Chegou-se, então, a um conjunto de 28 dias composto da seguinte forma:

| | Segunda | Terça | Quarta | Quinta | Sexta | Sábado | Domingo |
|------------------|---------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|
| <i>1ª Semana</i> | 31 out. | 1 nov. | 2 nov. | 3 nov. | 4 nov. | 5 nov. | 6 nov. |
| <i>2ª Semana</i> | 5 dez. | 6 dez. | 7 dez. | 8 dez. | 9 dez. | 10 dez. | 11 dez. |

²⁴ Dados – ver anexo A

²⁵ Entrevistas – ver anexo B

| | | | | | | | |
|------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| 3ª Semana | 9 jan. | 10 jan. | 11 jan. | 12 jan. | 13 jan. | 14 jan. | 15 jan. |
| 4ª Semana | 20 fev. | 21 fev. | 22 fev. | 23 fev. | 24 fev. | 25 fev. | 26 fev. |

Tabela 1 - Mês estruturado escolhido para o *corpus*

A escolha dos dias a partir da altura em que o estágio foi feito em televisão deve-se ao facto de em setembro ainda existirem sinais da *silly season* ou, como dizem os americanos, *slow news season*. Durante esse mês, período que coincidiu com o estágio na secção do online, observou-se diariamente um grande fluxo de conteúdos locais, sendo que a maioria tratava o mesmo assunto: os incêndios. Ao escolher o mês de setembro correr-se-ia, então, o risco de obter uma amostra pouco representativa da realidade.

Utilizar o método estruturado pareceu ser a solução mais lógica para tentar minimizar algumas situações que levariam os dados a ser pouco significativos para o estudo aqui proposto. Veja-se o caso do mês de outubro, em que os crimes de Aguiar da Beira e a fuga de Pedro Dias inundaram os noticiários e, conseqüentemente, a análise. Pelo contrário, poderia dar-se o caso de escolher um período muito rico em acontecimentos de âmbito nacional ou até internacional, o que faria com que houvesse pouco material de proximidade para analisar.

Ainda em relação ao *corpus*, durante os 28 dias apresentados na **Tabela 1**, recolheram-se dados dos dois principais noticiários emitidos pela SIC generalista: o Primeiro Jornal e o Jornal da Noite. Apesar de durante o estágio se ter feito parte da equipa do noticiário da hora de almoço, alguns conteúdos chegaram a ser repetidos ou modificados para o Jornal da Noite, e achou-se que seria também pertinente escolher ambos os noticiários para avaliar as diferenças existentes entre os conteúdos de um de outro. Embora a convergência jornalística esteja presente na redação da SIC e, por isso, alguns conteúdos feitos durante o estágio transitem para a SIC Notícias, optou-se por estudar apenas o canal generalista, onde se observou e participou maioritariamente. Note-se ainda que, por vezes, o Primeiro Jornal e o Jornal da Noite são emitidos em simultâneo na SIC Notícias. A escolha destes noticiários recai também no facto de atualmente ainda existir uma parte significativa da população com acesso apenas aos canais gratuitos. Dados de 2016 revelam que a percentagem andarà entre os 23% (Marktest) e os 16% (Anacom), sendo que no televisor principal, praticamente um quarto, 24,3% mais espe-

cificamente, só teria em 2015 os canais da TDT, segundo um estudo da ERC (Cardoso et al., 2016).

Uma vez que o canal SIC Notícias não faz parte do *corpus*, excluiu-se também o site deste canal de informação. Não só por uma questão de coerência em fazer o estudo só sobre a SIC generalista, mas também porque durante os dois primeiros meses de estágio se concluiu que, além do que passa em antena, são as notícias da agência Lusa que alimentam o resto da página, e na sua maioria são sobre assuntos já noticiados em televisão. Embora, como se viu na revisão de literatura, a Internet seja um terreno fértil para o cultivo em massa de notícias de proximidade, a verdade é que durante o período de observação da equipa do online, percebeu-se que o número de conteúdos de proximidade da página, que não foram falados em televisão, era ainda irrisório.

Da metodologia acima descrita, advém um *corpus* composto por 28 dias e dois noticiários. A junção destes dois segmentos resulta numa amostra de 56 alinhamentos, com, exatamente, 1501 conteúdos jornalísticos e quase 66 horas de emissão para análise. Note-se que, para a contagem de conteúdos jornalísticos, não se consideraram os genéricos, separadores e *promos*, bem como os espaços identificados como sendo de opinião e a meteorologia.

2.2. Variáveis de Análise

De forma a facilitar a análise de conteúdo e a recolha de dados, elaborou-se uma tabela com onze variáveis que, para facilitar a leitura, se dividiu em três grupos: espacial, temporal e jornalístico. Em comum, estas tabelas têm um campo designado “nome”, que diz respeito à designação que o conteúdo jornalístico tinha no alinhamento do noticiário.

| | Nome | Origem da informação | Abrangência da informação |
|---------------------------------|-------------|-----------------------------|----------------------------------|
| <i>Data e Noticiário</i> | | | |

Tabela 2 - Parâmetros de análise espacial

Da análise espacial fazem parte dois dos onze parâmetros totais. Para o campo “**origem da informação**” consideraram-se as categorias Internacional; Lisboa; restantes distritos e ilhas e ainda indefinido, para os casos onde não é possível fazer uma classificação. No caso das localidades portuguesas foi apontado o concelho e distrito correspondente. Este campo permitirá perceber de onde chega a informação.

Na maioria das vezes o parâmetro acima descrito coincide com o da “**abrangência da informação**”, mas nem sempre isso acontece. No decorrer da recolha de dados, percebeu-se que, a título de exemplo, embora as entrevistas dos conteúdos “*TH* Costa Descentralização” e “Festa do Galo” tivessem sido feitas em Coimbra, isso não faz com que ambos sejam conteúdos de proximidade, pois no primeiro Coimbra não é notícia. O *th* é, claramente, de âmbito nacional.

Por vezes, os conteúdos são recolhidos num determinado local fora de Lisboa, apenas porque os agentes se deslocaram até lá, servindo esse lugar como meio de recolher informação para um conteúdo que é nacional. As notícias de proximidade implicam cobertura de acontecimentos locais. Assim, houve necessidade de criar esta distinção entre “**origem da informação**” e “**abrangência da informação**”. Além de se conseguir perceber que assuntos de proximidade merecem lugar nos alinhamentos dos noticiários da SIC, esta diferenciação também permitirá perceber que outros trabalhos fazem os correspondentes locais.

Em relação ao âmbito nacional, uma vez que é em Lisboa que se encontram as instituições de poder e decisão, é óbvio que a percentagem destes conteúdos vai ser maior que nos restantes distritos, mas, ainda assim, pretende-se perceber qual a diferença. Será também possível concluir qual quantidade de trabalhos feitos em Lisboa de âmbito local. A partir desta fase, os restantes parâmetros só servirão de análise às notícias locais definidas neste campo, pois é difícil colocar na mesma conclusão o âmbito local lisboeta e o âmbito local fora da capital. Tal como alerta Nielsen: “*local journalism in a major metropolitan area is different from local journalism in a medium-size provincial town or a sparsely populated countryside.*” (2015, p. 4)

| | Nome | Hora | Posicionamento | Duração |
|--------------------------|------|------|----------------|---------|
| <i>Data e Noticiário</i> | | | | |

Tabela 3 - Parâmetros de análise temporal

A par do espaço também o tempo tem neste estudo um fator decisivo, para se perceber a questão da representatividade. Assim resulta a segunda parte da tabela, onde se inseriu a “**hora**” a que o conteúdo começou, para depois calcular o seu “**posicionamento**” (abertura, início, meio, fim ou fecho de cada uma das partes). Este campo permitirá perceber se existe algum padrão e também a importância que é dada aos temas de proximidade, tendo em conta a forma com os alinhamentos se organizam. Com a “**duração**” de cada conteúdo, poderá calcular-se que percentagem do noticiário é dedicada a conteúdos de proximidade e perceber, em média, quanto duram este tipo de conteúdos.

| | Nome | Fontes | Editoria | Temática | Programação | Valor-notícia | Género |
|--------------------------|------|--------|----------|----------|-------------|---------------|--------|
| <i>Data e Noticiário</i> | | | | | | | |

Tabela 4 - Parâmetros de análise jornalística

Por fim, a última parte da tabela diz respeito a questões mais do âmbito jornalístico. Na coluna das “**fontes**”, foram distinguidos os conteúdos cuja informação é proveniente de instituições oficiais (poder local ou nacional), autoridades oficiais, tecido empresarial, associações e entidades comunitárias, agências noticiosas e público em geral. A “**editoria**” a que o conteúdo pertence e a “**temática**” abordada são parâmetros essenciais para perceber que tipo de assuntos são tratados. Com a “**programação**” pretende-se chegar à percentagem de conteúdos de proximidade que surgem com base no que está em agenda, fora da agenda ou ainda ligados à agenda (inspirados em algo que é de agenda). O “**valor-notícia**” servirá para entender que critérios de noticiabilidade levam o jornalismo de proximidade a ascender a um órgão de comunicação nacional. Neste ponto considerou-se apenas o valor mais evidente em cada conteúdo, tendo em conta a classificação de Galtung e Ruge. Finalmente é avaliado o “**género**” jornalístico, onde se

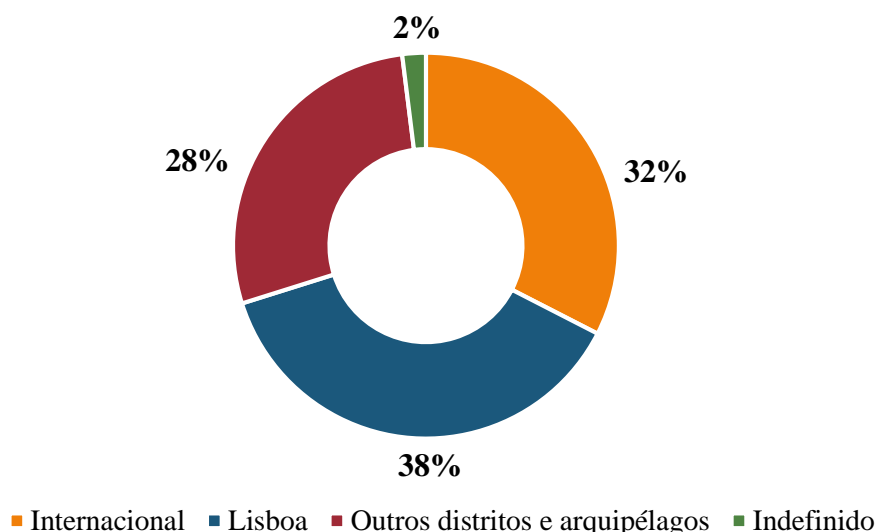
utilizou a terminologia da SIC. Para cada conteúdo foi ainda observado se este tinha sido alvo de *promo*, por se considerar que é também um indicador de relevância.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. Resultados espaciais

Analisa-se agora o *corpus* que resulta da metodologia acima descrita. Depois de observada a amostra, reuniram-se, primeiramente, os resultados em relação à origem da informação. O resultado sobre a generalidade dos conteúdos está no **Gráfico 1**.

Gráfico 1 – Origem da informação

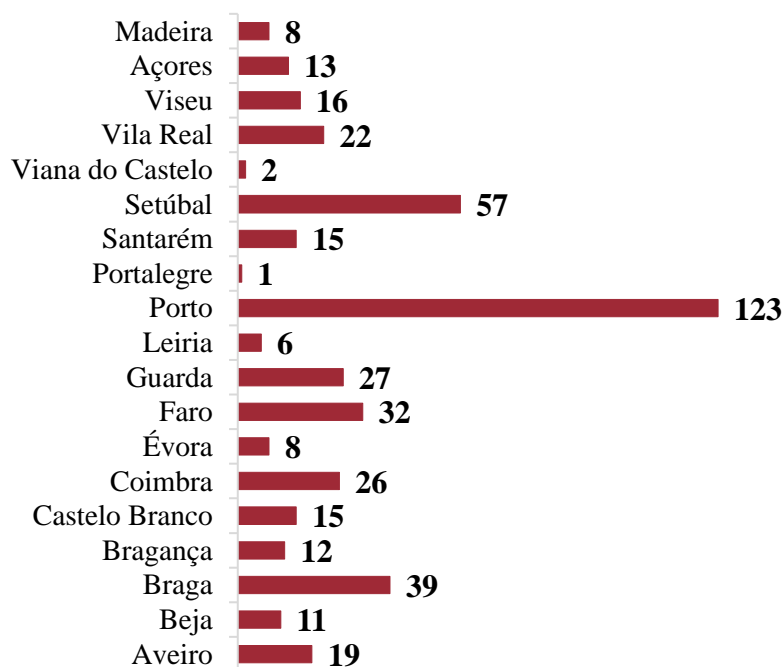


De acordo com o **Gráfico 1**, conclui-se que a maioria das informações (**68%**) chega à SIC de **locais portugueses**. Entre os 1501 conteúdos que compõem a amostra, **994** têm informação com origem em Portugal. Ainda assim, quase um terço da informação chega de fora do país, e por isso a categoria “**internacional**” ocupa **32%** do círculo. Por exemplo, declarações de Marcelo Rebelo de Sousa, em Lisboa resultam num *th* sobre o referendo italiano e, de Dakar, chega uma peça cujo ângulo é a participação portuguesa no rally. Embora a informação tenha essas origens, coincidirá essa origem com a abrangência? Marcelo poderia falar sobre o referendo no Porto ou em Madrid, que ele seria sempre um tema de abrangência internacional. Mas a participação dos portugueses no rally Dakar é um ângulo de abrangência nacional sobre um evento internacional.

Em Portugal, **Lisboa**, como seria de esperar, tem a maior percentagem de conteúdos recolhidos (**38%**), pois é na capital que se concentram as principais instituições e órgãos de poder nacional. Apenas **423** notícias chegam de **fora de Lisboa**, o que representa **28%** do total. Note-se que alguns conteúdos, ainda que muito poucos, foram colocados em mais do que uma categoria. É o caso da rubrica “Se7e” que, por norma, tem conteúdos recolhidos em Lisboa e conteúdos recolhidos em outras zonas de Portugal. Há ainda uma pequena fatia de **2%**, ocupada pelos conteúdos categorizados como “**indefinidos**”, como por exemplo uma peça explicativa do que é o *Halloween*, onde não havia nenhum entrevistado, e onde não era perceptível onde tinham sido captadas as imagens, não fazendo, por isso, sentido colocá-la, nem na categoria “internacional”, porque o *Halloween* também abrange Portugal, como também não seria correto colocá-la em Lisboa, tal como se colocaria uma peça sobre os festejos na capital portuguesa.

Ampliando a fatia vermelha do **Gráfico 1**, é possível ver em que outras regiões portuguesas foram mais, ou menos, recolhidas as informações.

Gráfico 2 – Origem da informação nos restantes distritos e arquipélagos

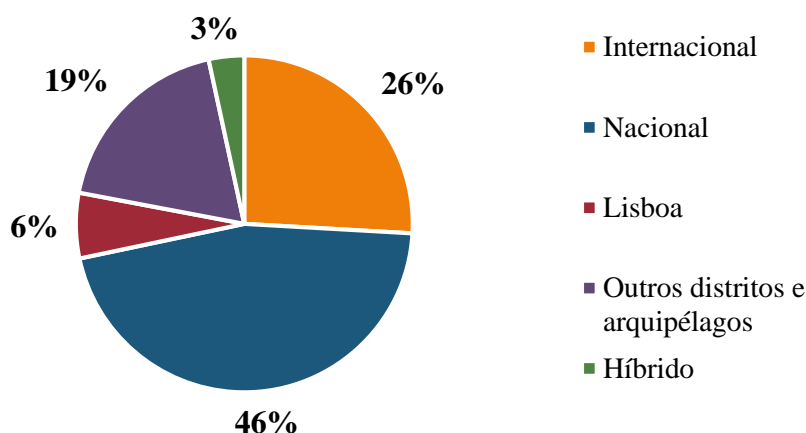


De acordo com o gráfico de barras, em Portugal, excluindo o distrito de **Lisboa** onde se recolherem **571** notícias, o **Porto** foi, manifestamente e como era de esperar, o distrito de onde chegaram mais conteúdos (**123**). Seguem-se os distritos de **Setúbal**

(57), **Braga (39)** e **Faro (32)**. Nos últimos lugares estão **Portalegre (1)**, **Viana do Castelo (2)** e **Leiria (6)**.

Apresentam-se agora os resultados em relação à abrangência dos conteúdos. É através desta classificação que se entenderá, realmente, que notícias de proximidade chegam aos noticiários da SIC, até porque se acrescenta a categoria de abrangência “nacional”. O **Gráfico 3** apresenta uma visão geral sobre a esfera de alcance de todos eles.

Gráfico 3 – Abrangência dos conteúdos



O **Gráfico 3** permite concluir, sem grandes surpresas, que a maioria dos assuntos tratados nos noticiários da SIC é de **abrangência nacional (46%)**. Independentemente da origem geográfica e terrena, quase metade dos assuntos são da esfera referente à generalidade do país e não a determinado território em específico. Por exemplo, tanto uma peça sobre a possível saída de Mário Centeno para a presidência do Eurogrupo, recolhida em Lisboa, como uma peça sobre o ponto de vista de Catarina Martins em relação às *offshores*, feita durante uma visita da deputada a Estremoz, mas cujo ângulo não é a deslocação em si nem se faz referência a ela, são peças de abrangência nacional e fazem parte da conta acima mostrada.

A segunda maior percentagem é a das notícias **internacionais (26%)**, que reúnem ainda mais um ponto percentual que os **conteúdos de proximidade (25%)**. Esta última percentagem resulta da **soma das notícias de proximidade de abrangência Lisboeta (6%)**, representada a vermelho, **com as notícias de proximidade dos restantes distritos e arquipélagos (19%)**, apresentados a roxo. Conclui-se, então que, durante o período de análise $\frac{1}{4}$ dos conteúdos emitidos na informação da SIC eram de proximi-

dade. Repare-se que a percentagem atribuída a **Lisboa** neste gráfico (**6%**) é muito diferente daquela que a categoria ocupa no **Gráfico 1 (38%)**, o que mostra que em Lisboa, apesar da quantidade de informação recolhida, pouca é de proximidade.

A coordenadora do JN, Marta B. dos Reis, justifica a disparidade em relação à capital com o facto de em Lisboa se dedicar muito do tempo ao acompanhamento das agendas dos principais decisores nacionais: “À partida a maior parte do teu noticiário ronda à volta dessas pessoas, portanto vai ter sempre um impacto nacional que faz negligenciar a parte local de Lisboa”. Por outro lado, a editora de Sociedade da SIC, Isabel Horta, explica que mesmo os assuntos de proximidade têm que ter um interesse nacional: “Não damos nada que tenha apenas uma perspetiva só para Lisboa, não é!? Não vamos fazer só o buraquinho na Junta de Freguesia não sei de onde. O critério é exatamente o mesmo para Lisboa, ou para Freixo de Espada à Cinta”.

Também as percentagens da categoria “**outros distritos e arquipélagos**” mudam de **28%** no **Gráfico 1**, para **19%** neste gráfico passando a **279 notícias**. Essa diferença explica-se pela quantidade de conteúdos de abrangência nacional feitos fora de Lisboa. Por exemplo, uma peça de resumo do clássico entre o Futebol Clube do Porto e o *Sport* Lisboa e Benfica, ou de um *talking head* em que Pedro Passos Coelho fala sobre o Novo Banco. O facto de ambos os conteúdos terem tido origem fora de Lisboa, no Porto e em Évora, respetivamente, não fazem deles conteúdos de proximidade. Um jogo da I Liga de Futebol portuguesa é, independentemente do clube e do local onde acontece, de abrangência nacional, assim como a polémica à volta da queda de uma instituição bancária. Um conteúdo de proximidade será um direto de uma casa do Benfica em Faro onde se mostra o ambiente dos adeptos daquela localidade, ou uma peça que resume a visita do ex-Primeiro-ministro à cidade de Évora.

A par das temáticas de proximidade e das temáticas claramente nacionais, os correspondentes fazem também trabalhos que, embora sejam elaborados num contexto local, esse contexto é, apenas e só, uma forma de se conseguir ou de se fazer um conteúdo nacional. No decorrer da recolha de dados, encontraram-se apenas dois casos entre as 279 notícias. Um deles, a título de exemplo, era uma peça sobre um estudo que avança números em relação ao consumo de cerveja em Portugal. Este foi considerado um conteúdo de âmbito nacional, pois o facto de se ter feito uma entrevista numa cervejaria em Vila Real em nada muda os dados e esta é apenas uma forma de os sustentar. É indiferente se a cervejaria é em Vila Real ou em Santarém, pois o local da entrevista é ape-

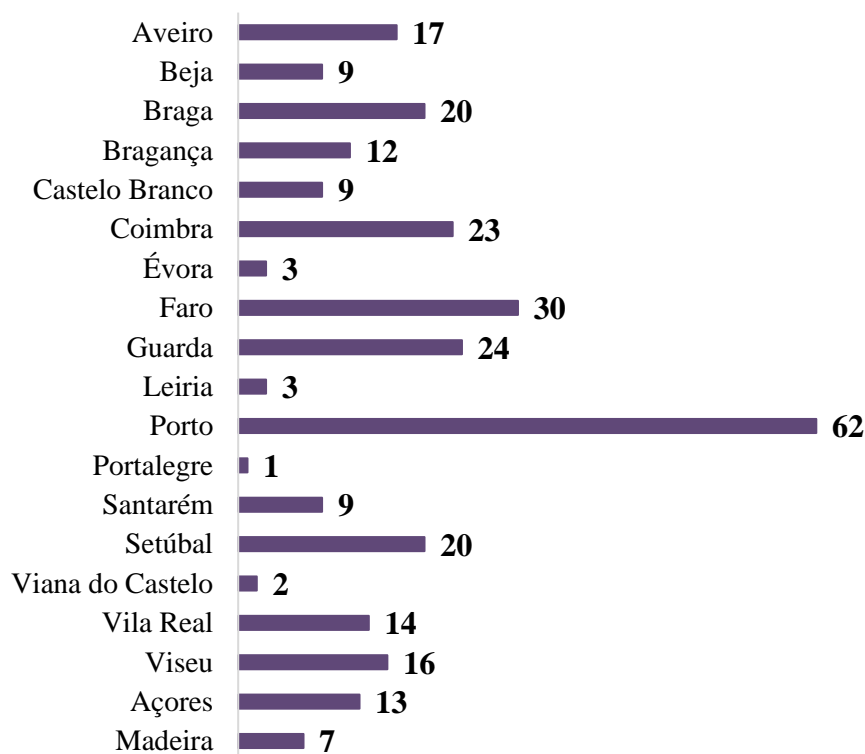
nas um meio de fazer um conteúdo nacional e não é a cervejaria de Vila Real que é notícia.

Desta forma, cabe aos correspondentes uma preparação muito completa. Talvez por isso, quando questionados sobre a legitimidade de lhes atribuir o rótulo de especialistas no terreno, os correspondentes entrevistados não concordem. “Acho mais correto dizer que somos jornalistas generalistas. Tanto fazemos sociedade, como política, desporto, economia e às vezes até internacional (quando saímos para Espanha)”, diz João Faiões, correspondente em Bragança. A coordenadora do Jornal da Noite fala ainda de outra questão: “se nós tivermos algum assunto que a redação principal não consegue dar resposta, podemos recorrer ao correspondente, como mais um braço para ajudar a dar conta do fluxo que nós não conseguimos dar conta da redação principal.”

Ainda sobre o **Gráfico 3**, note-se que a fatia de **3%** corresponde à categoria “**indefinido**”, atribuída a conteúdos não caracterizáveis. Exemplo disso é uma peça sobre a central nuclear de Almaraz. Embora seja em Espanha, a sua proximidade a Portugal faz com que o assunto seja também de interesse nacional. É uma notícia que reúne fontes espanholas e portuguesas, e que fala da central através de um ângulo, tanto nacional, como espanhol, sendo por isso de difícil classificação. São conteúdos como este que fazem parte da fatia verde do gráfico circular.

No **Gráfico 4**, amplia-se o pedaço de cor do gráfico anterior. A partir deste ponto exclui-se o jornalismo de proximidade do **distrito de Lisboa**, uma vez que se pretende perceber mais detalhadamente a proximidade fora desta esfera particular. Apesar de haver uma diferença considerável em relação ao número de conteúdos nacionais e ao número e conteúdos de proximidade feitos na capital, e a percentagem dos últimos seja apenas de 6%, a verdade é que no distrito de Lisboa se regista, ainda assim, o maior número de conteúdos de proximidade. André Antunes, coordenador do PJ, diz que “é natural”, tendo em conta que nele está a capital do país. A cidade de Lisboa, por si só tem vindo a crescer e, a par da política e da economia, também o turismo e as iniciativas têm-na tornado “uma cidade muito viva”. O coordenador refere que não se trata de haver “uma visão *Olisipocêntrica*, em que Lisboa está no centro do mundo”, mas que a verdade é que por todos os aspetos acima referidos é-lhe prestada mais atenção.

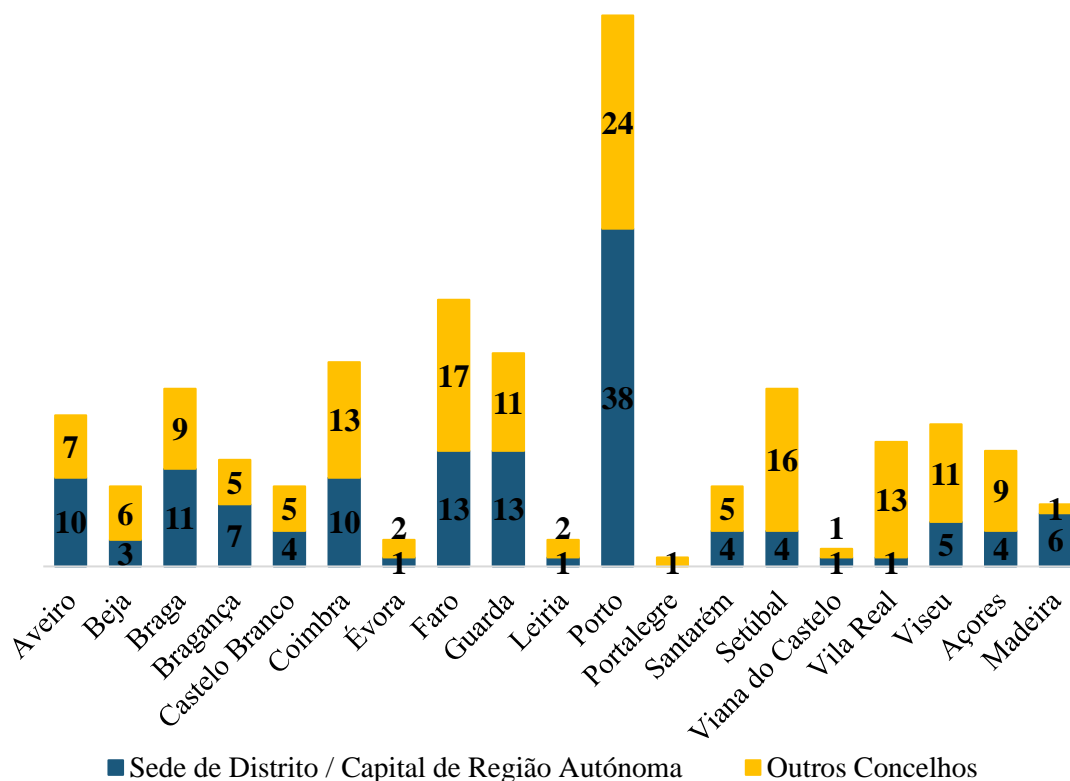
Gráfico 4 – Âmbito nos restantes distritos ou arquipélagos



Dos **1501 conteúdos analisados**, **373** são de **proximidade**, mas sendo que **94** são referentes a **Lisboa**, sobram **279** para as **restantes regiões**. Depois de Lisboa, o distrito do **Porto** é o que mais se demarca, contabilizando **62** notícias, o equivalente a **4%** do total dos noticiários. Este número é praticamente metade do valor apresentado no **Gráfico 2**, o que mostra que as quantidades de jornalismo de âmbito nacional e de jornalismo de proximidade deste distrito são praticamente as mesmas. Passando para os restantes distritos e para os dois arquipélagos, as percentagens oscilam entre os **0%** e os **2%**. Entre as regiões mais noticiadas, correspondendo a **2%**, estão **Faro** com **30** conteúdos, **Guarda** com **24** e **Coimbra** com **23**. Das barras com menor comprimento, representando os distritos menos noticiados e com percentagem quase nula, estão **Portalegre** (**1**), **Viana do Castelo** (**2**), **Leiria** (**3**), **Évora** (**3**). Comparativamente ao **Gráfico 2**, o **Gráfico 4** mantém os mesmos três distritos nos últimos lugares do *ranking*, mas altera os que ficam no pódio. Setúbal e Braga descem em número de conteúdos, neste gráfico porque o primeiro distrito é o local dos centros de treino do Sporting e do Benfica, e o segundo, o local onde joga o Sporting de Braga. Estes temas foram considerados de abrangência nacional, visto que os conteúdos se referiam à I liga de futebol.

E será que no próprio jornalismo de proximidade também existe uma tendência para a centralização? De entre os conteúdos que compõem o gráfico de barras acima colocado, quis-se perceber se o concelho sede de distrito ou capital do arquipélago, é mais, ou menos noticiado que os restantes concelhos. O resultado está no **Gráfico 5**.

Gráfico 5 – Nível de centralização dos conteúdos de proximidade



De acordo com o **Gráfico 5**, na maioria dos casos, as notícias de proximidade são sobre outros concelhos que não o da sede de distrito, ou da capital da região autónoma a que pertencem. Apenas **6** das 19 zonas (**Aveiro, Braga, Bragança, Coimbra, Porto e Madeira**), viram o seu principal concelho ser mais noticiado do que os restantes.

Veja-se agora a relação entre a quantidade de notícias por distrito e o número de jornalistas que cobre a zona. Na redação de **Lisboa**, há **82** jornalistas. O **Porto**, que funciona como segunda redação, conta com o trabalho de **15**. Em relação às delegações, a maior situa-se em **Coimbra**, onde trabalham **quatro** jornalistas correspondentes, seguida de **Faro**, onde trabalham **dois**. As restantes delegações têm apenas **um** correspondente, sendo que os distritos de **Beja, Braga, Leiria, Santarém, Setúbal e Viana do**

Castelo não têm delegação. 77% dos conteúdos de proximidade aqui estudados são sobre zonas **com delegação**. Terá o número de jornalistas influência na quantidade de notícias da zona de cobertura?

A editora de Sociedade responde que não. Segundo a jornalista, o que o determina é simplesmente o facto de haver ou não temas com “interesse nacional, ou seja, que não interesse só à população daquela zona” e é o volume de trabalho que a SIC dá naquela zona” que justifica as diferenças entre o número de correspondentes por delegação. Por outro lado, o coordenador do PJ refere que o que influencia a cobertura de determinada zona é “o facto de haver menos acontecimentos, haver menos realidade a acontecer nos outros locais”. E daí a diferença em relação a Lisboa. Já a coordenadora do Jornal da Noite afirma que a “importância económica da cidade ou do local” e a densidade populacional são também fatores a ter em conta. Certo é que, fluxo informativo à parte, os correspondentes entrevistados referem que a percentagem de conteúdos sugeridos por si ronda os 70% - 85%, pois além de serem eles que estão no terreno, como refere Frederico Correia, os pedidos pela redação em Lisboa, normalmente, estão relacionados com a agenda política nacional, conta o correspondente Luís Godinho.

Tabela 5 - População, Notícias e Jornalistas por distrito²⁶

| <i>Distrito</i> | P²⁷ | % | R | N | % | R | J | % | R |
|-----------------------|-----------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| <i>Aveiro</i> | 714197 | 6,77 | 5 | 17 | 4,38 | 8 | 1 | 0,88 | 5 |
| <i>Beja</i> | 152758 | 1,45 | 18 | 9 | 2,32 | 13 | 0 | 0 | 16 |
| <i>Braga</i> | 848185 | 8,03 | 4 | 20 | 5,15 | 6 | 0 | 0 | 16 |
| <i>Bragança</i> | 136252 | 1,29 | 19 | 12 | 3,09 | 12 | 1 | 0,88 | 5 |
| <i>Castelo Branco</i> | 196264 | 1,86 | 15 | 9 | 2,32 | 13 | 1 | 0,88 | 5 |
| <i>Coimbra</i> | 430104 | 4,07 | 9 | 23 | 5,93 | 5 | 4 | 3,51 | 3 |

²⁶ P – População / R – *Ranking* / N – Notícias / J – Jornalista

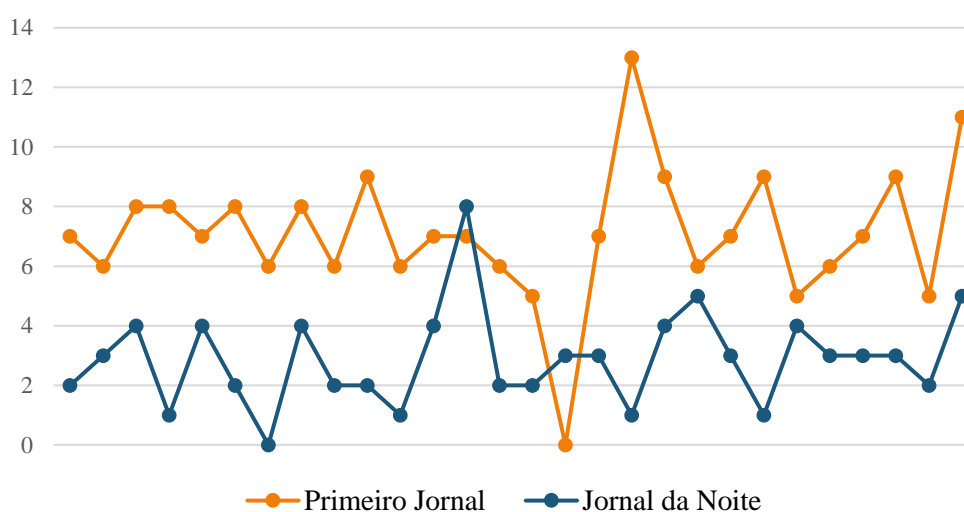
²⁷ Dados dos censos 2011

| | | | | | | | | | |
|-------------------------|---------|-------|----|----|-------|----|----|-------|----|
| <i>Évora</i> | 166726 | 1,58 | 16 | 3 | 0,77 | 17 | 1 | 0,88 | 5 |
| <i>Faro</i> | 451006 | 4,27 | 8 | 30 | 7,73 | 3 | 2 | 1,75 | 4 |
| <i>Guarda</i> | 160939 | 1,52 | 17 | 24 | 6,19 | 4 | 1 | 0,88 | 5 |
| <i>Leiria</i> | 470922 | 4,46 | 6 | 3 | 0,77 | 17 | 0 | 0 | 16 |
| <i>Lisboa</i> | 2250533 | 21,32 | 1 | 94 | 24,23 | 1 | 82 | 71,93 | 1 |
| <i>Portalegre</i> | 118506 | 1,12 | 20 | 1 | 0,26 | 20 | 1 | 0,88 | 5 |
| <i>Porto</i> | 1817175 | 17,21 | 2 | 62 | 15,98 | 2 | 15 | 13,16 | 2 |
| <i>Santarém</i> | 453646 | 4,3 | 7 | 9 | 2,32 | 13 | 0 | 0 | 16 |
| <i>Setúbal</i> | 851258 | 8,06 | 3 | 20 | 5,15 | 6 | 1 | 0,88 | 5 |
| <i>Viana do Castelo</i> | 244836 | 2,32 | 13 | 2 | 0,52 | 19 | 0 | 0 | 16 |
| <i>Vila Real</i> | 206661 | 1,96 | 14 | 14 | 3,61 | 10 | 1 | 0,88 | 5 |
| <i>Viseu</i> | 377653 | 3,58 | 10 | 16 | 4,12 | 9 | 1 | 0,88 | 5 |
| <i>Madeira</i> | 262302 | 2,48 | 11 | 7 | 1,8 | 16 | 1 | 0,88 | 5 |
| <i>Açores</i> | 246772 | 2,34 | 12 | 13 | 3,35 | 11 | 1 | 0,88 | 5 |

De facto, Lisboa e Porto são os distritos mais noticiados e correspondem aos com mais população e também com mais jornalistas para a área de cobertura. Mas nos restantes distritos a questão não é tão linear. Os mais povoados não são necessariamente os mais noticiados, nem os distritos menos povoados são os menos noticiados. Em relação ao número de jornalistas também parece não haver grande influência. Guarda, que tem apenas um correspondente é 4º distrito mais noticiado, e em Coimbra, onde existem 4 correspondentes, a posição em relação ao número de notícias é a 5ª.

No **Gráfico 6**, os conteúdos de proximidade, fora Lisboa, encontram-se dispostos por quantidade em relação aos dois noticiários do dia.

Gráfico 6 – Conteúdos de proximidade por noticiário



Ao longo dos 28 dias analisados, o Primeiro Jornal teve quase sempre mais conteúdos de proximidade do que o Jornal da Noite, à exceção de dois dias. A 10 de dezembro, o Jornal da Noite teve oito, mais um que o Primeiro Jornal, sem que aparentemente haja um motivo. A 10 de janeiro, o Primeiro Jornal não contabilizou notícias de proximidade, contra três do Jornal da Noite. Este foi o dia do funeral de Mário Soares, e a emissão da hora do almoço foi, na totalidade, um direto da cerimónia e do que aconteceu à volta da mesma.

Através do **Gráfico 6**, é possível verificar que o número de notícias de proximidade, fora de Lisboa, variou **entre 0 e 13 no Primeiro Jornal**, e **entre 0 e 8 no Jornal da Noite**. O noticiário da hora do almoço registou em **média 7** notícias com este tipo de abrangência, enquanto que o noticiário da hora do jantar teve em **média 3**, menos de metade. No PJ, a **moda** é haver **6** notícias de proximidade, fora de Lisboa, e no JN, a maioria das vezes, há **2** do género. Dividindo a amostra por estes dois noticiários, **71%** dos conteúdos pertencem ao **Primeiro Jornal**, e **29%** ao **Jornal da Noite**. Grosso modo, a razão é de quase $\frac{3}{4}$ para pouco mais de $\frac{1}{4}$, respetivamente. Em **média o Primeiro Jornal tem 30 peças** e o **Jornal da Noite tem 23**. No total dos dias observados o noticiário das 13h registou 853 peças, das quais **198** foram de proximidade fora de Lisboa. No noticiário das 20h, em 648 peças, **81** foram deste mesmo género. Em média, **23%** das peças no PJ são fora de Lisboa e no JN, **12%**.

De acordo com a coordenadora do **JN**, a discrepância dos números deve-se ao diferente ADN e aos diferentes públicos dos noticiários: “a pessoa, à noite quando quer ver o jornal não está à procura dos mesmos assuntos do que uma pessoa que está no jornal à hora de almoço”. O coordenador do **PJ** acrescenta que a aposta nas “histórias de proximidade, no Primeiro Jornal, tendo em conta a audiência, acabam por funcionar bastante bem”, mas que à noite o público é diferente e, portanto, os assuntos têm de ser diferentes, pois “já estamos a falar de outro tipo de classes sociais, de pessoas com outro tipo de estudos”.

3.2. Resultados temporais

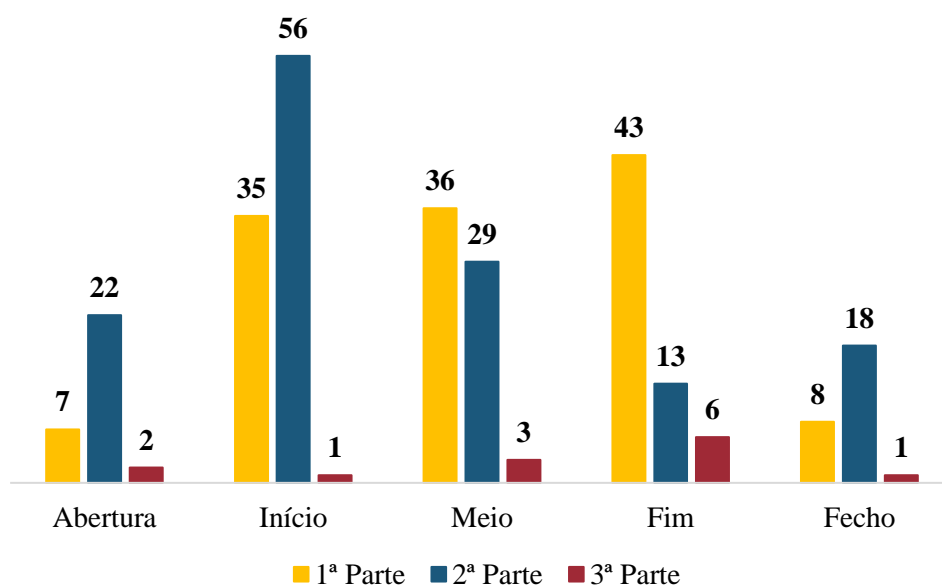
Terminada a parte de análise espacial, é necessário olhar para os dados tendo em conta o fator tempo. O Primeiro Jornal da SIC, por norma, vai para o ar às 13 horas em ponto e é constituído por duas partes, apresentando em média uma duração de 1 hora e 09 minutos. Na amostra que serve este estudo de caso, o Primeiro Jornal teve três partes apenas no dia 31 de outubro. Já o Jornal da Noite, segundo noticiário estudado, costuma ter início às 19h58 e divide-se em duas partes. Ainda assim, durante o período de análise, na primeira semana todos os noticiários da noite tiveram três partes com exceção do dia 3 de novembro que apenas teve uma parte devido à transmissão de um jogo de futebol e do dia 5 do mesmo mês que teve duas partes. Também na segunda semana, a 6 de dezembro o noticiário teve uma terceira parte. Em média as emissões do Jornal da Noite duraram 1 hora e 10 minutos.

Do total de noticiários vistos, somam-se 65 horas e 46 minutos de emissão. Desse tempo, os **conteúdos de proximidade** analisados neste estudo ocuparam **12 horas e 51 minutos**, o que equivale a **20%**. Este valor tem diferentes representatividades consoante o noticiário. No **Primeiro Jornal**, foram ocupadas 7 horas e 32 minutos, que quando comparadas com o tempo total de emissão (32 horas e 38 minutos), correspondem a **23%**. Já no **Jornal da Noite**, das 33 horas e 6 minutos de emissão, foram ocupadas 5 horas e 19 minutos, ou seja **16%**. O coordenador do **PJ** refere que no noticiário das 13h há mais tempo para as histórias de proximidade, uma vez que, “apesar de terem durações parecidas o Jornal da Noite, acaba por ter rubricas quase todos os dias. (...) Em termos úteis acaba por ter menos tempo para as pequenas peças e notícias do dia.”

Mas apesar de haver mais tempo dedicado à proximidade ao almoço, a proximidade por conteúdo dura mais tempo ao jantar. Em **média**, os conteúdos deste género têm uma duração de **2 minutos e 46 segundos**, sendo que no **Primeiro Jornal** a média é de **2 minutos e 17 segundos**, e no **Jornal da Noite** é de **3 minutos e 49 segundos**. Este valor superior do noticiário da noite justifica-se com o facto de, para a estatística, contarem vários géneros jornalísticos e de no JN, haverem mais rúbricas e reportagens, que têm maior duração, do que no PJ. A coordenadora do noticiário da noite explica que “as peças do Jornal da Noite são mais densas, são peças mais de análise”, do que as peças do Primeiro Jornal. Ao almoço há menos tempo para as fazer, o que as torna “mais simples, mais *straightforward*.”.

Veja-se agora, no **Gráfico 7**, as partes dos noticiários onde se concentram este género de conteúdos.

Gráfico 7 – Posicionamento geral nos alinhamentos



De acordo com os dados acima tratados, conclui-se que a maioria dos conteúdos de proximidade se concentrou na **segunda parte** dos noticiários (**139**), o que corresponde a **49%**. Já a **primeira parte** registou menos 11 do que segunda, ou seja **46%**. Tendo em conta o facto de os noticiários raramente terem uma **terceira parte**, esta foi a que registou menos conteúdos (**13**), o equivalente a **5%**. Dos 56 noticiários estudados, apenas **7** tiveram uma **abertura** com temas de proximidade, embora ainda haja uma quan-

tidade considerável de conteúdos que abrem a segunda parte (22). Os temas de proximidade serviram de **fecho** aos noticiários 19 vezes.

É também possível concluir que a maioria dos conteúdos são alinhados, ou no **início da segunda parte (57)**, ou no **fim da primeira (43)**, havendo também quantidades significativas no **meio e início da primeira parte (36/35)** e no **meio da segunda (29)**. É importante ter em conta que estes resultados também se relacionam com o facto de as temáticas e as editorias terem um espaço previamente definido (quando possível) no alinhamento, uma vez que este também é feito por blocos. Veja-se para já as diferenças entre os alinhamentos do PJ e do JN, nos **Gráficos 8 e 9**.

Gráfico 8 – Posicionamento no Primeiro Jornal

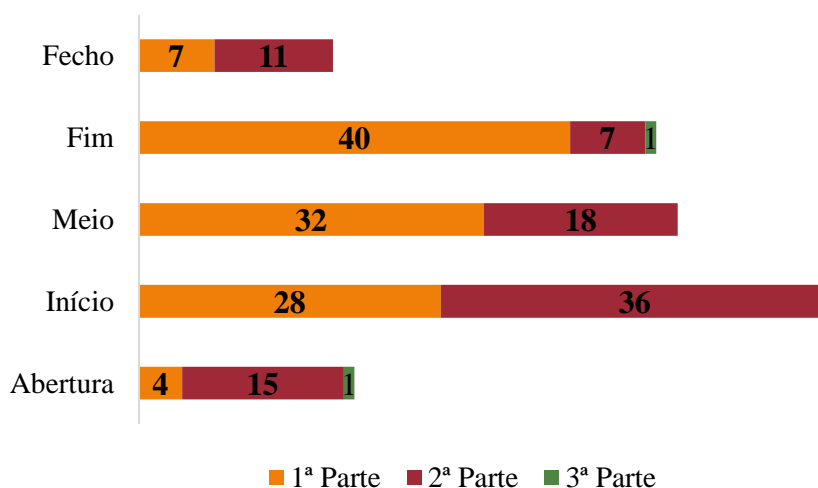
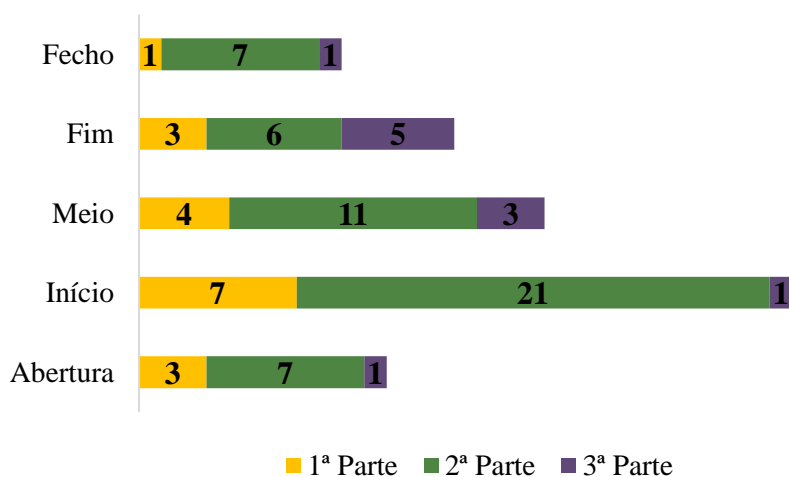


Gráfico 9 – Posicionamento no Jornal da Noite



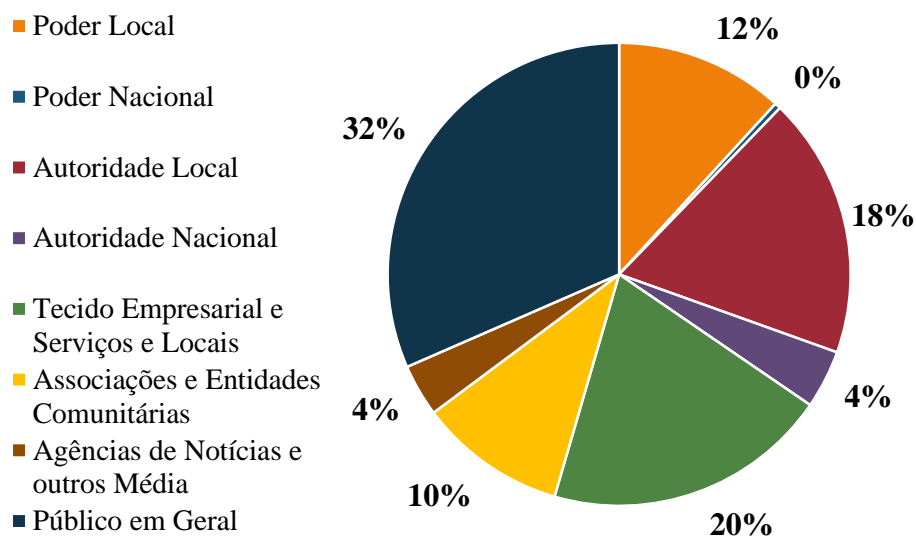
No **Primeiro Jornal**, há uma maior incidência de conteúdos de proximidade na **primeira parte (110)**, seguida da **segunda (87)**. O **fim da primeira parte (40)** e o **início da segunda parte (36)** são os horários que concentram mais notícias deste tipo. O noticiário da hora do almoço teve **4** vezes uma **abertura** com um tema de proximidade, por exemplo com um protesto na ilha do Farol contra as demolições das casas. Por outro lado, no **Jornal da Noite**, a maioria destes conteúdos são emitidos na **segunda parte (52)**, com uma grande diferença da **primeira** onde se contaram apenas **18**, mais 7 que na terceira parte. As notícias de proximidade aparecem mais no início e no meio da **segunda parte (21/11)** e marcaram a **abertura** deste noticiário **3** vezes, uma delas, a título de exemplo o caso de duas jovens que estavam desaparecidas e que, entretanto, foram encontradas mortas.

Sobre a abertura, momento chave do noticiário, o coordenador do PJ refere que qualquer esfera pode ascender à cabeça do jornal. “Uma notícia pode valer por si e pode valer para abrir o jornal independentemente de ser uma notícia centrada em Lisboa, no Porto, em qualquer delegação em qualquer parte do país ou nas ilhas... ou no mundo”, refere. Já a coordenadora do JN explica que uma notícia que tenha ocorrido durante o dia só abrirá o jornal das 20h se ainda estiver “viva”, e dá como exemplo uma greve que, “pode ter aberto no Primeiro Jornal porque a greve estava a acontecer nessa altura, mas se calhar no Jornal da Noite é só um *off* a dizer que os trabalhadores daquela empresa fizeram greve.”

3.3. Resultados jornalísticos

Passando à análise de critérios jornalísticos, o **Gráfico 10** dá conta das fontes mais citadas nos conteúdos de proximidade que chegaram aos noticiários da SIC.

Gráfico 10 – Fontes dos conteúdos de proximidade



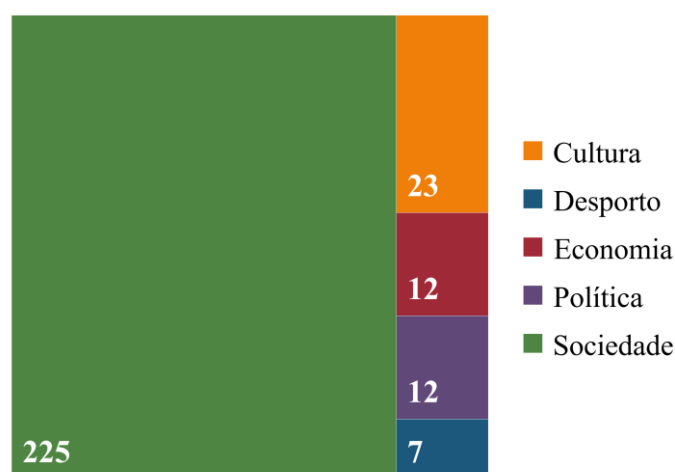
A principal fonte utilizada para os conteúdos de proximidade foi o **público em geral**, ou a população local (32%) fazendo parte de 147 dos 271. Seguem-se as fontes relacionadas com o **tecido empresarial e serviços locais** (20%) e logo depois as **autoridades locais** (18%). Destaque ainda para as **associações de entidades comunitárias**, a atingir os 10%. Em termos de fontes relacionados com o **poder**, no conjunto elas representam 12%, sendo que a esmagadora maioria é de nível **local** (85) e são irrisórias as referências a **nível nacional** (18). Nos últimos lugares surgem, com igual presença (4%), as **agências de notícias e outros média**, e as **autoridades nacionais**.

Sobre a proximidade com as fontes, considera João Faiões que a questão “tem mais vantagens do que desvantagens”. Destaca, claro, o fluxo informativo que delas advém e o facto de haver mais garantias de que nada acontece sem o conhecimento dos jornalistas. Diz também que “o mais importante é saber gerir a relação com as fontes quer a nível de credibilidade, quer impondo limites de proximidade”. Para além deste ponto de vista, todos os correspondentes parecem concordar com o que Barriga (2017) proferiu no 4º congresso dos jornalistas: “Somos todos jornalistas e somos todos jornalistas de proximidade”. Na opinião de Luís Godinho, “um jornalista que acompanha os trabalhos na Assembleia da República, que cobre a vida das empresas cotadas em Bolsa ou que tem nas agências de comunicação antigos camaradas de redação estará seguramente mais exposto a esse problema da excessiva proximidade com as fontes do que um correspondente que tem uma vasta área de cobertura” e fala no seu caso que são mais de

30 municípios. Para Frederico Correia, que dá exemplos semelhantes, “as responsabilidades éticas e deontológicas não se regem pelo jornalismo ser local ou regional, são uma questão de princípio”.

Passando à parte relacionada com o que falam os conteúdos de proximidade, o **Gráfico 11** dá conta da classificação quanto à editoria.

Gráfico 11 – Conteúdos de proximidade por editoria



A editoria de **Sociedade** é a que soma mais conteúdos. São **225**, o que corresponde a **81%**. Seguem-se **Cultura** com **8%**, **Política** (**4%**), **Economia** (**4%**) e **Desporto** (**3%**). Em relação aos noticiários, também a predominância de Sociedade se nota, sendo a editoria com mais espaço em ambos. No entanto, seguidamente a Sociedade, o **Primeiro Jornal** dá preferência a temas de proximidade **económicos** (**6%**) e **culturais** (**5%**), sendo que no **Jornal da Noite**, se assiste a uma maior representatividade da **Cultura** (**16%**) e da **Política** (**9%**) locais.

Estreitando um pouco mais os dados, dentro de cada editoria, e consoante os noticiários, as temáticas abordadas revelam algumas diferenças. O **Primeiro Jornal** opta por noticiar mais **Festividades e Tradições** (**20%**), com peças do género “Festival da Lampreia em Penacova”. Seguem-se **Casos de Polícia** com **13%** e a **Justiça** com **9%**, com os homicídios ou os julgamentos mais mediáticos. No **Jornal da Noite**, a maior percentagem (**19%**) é dedicada a **Casos de Polícia**, seguidos da **Justiça** e da **Saúde** (ambas com **12%**), por exemplo casos de negligência médica. Neste noticiário a temática das **Festividades e Tradições** desce aos **11%**.

Sobre os temas que sugere, Luís Godinho diz que são “sobretudo temas sociais, economia (pequenas e médias empresas, sobretudo nos setores da agricultura) e turismo (incluindo gastronomia e vinhos)”, admitindo que boa parte do conteúdo é “destinado, em primeira linha, ao Primeiro Jornal. A par desses assuntos, o jornalista destaca a “agenda política (em particular para a SIC Notícias) e as questões relacionadas com criminalidade (quando são consideradas relevantes de um ponto de vista nacional).” André Antunes, levanta a questão da sazonalidade e da caracterização e especificidade das regiões: “Se for verão, se calhar pedimos ao Algarve mais reportagens viradas para a realidade do turismo. Se calhar eu peço aos correspondentes do centro do país mais sobre os incêndios, ou regresso dos imigrantes às terras. Além desta questão da sazonalidade também tem a ver com as realidades dos locais e dos distritos. Tem um pouco a ver com a riqueza daqueles distritos.”

Em relação à origem dos conteúdos, o **Gráfico 12** mostra a forma como estes surgem.

Gráfico 12 – Nível de programação dos conteúdos de proximidade

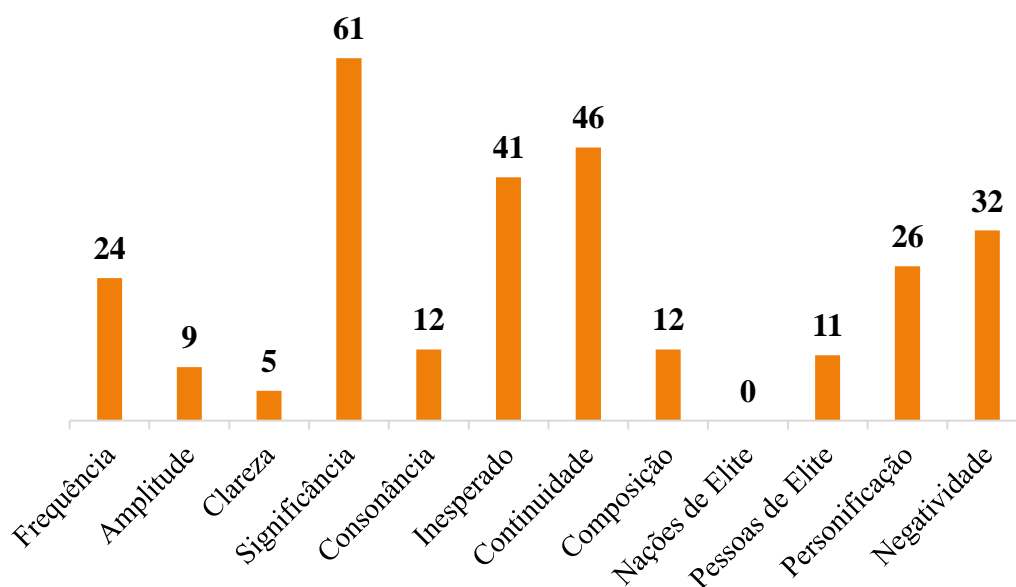


Na maioria dos casos, mais precisamente em **46%**, as notícias de proximidade são sobre assuntos de **agenda**. Seguem-se os assuntos **fora de agenda**, **40%**, e com **14%** os **ligados à agenda**. Há quase que um equilíbrio entre agendados e não agendados. A agenda de proximidade desdobra-se entre “política, julgamentos e outros acontecimentos da atualidade” pedida, por norma, pela redação principal, como explica João Faiões, ou “algum *fait-diver* (..), uma feira disto, um encontro não sei do quê, um restaurante disto, um passeio de não sei que mais, o festival do balão, o festival da alheira” refere a coordenadora do JN. Fora da agenda, claro os “casos e histórias que se distin-

guem (...) projetos de sucesso (...), incêndios, acidentes, alguns tipos de crime” sugeridos.

Mas o que fará, realmente, este género de assunto chegar a ser notícia de proximidade num órgão de comunicação nacional? O **Gráfico 13** mostra os principais critérios de noticiabilidade utilizados.

Gráfico 13 – Critérios de noticiabilidade para a proximidade



Através do **Gráfico 13** é possível verificar que a maioria das notícias de proximidade tem como principal valor notícia a **significância**, representando **22%**. Seguem-se valores como a **continuidade (17%)**, o **inesperado (15%)**, a **negatividade (11%)**, e a **personificação (9%)**. Entre o Primeiro Jornal e o Jornal da Noite, não se registam diferenças significativas em relação aos critérios de noticiabilidade.

O facto de o valor da **significância** ser o que obteve maior percentagem não parece surpreendente pois associado a este valor está também o da proximidade. Não será coincidência a prevalência da significância, uma vez que, entre os assuntos de proximidade, predominam temas de Sociedade e Cultura. Exemplo disso são as peças inseridas na temática “Festividades e Tradições”, que está entre as que obtiveram maior percentagem em relação aos assuntos abordados. Muitos destes conteúdos acabam por ter relevância e suscitar um sentimento de proximidade cultural com o espectador.

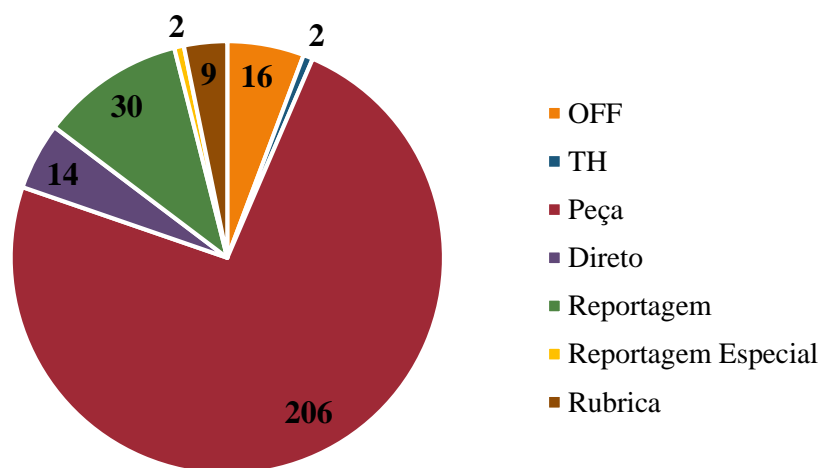
A **continuidade** aparece muitas vezes associada à quantidade de notícias *follow up* que existem. Há muitos acontecimentos de proximidade, em especial os casos de polícia e de justiça que são frequentemente atualizados com novos dados. O caso de Pedro Dias, ou o desaparecimento de uma criança em Ourém foram os maiores exemplos encontrados. Este género de assuntos de criminalidade explica também a prevalência dos valores do **inesperado** e da **negatividade**, sendo que o do inesperado também se associa muito ao bizarro e à novidade, por exemplo uma peça sobre um padre que seguia de carro em contramão ou sobre a remoção de um objeto fálico do centro de São João da Madeira.

Na SIC há uma grande tendência para usar a **personificação**, começando cada peça por um caso particular e mostrando o resto da história como uma consequência da ação desse sujeito. Por exemplo, uma peça sobre o Carnaval de Ovar onde a abordagem é a das pessoas que assistem ao corso. Durante a entrevista de seleção para o estágio, foi pedido que se contasse como começava a última peça de televisão feita na faculdade. Tratava-se de uma pequena reportagem sobre a Conserveira de Lisboa, que começava por dizer que a loja se situava na rua dos bacalhoeiros e que era centenária. Depois, o subdiretor da SIC, o jornalista José Gomes Ferreira, explicou que a peça sobre a conserveira deveria ter começado com o caso de um dos clientes, para depois então mostrar a loja, partindo do particular e personificando. Ao longo do estágio esta ressalva permaneceu na memória, e foi-se sempre tentando aplicá-la. Hoje, escreve-se este relatório na certeza de que se se voltasse em reportagem à conserveira, o produto final não começaria da mesma forma.

Teorias de critérios de noticiabilidade à parte, a editora de sociedade diz que a regra principal é a do interesse nacional. “Apesar de serem locais, têm que ter sempre interesse nacional, têm que ter sempre uma perspetiva de interesse nacional, interesse para a generalidade das pessoas do país inteiro”, diz Isabel Horta. A coordenadora do JN refere que “não há uma fórmula que define o que tem lugar no noticiário que coordena. Um assunto de proximidade “terá lugar dada a sua relevância, dada a hora a que aconteceu, dado o número pessoas que impacta”. Embora o que a coordenadora diz vá ao encontro dos critérios de que aqui se falaram, a verdade é que, como explica, “não há um critério fixo”.

Por fim, categorizaram-se os conteúdos quanto o género jornalístico no **Gráfico 14**.

Gráfico 14 – Géneros jornalístico dos conteúdos de proximidade



As chamadas **peças** são o modelo dominante, com **74%**. Seguem-se, as reportagens com **11%** e, embora muito abaixo, os *off* com **6%** e os **diretos** com **5%**. As **rubricas** representam **3%**, e as **reportagens especiais** e os *th* são muito raros.

Estes dados permitem concluir que, além dos géneros mais comuns, como as peças e as reportagens curtas, os conteúdos de proximidade são raros em géneros jornalísticos mais profundos. Segundo a coordenadora do Jornal da Noite, entre os géneros mais simples, determinado assunto pode ter sido notícia no PJ e virar *off* no Jornal da Noite, ou ser *off* no Primeiro Jornal e se, entretanto, a situação se agudizar, passar a peça ou direto no Jornal da Noite. O que decide isso é, tal como nos outros assuntos, a evolução ou regressão da situação.

Durante o tempo de análise não se registou nenhuma grande reportagem, apenas duas reportagens especiais. Dentro dos informativos, também não houve nenhuma entrevista em estúdio. Ainda assim, a rubrica foi um género contabilizado 9 vezes, grande parte devido à *Se7e*, que é semanal e que quase sempre traz propostas fora de Lisboa.

Um outro indicador de relevância dada à proximidade pode ser o recurso a *promo*. Em ambos os noticiários, há conteúdos que merecem este pequeno destaque, que os anuncia e promove a quem está a assistir. Dos 279 conteúdos de proximidade, **20%** teve *promo*. No **Primeiro Jornal**, **39** conteúdos tiveram este destaque. No Jornal da Noite

tiveram **15**. A diferença está ainda no tipo de conteúdos que ambos destacam. No caso do Primeiro Jornal, destacam-se peças sobre “Festividades e Tradições”, enquanto que no Jornal da Noite, o tema de proximidade que mais vezes tem *promo* é o “Turismo e Lazer”.

De acordo com o coordenador do PJ, a questão da *promo*, para além de poder estar relacionada com a importância da notícia, também pode ter a ver com a qualidade da imagem: “a pessoa olha para a televisão, vê uma imagem, ou que não percebe bem, ou que é fora do comum, fora da caixa, ou é imagem tão forte, que faz querer ficar sentado em frente à televisão para perceber aquilo”. A coordenadora do JN acrescenta que “o critério da *promo* é mais uma coisa de piscar o olho ao espectador e até é mais para lançar a segunda parte”.

CONCLUSÃO

Não existem muitos estudos sobre o encontro entre a dimensão da proximidade e dimensão nacional nos média nacionais, o que torna difícil, mas também interessante a tarefa de fazer mais um. Na tentativa de procurar definir este campo, foi necessário dar especial enfoque ao jornalismo de proximidade, para perceber que pontos se podiam retirar e aplicar ao que aqui se quis estudar. Optou-se por usar o termo “proximidade” associado à informação sobre determinado local, ficando claro que esta não é exclusiva dos média de distribuição regional e/ou local. Como refere Camponez (2002), também os média nacionais a fazem, mas com menos frequência. Foi ainda necessário perceber se a utilização do termo órgão nacional fazia sentido. Embora haja quem defenda uma perspectiva radical que o elimina, argumentando que a sua distribuição é imperfeita, ou que os conteúdos se centram na região onde este está sediado, percebeu-se que não faria sentido abolir o termo “nacional”. Não se pode colocar no mesmo ponto a imprensa regional e/ou local - ou de proximidade - e a imprensa nacional, porque as diferenças são claras.

Em relação ao estado da arte dos estudos sobre os conteúdos de proximidade dos média nacionais, nomeadamente sobre televisão, importa referir o de Felisbela Lopes (1999) acerca das notícias regionais no Telejornal da RTP, no qual a professora concluiu que há uma fraca representatividade dos temas descentralizados no noticiário da noite. Também o estudo de Luís Miguel Loureiro, de 2012, sobre os noticiários das 13h nos três canais generalistas é interessante e demonstra a forma como o local de onde o jornal é coordenado influencia a representação da região na cobertura jornalística. A capacidade e o alcance que a televisão tem são indiscutíveis, ainda que, como se viu, os padrões de consumo estejam a mudar. Entre a magia e os poderes deste ecrã, poder-se-á juntar o de “fortalecer a coesão social”, mas para isso será necessário que na informação televisiva haja pluralismo, e pluralismo que vá, além dos assuntos e das fontes, às áreas geográficas noticiadas (Lopes, 1999, p. 147).

Diz o estatuto editorial da SIC que o canal se compromete a preservar a “identidade cultural do País” e ainda que “a informação da SIC procurará contribuir para o esclarecimento da opinião pública no que respeita ao desenvolvimento cultural e social” em Portugal (2011). Aliás, a Lei da Televisão considera que os canais de televisão naci-

onal devem abranger, segundo o artigo 6º. “ainda que de forma faseada, a generalidade do território nacional”. Então, sendo a proximidade necessária à televisão nacional, que sinais existem dela? Respondendo agora às questões de investigação:

Que representatividade têm os conteúdos informativos de proximidade na SIC?

De uma forma geral, e em termos de espaço conquistado, os conteúdos de proximidade representam $\frac{1}{4}$ da informação veiculada, atingindo exatamente 25%. Dessa percentagem, só 6% são referentes ao distrito de Lisboa, sobrando 19 pontos para distribuir por cada uma das restantes regiões consideradas (17 distritos e 2 arquipélagos). Depois de Lisboa, o distrito do Porto é o que mais é noticiado, com 4%, e as restantes regiões variam as suas percentagens entre 0% e 2%. Em relação ao tempo, os conteúdos de proximidade ocuparam 20% de toda a informação e dos 56 noticiários analisados, só 7 começaram por temas de proximidade.

Do que falam esses conteúdos?

Na maioria dos casos, os conteúdos de proximidade são peças, ou pequenas reportagens, e dizem respeito a assuntos Sociedade (81%), tanto temas mais leves como festividades e tradições, como casos de polícia e justiça. Existe pouco espaço para questões de Política ou Economia, às quais se atribuem apenas 4% respetivamente. Parece que, em relação a este ponto, pouco mudou desde o estudo de Felisbela Lopes em 1999. Os temas mais negativos e a vida social continuam a ser dos mais noticiados. Os assuntos desdobram-se entre a agenda (46%), muito por culpa dos eventos, e fora de agenda (40%), atendendo a situações pontuais ou histórias que os correspondentes vão propondo. Por norma, a população é a fonte mais utilizada verificando-se em 32% dos conteúdos de proximidade analisados, já as fontes do poder local registaram-se em 12% dos casos.

A que critérios necessitam de obedecer para serem alvo de cobertura?

O valor-notícia mais utilizado é a significância (22%), o que é compreensível visto que este valor se associa muito à proximidade cultural e social e esses tipos de

temas são os mais falados. Depois, a continuidade, devido ao acompanhamento da criminalidade e, também derivado a este assunto, o inesperado e a negatividade. A personificação também tem um valor considerável, o que é normal neste género de histórias mais próximas e até vendo que a população é a fonte mais entrevistada. Para quem trabalha na SIC, os temas de proximidade têm um critério de que a teoria não fala: o interesse nacional. No fundo, a notícia, apesar de ser sobre região A, tem de interessar a quem está na região B, C ou D, tal como referia Vidal (2014) sobre o critério para a secção Local do jornal Público.

Que diferenças se registam entre os conteúdos de proximidade veiculados no noticiário da hora do almoço e no da hora do jantar?

Ao longo dos 28 dias analisados, o Primeiro Jornal teve quase sempre mais conteúdos de proximidade do que o Jornal da Noite. Enquanto que o noticiário da hora do almoço registou em média 7 notícias com este tipo de abrangência, o da hora do jantar teve em média 3, ou seja, menos de metade. No total dos dias observados, o PJ registou 853 peças, das quais 198 foram de proximidade fora de Lisboa e o JN, em 648 peças registou 81. Em média, 23% das peças no PJ são deste género e no JN, 12%. Ao nível dos temas, o PJ dá preferência às Festividades e Tradições (20%), aos Casos de Polícia (13%) e à Justiça (9%). Enquanto que no JN, a tendência inverte com os Casos de Polícia (19%), e a Justiça (12%) a subir, e as Festividades e Tradições a descer até aos 11%. Em relação ao tempo, no Primeiro Jornal a proximidade ocupa 23% do total da emissão. No Jornal da Noite ocupa 16%. As diferenças esbatem-se mais no tempo, porque às 13h as peças são mais sintéticas e às 20h mais complexas. Em 1992, último ano estudado por Felisbela Lopes, a informação feita no restante país no Telejornal da RTP representava 19,3%, muito parecida com a que aqui se encontrou. Mas há uma diferença: Felisbela Lopes considerava tanto os conteúdos de informação sobre o local, como os conteúdos nacionais que eram feitos nesse local devido à deslocação das fontes, um aspeto que aqui foi diferenciado. Talvez então, nessa altura, houvesse um pouco menos de informação de proximidade nos noticiários, não sendo possível apontar exatamente a diferença. No entanto, no estudo de Loureiro (2012), o Primeiro Jornal da SIC apresentava 31,25% de conteúdos descentralizados.

São todos estes resultados espelho de uma cobertura de proximidade suficiente e justa para um canal televisivo nacional? Marta B. dos Reis, que coordena o noticiário da

Noite, diz que não é possível ignorar o facto de em Lisboa se concentrarem os centros das principais decisões políticas e económicas, e que ainda assim “nos noticiários da SIC até as outras regiões fora de Lisboa estão muito bem representadas”. Sem ser confrontada com os valores, diz que o peso é talvez 60/40, reconhecendo que há dias em que chegará aos 80/20, porque a cobertura corresponde à totalidade do território nacional”. Também a editora de Sociedade, Isabel Horta, partilha da opinião de que a percentagem é suficiente nos noticiários, uma vez que “não há nenhum programa que seja vocacionado para assuntos locais propriamente ditos”, como por exemplo era o Praça Pública²⁸, que percorria o país para ouvir e fazer ouvir os portugueses, trazendo à antena temas críticos e controversos do dia-a-dia do cidadão comum.

Por outro lado, para Luís Godinho, a SIC dá “uma atenção importante aos acontecimentos fora de Lisboa e do Porto” reconhecendo que é sobretudo a nível do Primeiro Jornal. Diz, no entanto, que seria “desejável uma maior atenção ao que se passa no [restante] país”, pois áreas como a Cultura vivem demasiado centradas em torno do que acontece em Lisboa. João Faiões diz que é “satisfatória”, embora reconheça que grande parte das notícias oriundas das regiões tenham pouco espaço em *prime-time*, fruto de um centralismo instituído. André Antunes, que comanda o Primeiro Jornal, diz ser desejável prestar mais atenção aos temas de proximidade e refere que sente essa necessidade “enquanto coordenador, mas infelizmente” a rede de correspondentes existente não permite chegar a todo o lado. Conta que, muitas vezes, há mais do que uma notícia importante por distrito e tem que optar por só dar uma.

Voltando à candidatura de Portugal para receber a Agência Europeia do Medicamento, ela é um sinal de que, possivelmente, o que é feito não é suficiente. E é essa a conclusão final. Tal como refere Felisbela Lopes, o poder de influência tem de ser equilibrado e isso pode ser construído pelos média.

“O Portugal que pensa não está, nem pode estar, apenas em Lisboa, nem tão pouco circunscrito a uma confraria que se perpetua no espaço mediático com a mesma longevidade com que se eterniza nas esferas do poder. Sem criarmos elites descentralizadas, seremos sempre um país comandado a partir da capital” (2017).

²⁸ Praça Pública – Programa diário emitido pela SIC entre 1992 e 1996.

Aquilo que se assiste, e que se prova pela análise à SIC é isso mesmo. Claro que a percentagem dos conteúdos de proximidade nunca poderia ser igual à que é atribuída aos conteúdos nacionais. Tem de ser menor. Mas não será pouca? A ser esta, pelo menos deveria ser dada mais importância a temas políticos e económicos, pois a maioria do que chega à televisão nacional são festas e romarias. Como disse o jornalista Manuel Acácio no 4º Congresso dos Jornalistas, parece que na televisão nacional “o país é o Terreiro do Paço e pouco mais” (2017). Na SIC, esse pouco mais é 19%. Nem um quinto do que é feito. É 279 notícias, numa amostra de 1501.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acácio, M. (2017). O jornalismo de proximidade e a profissão fora dos grandes centros. Em *4º Congresso dos Jornalistas*. Lisboa. Obtido de jornalistas.congressodosjornalistas.com/5575-2/
- Aldridge, M. (2007). *Understanding the local media*. Maidenhead: Open University Press. Obtido de mheducation.co.uk/openup/chapters/0335221726.pdf
- Alves, D. M. (2011). *Mal Dita Televisão - Da máquina enfatizada à máquina constrangida*. Coimbra: Mar da Palavra.
- Assembleia da República. (1988). Decreto-Lei n.º 106/88 de 31 de março - Estatuto da Imprensa Regional. Obtido de erc.pt/documentos/legislacaosite/DecretoLein106_88.pdf
- Assembleia da República. (1999). Lei n.º 2/99 de 13 de janeiro - Lei de Imprensa. Obtido de dre.pt/application/dir/pdf1sdip/1999/01/010A00/02010208.PDF
- Assembleia da República. Lei n.º 27/2007 de de 30 de junho - Lei da Televisão e dos Serviços Audiovisuais a Pedido (2007). Obtido de dre.pt/pdf1sdip/2007/07/14500/0484704865.PDF
- Assembleia da República. Lei n.º 54/2010 de 24 de dezembro - Lei da Rádio (2010). Obtido de dre.pt/application/dir/pdf1sdip/2010/12/24800/0590305918.pdf
- Barriga, P. (2017). O jornalismo de proximidade e a profissão fora dos grandes centros. Em *4º Congresso dos Jornalistas*. Lisboa. Obtido de jornalistas.congressodosjornalistas.com/5575-2/
- Bastos, José; Rego, Maria J.; Lopes, R. (2009). *Caracterização do sector da radiodifusão local*. Lisboa. Obtido de erc.pt/documentos/EstudodeCaracterizacaodoSectordaRadiodifusaoLocal.pdf
- Bonixe, L. (2006). As rádios locais em Portugal: uma análise do discurso Jornalístico. *Comunicação e Cultura*, (A Cor dos Media), 157–169.
- Bonixe, L. (2014). O local como especialização – as rádios locais portuguesas enquanto espaço para a comunicação de proximidade.
- Camponez, C. (2002). *Jornalismo de Proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional* (1ª). Coimbra: MinervaCoimbra.
- Cardoso, G., Mendonça, S., & Paisana, M. (2015). *Anuário da Comunicação 2014 - 2015*. Lisboa.
- Cardoso, G., Mendonça, S., Paisana, M., & Sousa, J. (2016). *Perfil dos consumidores de TDT e de Televisão Paga em Portugal. Documento suplementar do relatório «A Televisão Digital Terrestre em Portugal: Futuro e Desafios»*. Lisboa.

- Cardoso, G., Mendonça, S., Paisana, M., Sousa, J., & Pais, P. C. (2017). *Jornais regionais: perfis de leitores de jornais locais e regionais por via tradicional e online*. Lisboa.
- Clark, T. (2013). Can local newspapers survive in the digital age? Obtido 21 de Maio de 2017, de holdthefrontpage.co.uk/2013/news/tor-clark-can-local-newspapers-survive-in-the-digital-age/
- Coelho, P. (2006). *A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público - Um estudo sobre a situação portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cole, P. (2006). Educating and training local journalists. Em B. Franklin (Ed.), *Local Journalism and Local Media*.
- Correia, J. C. (2011). *O admirável Mundo das Notícias: Teorias e Métodos*. Covilhã: UBI, LabCom. Obtido de livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110524-correia_manual_noticial.pdf
- Costa, D. (2011). *Análise de critérios editoriais e comparação de alinhamentos: A TVI e o jogo das audiências*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Obtido de [run.unl.pt/bitstream/10362/7263/1/Tese Diana Costa.pdf](http://run.unl.pt/bitstream/10362/7263/1/Tese%20Diana%20Costa.pdf)
- Costa, J. M. (2017). *Desafios e oportunidades no Jornalismo (audiovisual) de proximidade*. Lisboa. Obtido de MEO Cloud 4cjp.
- Cruz, R. (2017). *Os valores notícia do jornalismo de proximidade. O caso da SIC Porto*.
- Duarte, Â. (2010). *Jornalismo de proximidade*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Obtido de localmediapt.files.wordpress.com/2010/11/duarte2010-jornalismo-proximidade.pdf
- ERC. (2010). *Imprensa Local e Regional em Portugal*. Lisboa. Obtido de erc.pt/documentos/ERCImprensaLocaleRegionalfinal.pdf
- ERC. (2014). *Públicos e Consumos de Média - O Consumo de Notícias e as Plataformas Digitais Em Portugal e em mais dez países*. Obtido de <http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM5OiJtZWRRpYS9maWN0ZWlyb3Mvb2JqZWNo0b19vZmZsaW5lLzE4My5wZGYiO3M6NjoidGl0dWxvIjtzOjM1OiJlc3R1ZG8tcHVibGljb3MtZS1jb25zdW1vcy1kZS1tZWRRpYSI7fQ==/estudo-publicos-e-consumos-de-media>
- ERC. (2016). *As novas dinâmicas do consumo audiovisual em Portugal*. Lisboa.
- Estatuto Editorial SIC - Sociedade Independente de Comunicação SA. (2011). Obtido 3 de Maio de 2017, de sic.sapo.pt/institucional3/2011-03-24-estatuto-editorial-sic-sociedade-independente-de-comunicacao-sa
- Frost, C. (2006). Ethics for local journalism. Em B. Franklin (Ed.), *Local Journalism*

and *Local Media* (pp. 270–279).

García, X. L. (2002). Repensar o Jornalismo de Proximidade para fixar os media locais na sociedade glocal. Em *Comunicação e Sociedade* (Vol. 4, pp. 199–206).

Godinho, J. (2011). *As origens da reportagem: televisão* (1ª). Lisboa: Livros Horizonte.

Gonçalves, M. A. (1992). Estratégia da grelha. *Público*, 4.

Governo de Portugal. (2012). Contrato de Prestação de Serviço Noticioso e Informativo de Interesse Público Celebrado entre o Estado e a Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A.

Gradim, A. (2000). *Manual de Jornalismo*. Covilhã: UBI, LabCom. <https://doi.org/156722/00>

Harcup, T., & O'Neill, D. (2016). What is news? *Journalism Studies*. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1150193>

Harrison, S. (2006). Local government public relations and the local press. Em B. Franklin (Ed.), *Local Journalism and Local Media* (pp. 175–188).

Impresa. (2016). Resultados de 2016. Obtido de http://binaries.cdn.impresa.pt/981/adc/10463675/PressReleaseContas4TRIM_2016.pdf

Jerónimo, P. (2013). *Ciberjornalismo de proximidade: Redações, jornalistas e notícias online*. Covilhã: UBI, LabCom. <https://doi.org/399219/15>

Labella, L. I. (2012). El nuevo periodismo de proximidad, una ventana abierta al mundo. Em J. C. Correia (Ed.), *Ágora - Jornalismo de Proximidade: Limites, desafios e oportunidades* (pp. 87–98). Covilhã. Obtido de labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20121224-agera_ebook.pdf

Lopes, F. (1999). As notícias regionais no telejornal da RTP. Que serviço público? *Comunicação e Sociedade*, 12, 131–150. Obtido de revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1442/1372

Lopes, F. (2017). Os média também centralizam. Obtido 16 de Junho de 2017, de jn.pt/opiniaofelisbela-lobes/interior/os-media-tambem-centralizam-8566037.html

Lopez, X. (2012). Regional and local online media: tools for making participatory and hyperlocal journalism become reality. Em J. C. Correia (Ed.), *Ágora- Jornalismo de Proximidade: Limites, desafios e oportunidades* (pp. 99–110). Covilhã: Livros LabCom. Obtido de labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20121224-agera_ebook.pdf

Malainho, J. (2010). *Os telejornais nas televisões regionais - O caso da RTV*.

Martins, J. (2017). O jornalismo de proximidade e a profissão fora dos grandes centros. Em *4º Congresso dos Jornalistas*. Lisboa. Obtido de

jornalistas.congressodosjornalistas.com/5575-2/

McGregor, J. (2002). Restating news values: Contemporary criteria for selecting the news. Obtido de [mmc.twitbookclub.org/MMC911/Readings/Week_03/Judy McGregor - Final Paper.PDF.pdf](http://mmc.twitbookclub.org/MMC911/Readings/Week_03/Judy_McGregor_-_Final_Paper.PDF.pdf)

Miguel, N. (2017). O jornalismo de proximidade e a profissão fora dos grandes centros. Em *4º Congresso dos Jornalistas*. Lisboa. Obtido de jornalistas.congressodosjornalistas.com/5575-2/

Miguel, T. (1992). Expectativa garante sucesso inicial. *Expresso*, a11.

Nielsen, R. K. (2015). Local Journalism: The Decline of Newspapers and The Rise of Digital Media, 123.

Nielsen, R. K., & Sambrook, R. (2016). What is Happening to Television News? *Reuters Institute for the Study of Journalism*. Obtido de papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2771080

Pascoal, I. (2008). Os jornalistas da imprensa regional e os condicionalismos ao exercício da profissão. Em *III Congresso Português de Sociologia*.

Radcliffe, D. (2012). Hyperlocal Media : A Small but Growing Part of the Local Media Ecosystem.

Simões, C. P. (1992). Hino da SIC. Obtido de sic.sapo.pt/maissic/2017-01-27-Hino-SIC

Sousa, J. P. (2002). Comunicação regional e local na Europa Ocidental. Obtido de bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-comunicacao-regional-na-europa-ocidental.pdf

Veríssimo, I. (2012). *TV local em Portugal: Perspetivas de desenvolvimento da televisão de proximidade no novo cenário digital*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Obtido de [run.unl.pt/bitstream/10362/8661/1/TV local em Portugal_Perspetivas de desenvolvimento da televisão de proximidade no novo cenário digital.pdf](http://run.unl.pt/bitstream/10362/8661/1/TV_local_em_Portugal_Perspetivas_de_desenvolvimento_da_televisão_de_proximidade_no_novo_cenário_digital.pdf)

Vidal, A. (2014). *O jornalismo local de distribuição nacional - o caso do Público*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Obtido de [run.unl.pt/bitstream/10362/13583/1/Relatório de Estágio_ André Vidal_Março2014.pdf](http://run.unl.pt/bitstream/10362/13583/1/Relatório_de_Estágio_André_Vidal_Março2014.pdf)

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Mês estruturado escolhido para o corpus | 53 |
| Tabela 2 - Parâmetros de análise espacial | 54 |
| Tabela 3 - Parâmetros de análise temporal | 56 |
| Tabela 4 - Parâmetros de análise jornalística | 56 |
| Tabela 5 - População, Notícias e Jornalistas por distrito | 64 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – Origem da informação | 57 |
| Gráfico 2 – Origem da informação nos restantes distritos e arquipélagos ... | 58 |
| Gráfico 3 – Abrangência dos conteúdos | 59 |
| Gráfico 4 – Âmbito nos restantes distritos ou arquipélagos | 62 |
| Gráfico 5 – Nível de centralização dos conteúdos de proximidade..... | 63 |
| Gráfico 6 – Conteúdos de proximidade por noticiário | 66 |
| Gráfico 7 – Posicionamento geral nos alinhamentos | 68 |
| Gráfico 8 – Posicionamento no Primeiro Jornal..... | 69 |
| Gráfico 9 – Posicionamento no Jornal da Noite | 69 |
| Gráfico 10 – Fontes dos conteúdos de proximidade | 71 |
| Gráfico 11 – Conteúdos de proximidade por editoria | 72 |
| Gráfico 12 – Nível de programação dos conteúdos de proximidade..... | 73 |
| Gráfico 13 – Critérios de noticiabilidade para a proximidade | 74 |
| Gráfico 14 – Géneros jornalístico dos conteúdos de proximidade | 76 |

ANEXOS

ANEXO A: TABELAS DE DADOS

| <i>Data</i> | Jornal | Nome | Localização | Abrangência | Hora | Posicionamento | Duração |
|--------------------|---------------|---------------------------------|-----------------------------|--------------------|-------------|-----------------------|----------------|
| <i>31.out.2016</i> | PJ | Peça Amarsul | Moita, Setúbal | Proximidade | 13:19:24 | Meio 1ª Parte | 2:12 |
| <i>31.out.2016</i> | PJ | Poupança Aldeias | Bragança, Bragança | Proximidade | 13:25:55 | Meio 1ª Parte | 3:08 |
| <i>31.out.2016</i> | PJ | Assalto Idosa Olhão | Olhão, Faro | Proximidade | 13:33:50 | Fim 1ª Parte | 2:17 |
| <i>31.out.2016</i> | PJ | Halloween no Castelo | Santa Maria da Feira, Porto | Proximidade | 13:52:05 | Abertura 2ª Parte | 2:24 |
| <i>31.out.2016</i> | PJ | Preparativos Halloween Figueira | Figueira da Foz, Coimbra | Proximidade | 13:56:14 | Fecho 2ª Parte | 1:52 |
| <i>31.out.2016</i> | PJ | Miúdo Ourém Curta | Ourém, Santarém | Proximidade | 13:59:27 | Abertura 3ª Parte | 6:31 |
| <i>31.out.2016</i> | PJ | Ondas Nazaré | Nazaré, Leiria | Proximidade | 14:23:42 | Fim 3ª Parte | 2:01 |
| <i>31.out.2016</i> | JN | Gaia Legionella OFF | Vila Nova de Gaia, Porto | Proximidade | 20:34:00 | Início 2ª Parte | 0:45 |
| <i>31.out.2016</i> | JN | The Gift Esculturas | Alcanena, Santarém | Proximidade | 21:20:13 | Fim 3ª Parte | 3:19 |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Gaia Legionella OFF | Vila Nova de Gaia, Porto | Proximidade | 13:09:04 | Início 1ª Parte | 0:55 |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Liga Cancro Coimbra | Coimbra, Coimbra | Proximidade | 13:15:20 | Meio 1ª Parte | 2:16 |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Óbito Sampaio Pimentel OFF 1 | Porto, Porto | Proximidade | 13:17:37 | Meio 1ª Parte | 0:50 |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Todos os Santos Vila Real | Mesão Frio, Vila Real | Proximidade | 13:20:14 | Meio 1ª Parte | 2:44 |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Agressões GNR PEÇA | Olhão, Faro | Proximidade | 13:54:22 | Abertura 2ª Parte | 0:55 |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Trafl Míscaros | Aguiar da Beira, Guarda | Proximidade | 13:55:27 | Início 2ª Parte | 2:29 |
| <i>01.nov.2016</i> | JN | GNR Olhão NOVA | Olhão, Faro | Proximidade | 19:58:17 | Abertura 1ª Parte | 2:52 |
| <i>01.nov.2016</i> | JN | Enxurradas Albufeira | Albufeira, Faro | Proximidade | 21:04:36 | Meio 3ª Parte | 4:06 |

| | | | | | | | |
|-------------|----|----------------------------------|---|-------------|----------|-------------------|------|
| 01.nov.2016 | JN | Rita Guerra Açores | Praia da Vitória, Açores | Proximidade | 21:16:23 | Fim 3ª Parte | 3:55 |
| 02.nov.2016 | PJ | Greve Hospital Guarda | Guarda, Guarda | Proximidade | 13:13:46 | Meio 1ª Parte | 2:25 |
| 02.nov.2016 | PJ | Enxurradas Albufeira | Albufeira, Faro | Proximidade | 13:24:47 | Meio 1ª Parte | 4:01 |
| 02.nov.2016 | PJ | Repetição Julg. Prof. Mata Filho | Aveiro, Aveiro | Proximidade | 13:28:48 | Fim 1ª Parte | 1:20 |
| 02.nov.2016 | PJ | Violação Açores OFF | Praia da Vitória, Açores | Proximidade | 13:51:19 | Abertura 2ª Parte | 0:38 |
| 02.nov.2016 | PJ | Acórdão Jaime Antunes | Braga, Braga | Proximidade | 13:51:57 | Início 2ª Parte | 2:05 |
| 02.nov.2016 | PJ | Operação Campo Seguro GNR | Mangualde, Viseu | Proximidade | 13:54:02 | Início 2ª Parte | 2:42 |
| 02.nov.2016 | PJ | Dispensa-te - Caixa Solidária | Vila do Conde, Porto | Proximidade | 13:56:25 | Início 2ª Parte | 2:04 |
| 02.nov.2016 | PJ | Passeio Arte Urbana | Porto, Porto | Proximidade | 13:58:50 | Início 2ª Parte | 2:02 |
| 02.nov.2016 | JN | Legionela Bom OFF | Faro, Faro | Proximidade | 19:58:04 | Abertura 1ª Parte | 0:40 |
| 02.nov.2016 | JN | Delegada Legionella TH | Faro, Faro | Proximidade | 19:58:44 | Início 1ª Parte | 0:42 |
| 02.nov.2016 | JN | Direto Faro | Faro, Faro | Proximidade | 19:59:27 | Início 1ª Parte | 3:00 |
| 02.nov.2016 | JN | Violação Lajes | Praia da Vitória, Açores | Proximidade | 20:54:29 | Abertura 3ª Parte | 1:45 |
| 03.nov.2016 | PJ | DIRETO FA Beja | Beja, Beja | Proximidade | 13:07:24 | Início 1ª Parte | 2:10 |
| 03.nov.2016 | PJ | DIRETO FA Monte Real | Leiria, Leiria | Proximidade | 13:09:34 | Início 1ª Parte | 2:30 |
| 03.nov.2016 | PJ | Legionela Hotel Nova | Faro, Faro | Proximidade | 13:17:44 | Meio 1ª Parte | 3:16 |
| 03.nov.2016 | PJ | Pedro Dias Fuga | Arouca, Aveiro/ Aguiar da Beira, Guarda/ São Pedro do Sul, Viseu / Celeiros do Douro, Vila Real /Sabrosa, Vila Real | Proximidade | 13:26:14 | Fim 1ª Parte | 2:09 |
| 03.nov.2016 | PJ | Manif Pinhais | Matosinhos, Porto | Proximidade | 13:28:23 | Fim 1ª Parte | 1:43 |
| 03.nov.2016 | PJ | Feira de Emprego | Matosinhos, Porto | Proximidade | 13:52:10 | Início 2ª Parte | 2:00 |
| 03.nov.2016 | PJ | Poste na Estrada | Alijó, Vila Real | Proximidade | 13:57:12 | Início 2ª Parte | 2:20 |
| 03.nov.2016 | PJ | Burlas GNR Cerva | Ribeira de Pena, Vila Real | Proximidade | 14:02:18 | Início 2ª Parte | 2:43 |
| 03.nov.2016 | JN | Detenções Farmacêuticos | Porto, Porto / Vila Nova de Gaia, | Proximidade | 19:21:16 | Início 1ª Parte | 1:14 |

| | | | | | | | |
|-------------|----|---------------------------------------|--|-------------|----------|-----------------|-------|
| | | | Porto | | | | |
| 04.nov.2016 | PJ | Detenções Farmacêuticos | Porto, Porto / Vila Nova de Gaia, Porto | Proximidade | 13:19:11 | Meio 1ª Parte | 1:10 |
| 04.nov.2016 | PJ | Burla Carros Porto | Porto, Porto | Proximidade | 13:20:22 | Meio 1ª Parte | 1:21 |
| 04.nov.2016 | PJ | Acórdão Bragança | Carrazeda de Ansiães, Bragança | Proximidade | 13:52:32 | Início 2ª Parte | 1:10 |
| 04.nov.2016 | PJ | Agressões Jovens Castelo Branco | Castelo Branco, Castelo Branco | Proximidade | 13:53:43 | Início 2ª Parte | 2:46 |
| 04.nov.2016 | PJ | Germano Honoris | Porto, Porto | Proximidade | 13:57:10 | Início 2ª Parte | 2:05 |
| 04.nov.2016 | PJ | Projeto Ajudaris | Porto, Porto | Proximidade | 13:59:16 | Início 2ª Parte | 2:44 |
| 04.nov.2016 | PJ | Doações Bombeiros | Carregal do Sal, Viseu | Proximidade | 14:02:01 | Início 2ª Parte | 2:53 |
| 04.nov.2016 | JN | Demissão Relógios JN | Porto, Porto | Proximidade | 20:11:49 | Início 1ª Parte | 1:04 |
| 04.nov.2016 | JN | Fundos IEFP - Barcelos | Barcelos, Braga | Proximidade | 20:12:54 | Fecho 1ª Parte | 3:01 |
| 04.nov.2016 | JN | Se7e 4 Novembro | Funchal, Madeira/ Madalena, Açores/ Reguengos de Monsarraz, Évora e Odivelas, Lisboa | Proximidade | 21:04:16 | Início 3ª Parte | 16:25 |
| 04.nov.2016 | JN | GNR Convidados | Guimarães, Braga | Proximidade | 21:23:47 | Fim 3ª Parte | 3:14 |
| 05.nov.2016 | PJ | Fundos IEFP - Barcelos | Barcelos, Braga | Proximidade | 13:17:03 | Meio 1ª Parte | 3:31 |
| 05.nov.2016 | PJ | Heart Genetics Web Summit | Cantanhede, Coimbra | Proximidade | 13:31:42 | Fim 1ª Parte | 2:16 |
| 05.nov.2016 | PJ | Airbnb Carros | Porto, Porto | Proximidade | 13:33:58 | Fim 1ª Parte | 2:27 |
| 05.nov.2016 | PJ | Burlas Casas Férias Algarve | Albufeira, Faro / Faro, Faro | Proximidade | 13:36:25 | Fim 1ª Parte | 3:45 |
| 05.nov.2016 | PJ | Olaria Viana do Alentejo | Viana do Alentejo, Évora | Proximidade | 13:40:11 | Fim 1ª Parte | 2:06 |
| 05.nov.2016 | PJ | Pinhel Cidade do Vinho | Pinhel, Guarda | Proximidade | 13:42:18 | Fim 1ª Parte | 3:13 |
| 05.nov.2016 | PJ | Raid Humanitário Viana Guiné | Viana do Castelo, Viana do Castelo | Proximidade | 13:45:32 | Fecho 1ª Parte | 1:50 |
| 05.nov.2016 | PJ | GNR convidados | Guimarães, Braga | Proximidade | 14:04:47 | Fecho 2ª Parte | 3:04 |
| 05.nov.2016 | JN | Suspensão Dyego Sousa OFF | Funchal, Madeira | Proximidade | 20:24:44 | Início 2ª Parte | 0:25 |
| 05.nov.2016 | JN | Fundos - Ministério Público Investiga | Barcelos, Braga | Proximidade | 20:26:12 | Início 2ª Parte | 6:16 |

| | | | | | | | |
|-------------|----|------------------------------------|---|-------------|----------|-------------------|------|
| 06.nov.2016 | PJ | Jovens Clássico | Porto, Porto | Proximidade | 13:10:54 | Início 1ª Parte | 1:52 |
| 06.nov.2016 | PJ | Assaltante Algarve | Olhão, Faro | Proximidade | 13:36:14 | Fim 1ª Parte | 2:08 |
| 06.nov.2016 | PJ | Watgrid Web Summit | Aveiro, Aveiro | Proximidade | 13:41:15 | Fim 1ª Parte | 2:22 |
| 06.nov.2016 | PJ | Volta ao Mundo | Ponta Delgada, Açores | Proximidade | 13:58:32 | Abertura 2ª Parte | 3:42 |
| 06.nov.2016 | PJ | Febras na Feira dos Santos | Mangualde, Viseu | Proximidade | 14:02:14 | Início 2ª Parte | 2:56 |
| 06.nov.2016 | PJ | Maratona Porto 1 | Matosinhos, Porto / Vila Nova de Gaia, Porto / Porto, Porto | Proximidade | 14:06:02 | Meio 2ª Parte | 2:42 |
| 05.dez.2016 | PJ | Turbulência Qatar Açores Nova | Terceira, Açores | Proximidade | 13:28:53 | Fim 1ª Parte | 1:07 |
| 05.dez.2016 | PJ | Facadas Vila Real | Vila Real, Vila Real | Proximidade | 13:30:52 | Fim 1ª Parte | 1:06 |
| 05.dez.2016 | PJ | Julgamento Imigração Ilegal | Coimbra, Coimbra | Proximidade | 13:50:24 | Abertura 2ª Parte | 1:20 |
| 05.dez.2016 | PJ | Hospital Portimão JN | Portimão, Faro | Proximidade | 13:51:45 | Início 2ª Parte | 3:40 |
| 05.dez.2016 | PJ | Dia Mundial do Voluntariado | Bragança, Bragança | Proximidade | 14:03:45 | Meio 2ª Parte | 2:53 |
| 05.dez.2016 | PJ | Presépio Penela | Penela, Coimbra | Proximidade | 14:09:24 | Meio 2ª Parte | 2:30 |
| 05.dez.2016 | PJ | Turismo Porto | Porto, Porto | Proximidade | 14:11:55 | Meio 2ª Parte | 1:03 |
| 05.dez.2016 | PJ | 20 Anos Porto Património Mundial | Porto, Porto | Proximidade | 14:12:58 | Meio 2ª Parte | 5:37 |
| 05.dez.2016 | JN | Marcelo dia | Covilhã, Castelo Branco / Guarda, Guarda | Proximidade | 20:21:17 | Fim 1ª Parte | 2:46 |
| 05.dez.2016 | JN | Hospital Portimão Ministro | Beja, Beja | Proximidade | 20:45:24 | Início 2ª Parte | 2:23 |
| 05.dez.2016 | JN | Disney in Concert | Porto, Porto | Proximidade | 21:24:48 | Fim 3ª Parte | 2:37 |
| 05.dez.2016 | JN | 20 Anos Porto Património JN | Porto, Porto | Proximidade | 21:27:26 | Fecho 3ª Parte | 3:14 |
| 06.dez.2016 | PJ | Mário Nogueira - educação especial | Braga, Braga | Proximidade | 13:19:53 | Meio 1ª Parte | 2:05 |
| 06.dez.2016 | PJ | Hospital Portimão Ministro | Beja, Beja | Proximidade | 13:27:16 | Fim 1ª Parte | 2:26 |
| 06.dez.2016 | PJ | Nadadores salvadores de inverno | Matosinhos, Porto | Proximidade | 14:00:01 | Início 2ª Parte | 4:06 |
| 06.dez.2016 | PJ | Jovens Profissões Futuro | Setúbal, Setúbal | Proximidade | 14:04:05 | Início 2ª Parte | 2:14 |
| 06.dez.2016 | PJ | Presépio Viseu | Viseu, Viseu | Proximidade | 14:06:41 | Meio 2ª Parte | 3:15 |

| | | | | | | | |
|-------------|----|------------------------------------|-------------------------------|-------------|----------|-------------------|-------|
| 06.dez.2016 | PJ | Presépio Lagoa | Lagoa, Açores | Proximidade | 14:09:57 | Meio 2ª Parte | 2:41 |
| 06.dez.2016 | JN | Futuro Hoje - Leica | Vila Nova de Famalicão, Braga | Proximidade | 21:10:09 | Meio 3ª Parte | 6:07 |
| 06.dez.2016 | JN | Teatro de Almada | Almada, Setúbal | Proximidade | 21:18:25 | Fim 3ª Parte | 2:36 |
| 07.dez.2016 | PJ | Mau Tempo Açores | Ponta Delgada, Açores | Proximidade | 13:23:00 | Meio 1ª Parte | 1:18 |
| 07.dez.2016 | PJ | Enfermeiros Guarda | Guarda, Guarda | Proximidade | 13:25:56 | Fim 1ª Parte | 2:20 |
| 07.dez.2016 | PJ | Centro Hospitalar Algarve | Faro, Faro | Proximidade | 13:29:03 | Fim 1ª Parte | 2:21 |
| 07.dez.2016 | PJ | Antecipação Julg. Escriturário | Viseu, Viseu | Proximidade | 13:31:24 | Fim 1ª Parte | 1:49 |
| 07.dez.2016 | PJ | Escaravelho nas Palmeiras | Aveiro, Aveiro | Proximidade | 13:33:13 | Fim 1ª Parte | 1:53 |
| 07.dez.2016 | PJ | Início Julgamento Autarcas | Santa Comba Dão, Viseu | Proximidade | 13:48:19 | Abertura 2ª Parte | 2:03 |
| 07.dez.2016 | PJ | Roubo Azeitona | Elvas, Portalegre | Proximidade | 13:50:22 | Início 2ª Parte | 2:11 |
| 07.dez.2016 | PJ | Natal Madeira | Funchal, Madeira | Proximidade | 13:52:53 | Início 2ª Parte | 2:31 |
| 07.dez.2016 | PJ | Exposição relógios | Serpa, Beja | Proximidade | 13:56:55 | Início 2ª Parte | 2:35 |
| 07.dez.2016 | JN | Início Julg. Autarcas | Santa Comba Dão, Viseu | Proximidade | 20:33:39 | Abertura 2ª Parte | 1:58 |
| 07.dez.2016 | JN | Julgamento Escriturário | Viseu, Viseu | Proximidade | 20:35:37 | Início 2ª Parte | 1:18 |
| 08.dez.2016 | PJ | Acidente Antanol OFF | Coimbra, Coimbra | Proximidade | 13:21:08 | Meio 1ª Parte | 0:22 |
| 08.dez.2016 | PJ | Mau Tempo Açores | Ponta Delgada, Açores | Proximidade | 13:21:30 | Meio 1ª Parte | 1:02 |
| 08.dez.2016 | PJ | Passos Coelho - Braga | Braga, Braga | Proximidade | 13:25:02 | Meio 1ª Parte | 1:24 |
| 08.dez.2016 | PJ | Fábrica de Brinquedos | Aveiro, Aveiro | Proximidade | 13:37:09 | Fecho 1ª Parte | 2:12 |
| 08.dez.2016 | PJ | Presépio Vivo Sabugal | Sabugal, Guarda | Proximidade | 13:51:56 | Abertura 2ª Parte | 1:44 |
| 08.dez.2016 | PJ | Comic Con | Matosinhos, Porto | Proximidade | 13:54:23 | Fecho 2ª Parte | 2:14 |
| 08.dez.2016 | JN | Eu é que Sou o Presidente da Junta | Covilhã, Castelo Branco | Proximidade | 21:04:15 | Meio 3ª Parte | 20:11 |
| 09.dez.2016 | PJ | Explosão Padaria Ílhavo | Aveiro, Aveiro | Proximidade | 13:00:25 | Início 1ª Parte | 2:39 |
| 09.dez.2016 | PJ | Greve Cantinas Porto | Porto, Porto | Proximidade | 13:06:07 | Início 1ª Parte | 2:11 |
| 09.dez.2016 | PJ | Greve Assédio Engenharia | Porto, Porto | Proximidade | 13:08:19 | Início 1ª Parte | 2:02 |

| | | | | | | | |
|-------------|----|----------------------------------|-------------------------------|-------------|----------|-------------------|-------|
| 09.dez.2016 | PJ | Jovens desaparecidas OFF | Montemor-o-Velho, Coimbra | Proximidade | 13:32:34 | Fim 1ª Parte | 0:40 |
| 09.dez.2016 | PJ | Presépio Miniatura Tarouca | Tarouca, Viseu | Proximidade | 13:57:35 | Início 2ª Parte | 3:20 |
| 09.dez.2016 | PJ | Jardim de Natal Figueira | Figueira da Foz, Coimbra | Proximidade | 14:00:37 | Início 2ª Parte | 2:17 |
| 09.dez.2016 | PJ | Cabeça Aldeia Natal | Seia, Guarda | Proximidade | 14:02:55 | Meio 2ª Parte | 2:43 |
| 09.dez.2016 | JN | Jovens Mortas Montemor-o-Velho | Montemor-o-Velho, Coimbra | Proximidade | 19:58:35 | Abertura 1ª Parte | 1:43 |
| 09.dez.2016 | JN | Explosão Padaria JN | Aveiro, Aveiro | Proximidade | 20:00:18 | Início 1ª Parte | 2:07 |
| 09.dez.2016 | JN | Se7e - 9 Dezembro | Porto, Porto e Lisboa, Lisboa | Proximidade | 21:08:16 | Meio 2ª Parte | 17:16 |
| 09.dez.2016 | JN | Vinhos Especialistas | Vila Nova de Gaia, Porto | Proximidade | 21:25:33 | Fim 2ª Parte | 2:26 |
| 10.dez.2016 | PJ | Protesto Carrosséis | Coimbra, Coimbra | Proximidade | 13:05:21 | Início 1ª Parte | 2:24 |
| 10.dez.2016 | PJ | DIRETO Carrosséis | Coimbra, Coimbra | Proximidade | 13:07:45 | Início 1ª Parte | 3:10 |
| 10.dez.2016 | PJ | Miúdas mortas Montemor nova | Montemor-o-Velho, Coimbra | Proximidade | 13:18:35 | Meio 1ª Parte | 1:48 |
| 10.dez.2016 | PJ | Tradição do Burel 1 | Seia, Guarda | Proximidade | 13:29:45 | Fim 1ª Parte | 3:01 |
| 10.dez.2016 | PJ | Festa do Galo | Coimbra, Coimbra | Proximidade | 13:33:25 | Fim 1ª Parte | 2:10 |
| 10.dez.2016 | PJ | Festival Tibórnica | Fundão, Castelo Branco | Proximidade | 13:35:35 | Fim 1ª Parte | 2:07 |
| 10.dez.2016 | PJ | Presépio das Furnas | Povoação, Açores | Proximidade | 13:41:57 | Fecho 1ª Parte | 2:24 |
| 10.dez.2016 | JN | Miúdas mortas Montemor nova | Montemor-o-Velho, Coimbra | Proximidade | 20:03:08 | Meio 1ª Parte | 1:48 |
| 10.dez.2016 | JN | Protesto Carrosséis Coimbra | Coimbra, Coimbra | Proximidade | 20:06:07 | Meio 1ª Parte | 2:34 |
| 10.dez.2016 | JN | Demolição Casa de Férias Salgado | Alcácer do Sal, Setúbal | Proximidade | 20:26:11 | Abertura 2ª Parte | 2:22 |
| 10.dez.2016 | JN | Apreensão Tabaco Évora | Évora, Évora | Proximidade | 20:28:33 | Início 2ª Parte | 1:48 |
| 10.dez.2016 | JN | Perdidos e Achados: Açores | Horta, Açores | Proximidade | 21:10:55 | Fim 2ª Parte | 14:32 |
| 10.dez.2016 | JN | Presépio das Furnas | Povoação, Açores | Proximidade | 21:25:56 | Fim 2ª Parte | 2:16 |
| 10.dez.2016 | JN | Bailado Montras Porto | Porto, Porto | Proximidade | 21:28:34 | Fim 2ª Parte | 2:06 |
| 10.dez.2016 | JN | Árvore de Natal Aveiro | Aveiro, Aveiro | Proximidade | 21:30:41 | Fecho 2ª Parte | 1:33 |
| 11.dez.2016 | PJ | Jerónimo em Braga | Braga, Braga | Proximidade | 13:31:23 | Fim 1ª Parte | 2:59 |

| | | | | | | | |
|--------------------|----|--------------------------------|---------------------------------|-------------|----------|-------------------|-------|
| <i>11.dez.2016</i> | PJ | Tasca certificada Quercus | Boticas, Vila Real | Proximidade | 13:41:05 | Fim 1ª Parte | 3:09 |
| <i>11.dez.2016</i> | PJ | Vinho de Talha | Vidigueira, Beja | Proximidade | 13:44:15 | Fecho 1ª Parte | 2:29 |
| <i>11.dez.2016</i> | PJ | Mala de Jogos Idosos | Ponte de Lima, Viana do Castelo | Proximidade | 13:59:56 | Abertura 2ª Parte | 1:45 |
| <i>11.dez.2016</i> | PJ | Bailado Montras Porto | Porto, Porto | Proximidade | 14:01:42 | Início 2ª Parte | 2:06 |
| <i>11.dez.2016</i> | PJ | Árvore de Natal Aveiro | Aveiro, Aveiro | Proximidade | 14:08:08 | Fecho 2ª Parte | 1:34 |
| <i>11.dez.2016</i> | JN | Passos Coelho Fds JN | Alijó, Vila Real | Proximidade | 20:26:16 | Abertura 2ª Parte | 2:04 |
| <i>11.dez.2016</i> | JN | Buscas Francesas Bial | Trofa, Porto | Proximidade | 20:28:20 | Início 2ª Parte | 1:42 |
| <i>09.jan.2017</i> | PJ | Sequestrador Grândola | Grândola, Setúbal | Proximidade | 13:51:18 | Abertura 1ª Parte | 1:29 |
| <i>09.jan.2017</i> | PJ | Julg Feira Tecidos | Porto, Porto | Proximidade | 13:55:29 | Início 1ª Parte | 1:06 |
| <i>09.jan.2017</i> | PJ | Apreensão Droga Porto | Porto, Porto | Proximidade | 13:56:36 | Início 1ª Parte | 0:54 |
| <i>09.jan.2017</i> | PJ | Velório Guilherme Pinto | Matosinhos, Porto | Proximidade | 13:58:10 | Início 1ª Parte | 2:34 |
| <i>09.jan.2017</i> | PJ | Funeral Daniel Serrão OFF | Porto, Porto | Proximidade | 14:00:44 | Início 1ª Parte | 0:55 |
| <i>09.jan.2017</i> | JN | Funeral Guilherme Pinto | Matosinhos, Porto | Proximidade | 20:56:26 | Meio 2ª Parte | 1:26 |
| <i>09.jan.2017</i> | JN | Funeral Daniel Serrão OFF | Porto, Porto | Proximidade | 20:57:57 | Meio 2ª Parte | 0:32 |
| <i>10.jan.2017</i> | JN | Alfarrabista Soares | Porto, Porto | Proximidade | 20:16:07 | Meio 1ª Parte | 2:21 |
| <i>10.jan.2017</i> | JN | Padre em Contramão | Braga, Braga | Proximidade | 20:39:41 | Abertura 2ª Parte | 1:01 |
| <i>10.jan.2017</i> | JN | RE:Gripe | Vila Nova de Gaia, Port | Proximidade | 21:01:50 | Meio 2ª Parte | 11:12 |
| <i>11.jan.2017</i> | PJ | Protesto Aquecimento Escola | Oliveira de Frades, Viseu | Proximidade | 13:05:13 | Início 1ª Parte | 2:24 |
| <i>11.jan.2017</i> | PJ | Acidente Bragança Peça | Bragança, Bragança | Proximidade | 13:34:34 | Fim 1ª Parte | 1:24 |
| <i>11.jan.2017</i> | PJ | Gasóleo Profissional Fronteira | Bragança, Bragança | Proximidade | 13:51:47 | Abertura 2ª Parte | 3:25 |
| <i>11.jan.2017</i> | PJ | Corte Cabo Madeira | Porto Santo, Madeira | Proximidade | 13:57:08 | Início 2ª Parte | 1:39 |
| <i>11.jan.2017</i> | PJ | GNR Apreensão Roubos Loulé | Loulé, Faro | Proximidade | 13:58:47 | Início 2ª Parte | 2:02 |
| <i>11.jan.2017</i> | PJ | Fecho Reformatório Guarda | Guarda, Guarda | Proximidade | 14:00:49 | Início 2ª Parte | 2:07 |

| | | | | | | | |
|--------------------|----|------------------------------------|-----------------------------------|-------------|----------|-------------------|------|
| <i>11.jan.2017</i> | PJ | Janeiras Fundos Festa | Tondela, Viseu | Proximidade | 14:05:27 | Meio 2ª Parte | 3:13 |
| <i>11.jan.2017</i> | JN | Verdade Celestial | Setúbal, Setúbal | Proximidade | 20:34:56 | Abertura 2ª Parte | 1:35 |
| <i>11.jan.2017</i> | JN | Agressões Almada - Atrasos Justiça | Almada, Setúbal | Proximidade | 20:36:31 | Início 2ª Parte | 3:52 |
| <i>11.jan.2017</i> | JN | Julgamento Bebé Agredido Mãe | Santarém, Santarém | Proximidade | 20:40:23 | Início 2ª Parte | 1:56 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Incêndio Alcains OFF | Castelo Branco, Castelo Branco | Proximidade | 13:01:31 | Início 1ª Parte | 0:24 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | DIRETO Alcains | Castelo Branco, Castelo Branco | Proximidade | 13:01:55 | Início 1ª Parte | 4:20 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | TH Bombeiro Alcains | Castelo Branco, Castelo Branco | Proximidade | 13:06:15 | Início 1ª Parte | 0:44 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Incêndio Guimarães | Guimarães, Braga | Proximidade | 13:06:59 | Início 1ª Parte | 3:30 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Julgamento Mãe Daniel | Funchal, Madeira | Proximidade | 13:13:07 | Meio 1ª Parte | 1:35 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Homicídio Madeira | Funchal, Madeira | Proximidade | 13:14:43 | Meio 1ª Parte | 1:44 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Verdade Celestial | Setúbal, Setúbal | Proximidade | 13:53:59 | Início 2ª Parte | 1:36 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Agressões Almada - Atrasos Justiça | Almada, Setúbal | Proximidade | 13:55:35 | Início 2ª Parte | 3:54 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Julgamento Bebé Agredido Mãe | Santarém, Santarém | Proximidade | 13:59:29 | Início 2ª Parte | 2:01 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Vidigueira Apoia Idosos | Vidigueira, Beja | Proximidade | 14:03:34 | Meio 2ª Parte | 2:18 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Cascas para prevenir Doenças | Braga, Braga | Proximidade | 14:05:53 | Meio 2ª Parte | 1:45 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Fumeiro Boticas | Boticas, Vila Real | Proximidade | 14:07:38 | Meio 2ª Parte | 2:51 |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Surf Noturno | Figueira da Foz, Coimbra | Proximidade | 14:23:15 | Fecho 2ª Parte | 2:23 |
| <i>12.jan.2017</i> | JN | Cocaína Absolvidos Santarém | Santarém, Santarém | Proximidade | 20:36:39 | Início 2ª Parte | 2:48 |
| <i>13.jan.2017</i> | PJ | Medidas Agressores Almada | Almada, Setúbal | Proximidade | 13:10:13 | Início 1ª Parte | 1:34 |
| <i>13.jan.2017</i> | PJ | Raptada Grândola | Grândola, Setúbal | Proximidade | 13:11:48 | Início 1ª Parte | 2:00 |
| <i>13.jan.2017</i> | PJ | Julgamento Cartas Condução | Braga, Braga | Proximidade | 13:18:25 | Meio 1ª Parte | 1:28 |
| <i>13.jan.2017</i> | PJ | Cocaína Absolvidos Santarém | Santarém, Santarém | Proximidade | 13:19:53 | Meio 1ª Parte | 2:48 |
| <i>13.jan.2017</i> | PJ | Salários construção civil | Porto, Porto | Proximidade | 13:51:23 | Abertura 2ª Parte | 1:34 |
| <i>13.jan.2017</i> | PJ | Obras EN125 | Olhão, Faro / Vila do Bispo, Faro | Proximidade | 13:52:58 | Início 2ª Parte | 2:44 |

| | | | | | | | |
|-------------|----|--------------------------------|---|-------------|----------|-------------------------|-------|
| 13.jan.2017 | PJ | Petiscos Mercado Lamego | Lamego, Viseu | Proximidade | 13:56:13 | Início 2ª Parte | 2:07 |
| 13.jan.2017 | PJ | Aniversário Lello | Porto, Porto | Proximidade | 13:58:20 | Início 2ª Parte | 2:22 |
| 13.jan.2017 | PJ | Cinema regressa ao Batalha | Porto, Porto | Proximidade | 14:23:44 | Fecho 2ª Parte | 2:26 |
| 13.jan.2017 | JN | Audição agressão Almada | Almada, Setúbal | Proximidade | 20:16:10 | Fim 1ª Parte | 2:22 |
| 13.jan.2017 | JN | Raptada Grândola JN | Grândola, Setúbal | Proximidade | 20:42:38 | Início 2ª Parte | 1:59 |
| 13.jan.2017 | JN | Se7e - 13 Janeiro FINAL | Porto, Porto / Manteigas, Guarda / Lisboa, Lisboa | Proximidade | 20:59:33 | Meio 2ª Parte | 16:23 |
| 13.jan.2017 | JN | 111 Anos da Lello | Porto, Porto | Proximidade | 21:20:47 | Fecho 2ª Parte | 2:26 |
| 14.jan.2017 | PJ | Homicídio Macedo Cavaleiros | Macedo de Cavaleiros, Bragança | Proximidade | 13:03:28 | Início 1ª Parte | 1:27 |
| 14.jan.2017 | PJ | PSD Porto Autárquicas OFF | Porto, Porto | Proximidade | 13:19:18 | Meio 1ª Parte | 0:30 |
| 14.jan.2017 | PJ | GNR Idosos Frio | Guarda, Guarda | Proximidade | 13:23:50 | Meio 1ª Parte | 2:50 |
| 14.jan.2017 | PJ | Monumento Fálco | São João da Madeira, Aveiro | Proximidade | 13:32:03 | Fim 1ª Parte | 2:38 |
| 14.jan.2017 | PJ | Semana da Chanfana | Vila Nova de Poiares, Coimbra | Proximidade | 13:43:31 | Fecho 1ª Parte | 2:43 |
| 14.jan.2017 | PJ | Sexta Feira 13 | Montalegre, Vila Real | Proximidade | 13:59:27 | Abertura/Fecho 2ª Parte | 3:02 |
| 14.jan.2017 | JN | Homicídio Miranda do Corvo | Miranda do Corvo, Coimbra | Proximidade | 20:01:20 | Início 1ª Parte | 1:47 |
| 14.jan.2017 | JN | Homicídio Macedo de Cavaleiros | Macedo de Cavaleiros, Bragança | Proximidade | 20:03:07 | Início 1ª Parte | 1:25 |
| 14.jan.2017 | JN | Manifestação Hospital Portimão | Portimão, Faro | Proximidade | 20:29:47 | Início 2ª Parte | 1:34 |
| 14.jan.2017 | JN | Feira da Pulga Porto | Porto, Porto | Proximidade | 21:22:38 | Fim 2ª Parte | 2:30 |
| 14.jan.2017 | JN | Sexta Feira 13 | Montalegre, Vila Real | Proximidade | 21:25:08 | Fecho 2ª Parte | 2:55 |
| 15.jan.2017 | PJ | Cogumelos | Pampilhosa da Serra, Coimbra | Proximidade | 13:33:18 | Fim 1ª Parte | 2:34 |
| 15.jan.2017 | PJ | Caminhada Raríssimas | Maia, Porto | Proximidade | 13:36:12 | Fim 1ª Parte | 2:54 |
| 15.jan.2017 | PJ | Algarve destino mais procurado | Albufeira, Faro | Proximidade | 13:56:08 | Abertura 2ª Parte | 2:39 |
| 15.jan.2017 | PJ | Dia Mundial Neve | Covilhã, Castelo Branco | Proximidade | 13:58:48 | Início 2ª Parte | 2:20 |
| 15.jan.2017 | PJ | Peça Promo RE Serra da Estrela | Seia, Guarda | Proximidade | 14:01:08 | Meio 2ª Parte | 2:11 |

| | | | | | | | |
|-------------|----|---------------------------------|---------------------------------|-------------|----------|-------------------|-------|
| 15.jan.2017 | PJ | Concerto Estudantes Sírios | Porto, Porto | Proximidade | 14:03:40 | Meio 2ª Parte | 2:24 |
| 15.jan.2017 | PJ | Baile de Homens na Guarda | Pinhel, Guarda | Proximidade | 14:09:10 | Fecho 2ª Parte | 3:05 |
| 15.jan.2017 | JN | Acusação TUB Braga | Braga, Braga | Proximidade | 20:07:34 | Fim 1ª Parte | 1:24 |
| 15.jan.2017 | JN | Dia Mundial da Neve | Covilhã, Castelo Branco | Proximidade | 20:29:56 | Meio 2ª Parte | 2:22 |
| 15.jan.2017 | JN | RE Aqui também se vive | Seia, Guarda | Proximidade | 20:32:18 | Fecho 2ª Parte | 16:27 |
| 20.fev.2017 | PJ | Caso Bebé Guarda | Guarda, Guarda | Proximidade | 13:07:47 | Início 1ª Parte | 2:24 |
| 20.fev.2017 | PJ | DIR Guarda (3G15) | Guarda, Guarda | Proximidade | 13:10:10 | Início 1ª Parte | 3:15 |
| 20.fev.2017 | PJ | Início Julg. Pai Abusa Filho | Coimbra, Coimbra | Proximidade | 13:22:12 | Meio 1ª Parte | 0:44 |
| 20.fev.2017 | PJ | Alegações Cartas de Condução | Bragança, Bragança | Proximidade | 13:22:56 | Meio 1ª Parte | 2:38 |
| 20.fev.2017 | PJ | Confrontos Estádio Braga | Braga, Braga | Proximidade | 13:31:37 | Fim 1ª Parte | 2:11 |
| 20.fev.2017 | PJ | Dia do Animal no Campo | Viseu, Viseu | Proximidade | 14:10:16 | Meio 2ª Parte | 3:12 |
| 20.fev.2017 | PJ | Empresários Aprendem História | Viseu, Viseu | Proximidade | 14:16:08 | Meio 2ª Parte | 3:11 |
| 20.fev.2017 | PJ | Pastel de Fátima | Ourém, Santarém | Proximidade | 14:22:34 | Fim 2ª Parte | 2:24 |
| 20.fev.2017 | PJ | Carnaval de Ovar | Ovar, Ovar | Proximidade | 14:24:57 | Fecho 2ª Parte | 2:31 |
| 20.fev.2017 | JN | Bebé Guarda | Guarda, Guarda | Proximidade | 20:44:41 | Início 2ª Parte | 3:13 |
| 21.fev.2017 | PJ | Morte Bebé Guarda | Guarda, Guarda | Proximidade | 13:06:14 | Início 1ª Parte | 2:40 |
| 21.fev.2017 | PJ | Polémica USF | Matosinhos, Porto | Proximidade | 13:25:56 | Meio 1ª Parte | 2:21 |
| 21.fev.2017 | PJ | Protesto Fundação Univ. Coimbra | Coimbra, Coimbra | Proximidade | 13:28:18 | Meio 1ª Parte | 2:11 |
| 21.fev.2017 | PJ | Início Julg Estátuas Bronze | Aveiro, Aveiro | Proximidade | 13:30:30 | Fim 1ª Parte | 1:13 |
| 21.fev.2017 | PJ | Museu de Conimbriga | Coimbra, Coimbra | Proximidade | 14:26:19 | Fecho 2ª Parte | 2:17 |
| 21.fev.2017 | JN | Morte Bebé Guarda | Guarda, Guarda | Proximidade | 20:49:28 | Meio 2ª Parte | 2:39 |
| 21.fev.2017 | JN | Crime no Hostel OFF | Porto, Porto | Proximidade | 20:52:08 | Meio 2ª Parte | 0:34 |
| 21.fev.2017 | JN | Acidente Trator | Bragança, Bragança | Proximidade | 20:52:42 | Meio 2ª Parte | 1:39 |
| 21.fev.2017 | JN | Futuro Hoje WC Inteligente | Lisboa, Lisboa / Aveiro, Aveiro | Proximidade | 21:07:48 | Fim 2ª Parte | 6:29 |
| 22.fev.2017 | PJ | Protestos Ilha do Farol | Faro, Faro | Proximidade | 13:00:35 | Abertura 1ª Parte | 3:14 |

| | | | | | | | |
|-------------|----|-------------------------------|---------------------------------|-------------|----------|-------------------|------|
| 22.fev.2017 | PJ | DIR Ilha do Farol | Faro, Faro | Proximidade | 13:03:48 | Início 1ª Parte | 2:30 |
| 22.fev.2017 | PJ | Filho Raptor Detido | Grândola, Setúbal | Proximidade | 13:53:47 | Abertura 2ª Parte | 1:41 |
| 22.fev.2017 | PJ | Crime no Hostel OFF | Porto, Porto | Proximidade | 13:55:28 | Início 2ª Parte | 1:00 |
| 22.fev.2017 | PJ | Acidente Trator | Bragança, Bragança | Proximidade | 13:59:02 | Início 2ª Parte | 1:39 |
| 22.fev.2017 | PJ | Semana Gastronómica Queijo | Serpa, Beja | Proximidade | 14:16:34 | Meio 2ª Parte | 1:56 |
| 22.fev.2017 | JN | Filho Raptor Detido JN | Grândola, Setúbal | Proximidade | 20:47:50 | Início 2ª Parte | 1:52 |
| 22.fev.2017 | JN | Protesto ilha Farol | Faro, Faro | Proximidade | 20:49:43 | Início 2ª Parte | 3:51 |
| 22.fev.2017 | JN | Correntes d'Escritas | Póvoa do Varzim, Porto | Proximidade | 21:21:14 | Fecho 2ª Parte | 2:20 |
| 23.fev.2017 | PJ | Posse Ilha do Farol | Faro, Faro | Proximidade | 13:00:20 | Abertura 1ª Parte | 2:40 |
| 23.fev.2017 | PJ | GNR apreende motores OFF | Vila do Conde, Porto | Proximidade | 13:08:50 | Início 1ª Parte | 0:36 |
| 23.fev.2017 | PJ | Jul Mãe mata Filho | Braga, Braga | Proximidade | 13:09:26 | Início 1ª Parte | 1:08 |
| 23.fev.2017 | PJ | Estudo Cancro Sul | Faro, Faro | Proximidade | 13:26:36 | Meio 1ª Parte | 2:00 |
| 23.fev.2017 | PJ | Explicações Cancro Sul | Faro, Faro | Proximidade | 13:28:36 | Fim 1ª Parte | 2:25 |
| 23.fev.2017 | PJ | Registo Mundial Ébola | Porto, Porto | Proximidade | 13:31:08 | Fim 1ª Parte | 1:31 |
| 23.fev.2017 | PJ | Centro GIS | Matosinhos, Porto | Proximidade | 13:54:04 | Abertura 2ª Parte | 2:58 |
| 23.fev.2017 | JN | Jul Mãe mata Filho | Braga, Braga | Proximidade | 20:32:30 | Início 2ª Parte | 1:09 |
| 23.fev.2017 | JN | Estudo Cancro JN | Faro, Faro | Proximidade | 20:33:39 | Início 2ª Parte | 3:15 |
| 23.fev.2017 | JN | Presidente da Junta - Setúbal | Setúbal, Setúbal | Proximidade | 20:53:04 | Meio 2ª Parte | 1:26 |
| 24.fev.2017 | PJ | Fuga de Ácido OFF | Vila Nova de Gaia, Porto | Proximidade | 13:00:55 | Abertura 1ª Parte | 0:35 |
| 24.fev.2017 | PJ | Acidente Ácido | Vila Nova de Gaia, Porto | Proximidade | 13:17:56 | Meio 1ª Parte | 1:26 |
| 24.fev.2017 | PJ | Simulacro Minas Romanas NO-VA | Vila Pouca de Aguiar, Vila Real | Proximidade | 13:25:45 | Fim 1ª Parte | 2:19 |
| 24.fev.2017 | PJ | Fábrica Borracha | Aljustrel, Beja | Proximidade | 13:28:04 | Fecho 1ª Parte | 2:34 |
| 24.fev.2017 | PJ | DIRETO Carnaval Ovar (3G5) | Ovar, Aveiro | Proximidade | 13:58:26 | Início 2ª Parte | 4:35 |

| | | | | | | | |
|-------------|----|--------------------------------|---|-------------|----------|-------------------|-------|
| 24.fev.2017 | PJ | DIRETO Carnaval Sesimbra (3G3) | Sesimbra, Setúbal | Proximidade | 14:03:01 | Meio 2ª Parte | 4:00 |
| 24.fev.2017 | PJ | FALSO DIRETO Sardeal (3G6)mais | Sardeal, Santarém | Proximidade | 14:14:16 | Fim 2ª Parte | 5:39 |
| 24.fev.2017 | PJ | Fogo Sardeal PEÇA | Sardeal, Santarém | Proximidade | 14:20:05 | Fim 2ª Parte | 1:32 |
| 24.fev.2017 | PJ | Bolas de Lamego | Lamego, Viseu | Proximidade | 14:24:07 | Fim 2ª Parte | 2:24 |
| 24.fev.2017 | JN | Morte Bebé Guarda Últimas | Guarda, Guarda | Proximidade | 20:29:36 | Abertura 2ª Parte | 2:28 |
| 24.fev.2017 | JN | Essência do Vinho | Porto, Porto | Proximidade | 21:05:21 | Meio 2ª Parte | 1:55 |
| 24.fev.2017 | JN | Se7e - 24 de Fevereiro | Óbidos, Leiria / Alcochete, Setúbal / Porto, Porto / Lisboa, Lisboa | Proximidade | 21:07:17 | Fecho 2ª Parte | 15:51 |
| 25.fev.2017 | PJ | Morte Bebé Guarda | Guarda, Guarda | Proximidade | 13:16:29 | Meio 1ª Parte | 2:27 |
| 25.fev.2017 | PJ | Sal dos Deuses | Chaves, Vila Real | Proximidade | 13:31:12 | Fim 1ª Parte | 2:33 |
| 25.fev.2017 | PJ | Lampreia Penacova | Penacova, Coimbra | Proximidade | 13:33:46 | Fim 1ª Parte | 2:37 |
| 25.fev.2017 | PJ | Direto Papas Serrabulho | Amares, Braga | Proximidade | 13:36:23 | Fim 1ª Parte | 3:00 |
| 25.fev.2017 | PJ | Povo no Algarve | Loulé, Faro | Proximidade | 13:39:38 | Fim 1ª Parte | 2:10 |
| 25.fev.2017 | JN | Buscas Pescador Albufeira | Albufeira, Faro | Proximidade | 20:07:43 | Meio 1ª Parte | 1:24 |
| 25.fev.2017 | JN | Carnaval Caretos de Bragança | Macedo de Cavaleiros, Bragança | Proximidade | 20:52:15 | Início 2ª Parte | 2:41 |
| 26.fev.2017 | PJ | Camélias Açores | Ponta Delgada, Açores | Proximidade | 13:24:37 | Meio 1ª Parte | 2:14 |
| 26.fev.2017 | PJ | Lagarada Celorico | Celorico da Beira, Guarda | Proximidade | 13:27:08 | Meio 1ª Parte | 2:54 |
| 26.fev.2017 | PJ | Semana Gastronómica Queijo | Serpa, Beja | Proximidade | 13:30:02 | Fim 1ª Parte | 1:59 |
| 26.fev.2017 | PJ | Fumeiro Cabeceiras de Basto | Cabeceiras de Basto, Braga | Proximidade | 13:33:42 | Fim 1ª Parte | 1:41 |
| 26.fev.2017 | PJ | Cozido Carnaval | Vila Real, Vila Real | Proximidade | 13:33:42 | Fim 1ª Parte | 3:08 |
| 26.fev.2017 | PJ | Carnaval Caretos de Bragança | Macedo de Cavaleiros, Bragança | Proximidade | 13:41:43 | Fecho 1ª Parte | 2:43 |
| 26.fev.2017 | PJ | Carnaval Madeira | Funchal, Madeira | Proximidade | 13:57:22 | Abertura 2ª Parte | 2:33 |
| 26.fev.2017 | PJ | Escolas de Samba Ovar | Ovar, Aveiro | Proximidade | 13:59:55 | Fim 2ª Parte | 1:32 |

| | | | | | | | |
|-------------|----|---------------------------|-------------------|-------------|----------|-------------------|------|
| 26.fev.2017 | PJ | Direto Ovar | Ovar, Aveiro | Proximidade | 14:01:27 | Fim 2ª Parte | 2:50 |
| 26.fev.2017 | PJ | Direto Loulé | Loulé, Faro | Proximidade | 14:07:17 | Fim 2ª Parte | 2:00 |
| 26.fev.2017 | PJ | Direto Sesimbra | Sesimbra, Setúbal | Proximidade | 14:09:17 | Fecho 2ª Parte | 2:00 |
| 26.fev.2017 | JN | Carnaval de Ovar | Ovar, Aveiro | Proximidade | 20:24:07 | Abertura 2ª Parte | 1:45 |
| 26.fev.2017 | JN | Carnaval da Mealhada | Mealhada, Aveiro | Proximidade | 20:25:52 | Início 2ª Parte | 1:38 |
| 26.fev.2017 | JN | Carnaval e Galo da Guarda | Guarda, Guarda | Proximidade | 20:27:31 | Início 2ª Parte | 2:19 |
| 26.fev.2017 | JN | Carnaval de Sesimbra | Sesimbra, Setúbal | Proximidade | 20:31:41 | Início 2ª Parte | 2:01 |
| 26.fev.2017 | JN | Carnaval de Loulé | Loulé, Faro | Proximidade | 20:33:42 | Fecho 2ª Parte | 1:44 |

| <i>Data</i> | Jornal | Nome | Fonte²⁹ | Editoria | Temática | Programação | Género Jornalístico | Valor-notícia | Obs. |
|-------------|---------------|---------------------------------|---------------------------|-----------------|--------------------|--------------------|----------------------------|----------------------|-------------|
| 31.out.2016 | PJ | Peça Amarsul | P / C | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | Peça | Personificação | |
| 31.out.2016 | PJ | Poupança Aldeias | P | Economia | Efemérides | Fora da Agenda | Reportagem | Frequência | |
| 31.out.2016 | PJ | Assalto Idosa Olhão | P / AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 31.out.2016 | PJ | Halloween no Castelo | E / P | Sociedade | Efemérides | Agenda | Peça | Frequência | PROMO |
| 31.out.2016 | PJ | Preparativos Halloween Figueira | C | Sociedade | Efemérides | Ligado à Agenda | Peça | Frequência | PROMO |

²⁹ P – Público em geral / M – Agências de Comunicação e outros média / C – Associações e Entidades Comunitárias / E – Tecido Empresarial e Serviços / AL – Autoridade Local / AN – Autoridade Nacional / GL – Governo Local / GN – Governo Nacional

| | | | | | | | | | |
|--------------------|----|------------------------------|-------------|-----------|----------------------|-----------------|------------|-------------------------------|-------|
| <i>31.out.2016</i> | PJ | Miúdo Ourém Curta | AL / P | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Consonância | PROMO |
| <i>31.out.2016</i> | PJ | Ondas Nazaré | P | Desporto | Surf | Agenda | Peça | Amplitude | |
| <i>31.out.2016</i> | JN | Gaia Legionella OFF | M | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | OFF | Negatividade | |
| <i>31.out.2016</i> | JN | The Gift Esculturas | P | Cultura | Música | Agenda | Reportagem | Significância | |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Gaia Legionella OFF | M | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | OFF | Negatividade | |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Liga Cancro Coimbra | C / P | Sociedade | Saúde | Ligado à Agenda | Peça | Frequência | |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Óbito Sampaio Pimentel OFF 1 | M | Política | Mortes | Fora da Agenda | OFF | Referência a Pessoas de Elite | |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Todos os Santos Vila Real | E / P | Sociedade | Efemérides | Ligado à Agenda | Peça | Frequência | PROMO |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Agressões GNR PEÇA | AL / A | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| <i>01.nov.2016</i> | PJ | Traíl Míscairos | C / P | Desporto | Corridas e Maratonas | Agenda | Peça | Personificação | |
| <i>01.nov.2016</i> | JN | GNR Olhão NOVA | P / AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| <i>01.nov.2016</i> | JN | Enxurradas Albufeira | AL / GL / E | Sociedade | Clima | Agenda | Reportagem | Consonância | PROMO |
| <i>01.nov.2016</i> | JN | Rita Guerra Açores | P | Cultura | Música | Agenda | Reportagem | Significância | |
| <i>02.nov.2016</i> | PJ | Greve Hospital Guarda | P / C | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | Peça | Amplitude | |
| <i>02.nov.2016</i> | PJ | Enxurradas Albufeira | AL / GL / E | Sociedade | Clima | Agenda | Reportagem | Consonância | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|----------------------------------|--------|-----------|-------------------|----------------|------------|----------------|--|
| 02.nov.2016 | PJ | Repetição Julg. Prof. Mata Filho | AN | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 02.nov.2016 | PJ | Violação Açores OFF | AN | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | OFF | Inesperado | |
| 02.nov.2016 | PJ | Acórdão Jaime Antunes | P / AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 02.nov.2016 | PJ | Operação Campo Seguro GNR | AL / P | Sociedade | Problemas Sociais | Agenda | Peça | Personificação | |
| 02.nov.2016 | PJ | Dispensa-te - Caixa Solidária | C / P | Sociedade | Problemas Sociais | Agenda | Peça | Personificação | |
| 02.nov.2016 | PJ | Passeio Arte Urbana | E / P | Cultura | Arte Urbana | Agenda | Peça | Significância | |
| 02.nov.2016 | JN | Legionela Bom OFF | M | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | OFF | Negatividade | |
| 02.nov.2016 | JN | Delegada Legionella TH | AL | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | TH | Composição | |
| 02.nov.2016 | JN | Direto Faro | E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Direto | Composição | |
| 02.nov.2016 | JN | Violação Lajes | AN | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| 03.nov.2016 | PJ | DIRETO FA Beja | AN | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Direto | Composição | |
| 03.nov.2016 | PJ | DIRETO FA Monte Real | AN | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Direto | Composição | |
| 03.nov.2016 | PJ | Legionela Hotel Nova | E / P | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Reportagem | Negatividade | |
| 03.nov.2016 | PJ | Pedro Dias Fuga | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Consonância | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|---------------------------------|---------|-----------|--------------------------|----------------|------------|-------------------------------|-------|
| 03.nov.2016 | PJ | Manif Pinhais | E / C | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | Peça | Personificação | |
| 03.nov.2016 | PJ | Feira de Emprego | E / P | Economia | Educação | Agenda | Peça | Personificação | |
| 03.nov.2016 | PJ | Poste na Estrada | GL / P | Sociedade | Insólitos e Curiosidades | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | PROMO |
| 03.nov.2016 | PJ | Burlas GNR Cerva | P / AL | Sociedade | Casos de Polícia | Agenda | Peça | Personificação | |
| 03.nov.2016 | JN | Detenções Farmacêuticos | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| 04.nov.2016 | PJ | Detenções Farmacêuticos | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| 04.nov.2016 | PJ | Burla Carros Porto | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 04.nov.2016 | PJ | Acórdão Bragança | AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 04.nov.2016 | PJ | Agressões Jovens Castelo Branco | P | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | |
| 04.nov.2016 | PJ | Germano Honoris | P | Sociedade | Educação | Agenda | Peça | Referência a Pessoas de Elite | PROMO |
| 04.nov.2016 | PJ | Projeto Ajudaris | C / P | Sociedade | Problemas Sociais | Agenda | Peça | Personificação | PROMO |
| 04.nov.2016 | PJ | Doações Bombeiros | AL / P | Sociedade | Problemas Sociais | Fora da Agenda | Peça | Personificação | PROMO |
| 04.nov.2016 | JN | Demissão Relógios JN | GL | Política | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 04.nov.2016 | JN | Fundos IEPF - Barcelos | AN / AL | Economia | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça PROMO | Inesperado | |
| 04.nov.2016 | JN | Se7e 4 No- | E | Cultura | Turismo e Lazer | Fora da Agenda | Rubrica | Significância | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|---------------------------------------|---------|-----------|-------------------|-----------------|---------------------|----------------|-------|
| | | vembro | | | | | | | |
| 04.nov.2016 | JN | GNR Convidados | P | Cultura | Música | Agenda | Peça | Consonância | |
| 05.nov.2016 | PJ | Fundos IEFP - Barcelos | AN / AL | Economia | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça PROMO | Inesperado | |
| 05.nov.2016 | PJ | Heart Genetics Web Summit | E | Economia | Tecnologia | Ligado à Agenda | Peça | Inesperado | |
| 05.nov.2016 | PJ | Airbnb Carros | E | Economia | Tecnologia | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | PROMO |
| 05.nov.2016 | PJ | Burlas Casas Férias Algarve | AL / P | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Reportagem | Negatividade | |
| 05.nov.2016 | PJ | Olaria Viana do Alentejo | GL / P | Sociedade | Artesanato | Ligado à Agenda | Peça | Significância | |
| 05.nov.2016 | PJ | Pinhel Cidade do Vinho | GL / E | Sociedade | Gastronomia | Ligado à Agenda | Reportagem | Significância | |
| 05.nov.2016 | PJ | Raid Humanitário Viana Guiné | C / P | Sociedade | Problemas Sociais | Ligado à Agenda | Peça | Personificação | |
| 05.nov.2016 | PJ | GNR convidados | P | Cultura | Música | Agenda | Reportagem | Consonância | |
| 05.nov.2016 | JN | Suspensão Dyego Sousa OFF | C | Desporto | Futebol | Fora da Agenda | OFF | Negatividade | |
| 05.nov.2016 | JN | Fundos - Ministério Público Investiga | AN | Política | Justiça | Fora da Agenda | Reportagem Especial | Inesperado | PROMO |
| 06.nov.2016 | PJ | Jovens Clássico | P | Desporto | Futebol | Ligado à Agenda | Peça | Composição | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|----------------------------------|------------|-----------|--------------------------|-----------------|------------|----------------|-------|
| 06.nov.2016 | PJ | Assaltante Algarve | P | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 06.nov.2016 | PJ | Watgrid Web Summit | E | Sociedade | Tecnologia | Ligado à Agenda | Peça | Inesperado | |
| 06.nov.2016 | PJ | Volta ao Mundo | P | Sociedade | Insólitos e Curiosidades | Fora da Agenda | Reportagem | Inesperado | PROMO |
| 06.nov.2016 | PJ | Febras na Feira dos Santos | E / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Peça | Personificação | |
| 06.nov.2016 | PJ | Maratona Porto 1 | P | Desporto | Corridas e Maratonas | Agenda | Peça | Significância | |
| 05.dez.2016 | PJ | Turbulência Qatar Açores Nova | A | Sociedade | Acidentes | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| 05.dez.2016 | PJ | Facadas Vila Real | AL / P | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 05.dez.2016 | PJ | Julgamento Imigração Ilegal | AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 05.dez.2016 | PJ | Hospital Portimão JN | E / P | Sociedade | Greves e Manifestações | Fora da Agenda | Reportagem | Negatividade | |
| 05.dez.2016 | PJ | Dia Mundial do Voluntariado | C / P | Sociedade | Efemérides | Ligado à Agenda | Peça | Frequência | |
| 05.dez.2016 | PJ | Presépio Penela | GL / E / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 05.dez.2016 | PJ | Turismo Porto | GL | Economia | Turismo e Lazer | Fora da Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 05.dez.2016 | PJ | 20 Anos Porto Património Mundial | P / GL / E | Cultura | Património | Ligado à Agenda | Reportagem | Consonância | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|------------------------------------|-------------|-----------|--------------------------|-----------------|------------|-------------------------------|--|
| 05.dez.2016 | JN | Marcelo dia | GL / P | Política | Governo | Agenda | Peça | Referência a Pessoas de Elite | |
| 05.dez.2016 | JN | Hospital Portimão Ministro | GL / E / P | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | |
| 05.dez.2016 | JN | Disney in Concert | P / GL / E | Cultura | Música | Agenda | Peça | Significância | |
| 05.dez.2016 | JN | 20 Anos Porto Património JN | P | Cultura | Património | Ligado à Agenda | Reportagem | Consonância | |
| 06.dez.2016 | PJ | Mário Nogueira - educação especial | C | Política | Governo | Agenda | Peça | Negatividade | |
| 06.dez.2016 | PJ | Hospital Portimão Ministro | GL / E / P | Sociedade | Governo | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | |
| 06.dez.2016 | PJ | Nadadores salvadores de inverno | GL / AL / P | Sociedade | Insólitos e Curiosidades | Fora da Agenda | Reportagem | Inesperado | |
| 06.dez.2016 | PJ | Jovens Profissões Futuro | E / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Personificação | |
| 06.dez.2016 | PJ | Presépio Vi-seu | GL / E / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Reportagem | Significância | |
| 06.dez.2016 | PJ | Presépio Lagoa | GL / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Peça | Significância | |
| 06.dez.2016 | JN | Futuro Hoje - Leica | E | Sociedade | Tecnologia | Ligado à Agenda | Rubrica | Inesperado | |
| 06.dez.2016 | JN | Teatro de Almada | P | Cultura | Teatro | Agenda | Peça | Significância | |
| 07.dez.2016 | PJ | Mau Tempo | E | Sociedade | Clima | Fora da Agenda | Peça | Clareza | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|--------------------------------|--------|-----------|--------------------------|-----------------|------|-------------------------------|--|
| | | Açores | | | | | | | |
| 07.dez.2016 | PJ | Enfermeiros Guarda | E / C | Sociedade | Greves e Protestos | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 07.dez.2016 | PJ | Centro Hospitalar Algarve | GL / E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Peça | Amplitude | |
| 07.dez.2016 | PJ | Antecipação Julg. Escriturário | AL | Sociedade | Justiça | Ligado à Agenda | Peça | Continuidade | |
| 07.dez.2016 | PJ | Escaravelho nas Palmeiras | GL | Sociedade | Ambiente | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| 07.dez.2016 | PJ | Início Julgamento Autarcas | AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 07.dez.2016 | PJ | Roubo Azeitona | P | Sociedade | Crime | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 07.dez.2016 | PJ | Natal Madeira | GL / P | Economia | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Peça | Significância | |
| 07.dez.2016 | PJ | Exposição relógios | E | Cultura | Exposições | Agenda | Peça | Significância | |
| 07.dez.2016 | JN | Início Julg. Autarcas | E / AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 07.dez.2016 | JN | Julgamento Escriturário | AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 08.dez.2016 | PJ | Acidente Antanol OFF | M | Sociedade | Acidentes | Fora da Agenda | OFF | Negatividade | |
| 08.dez.2016 | PJ | Mau Tempo Açores | AL | Sociedade | Clima | Fora da Agenda | Peça | Clareza | |
| 08.dez.2016 | PJ | Passos Coelho - Braga | GL / P | Economia | Partidos | Agenda | Peça | Referência a Pessoas de Elite | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|------------------------------------|------------|-----------|--------------------------|-----------------|------------|---------------|-------|
| 08.dez.2016 | PJ | Fábrica de Brinquedos | E / P | Sociedade | Vida Quotidiana | Ligado à Agenda | Peça | Significância | |
| 08.dez.2016 | PJ | Presépio Vivo Sabugal | P | Sociedade | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 08.dez.2016 | PJ | Comic Com | E / P | Cultura | Literatura | Agenda | Peça | Amplitude | |
| 08.dez.2016 | JN | Eu é que Sou o Presidente da Junta | GL / C / P | Política | Autarquias | Fora da Agenda | Rubrica | Significância | PROMO |
| 09.dez.2016 | PJ | Explosão Padaria Ílhavo | AL / P | Sociedade | Acidentes | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| 09.dez.2016 | PJ | Greve Cantinas Porto | C / E | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | Peça | Amplitude | |
| 09.dez.2016 | PJ | Greve Assédio Engenharia | C / E | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | Peça | Inesperado | |
| 09.dez.2016 | PJ | Jovens desaparecidas OFF | P | Sociedade | Casos Pessoais | Fora da Agenda | OFF | Negatividade | |
| 09.dez.2016 | PJ | Presépio Miniatura Tarouca | GL / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Reportagem | Significância | |
| 09.dez.2016 | PJ | Jardim de Natal Figueira | C / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Peça | Significância | |
| 09.dez.2016 | PJ | Cabeça Aldeia Natal | GL / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Peça | Significância | |
| 09.dez.2016 | JN | Jovens Mortas Montemor-o-Velho | AL / P | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 09.dez.2016 | JN | Explosão Padaria JN | AL / P | Sociedade | Acidentes | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|----------------------------------|------------|-----------|--------------------------|-----------------|------------|----------------|-------|
| 09.dez.2016 | JN | Se7e - 9 Dezembro | E | Sociedade | Turismo e Lazer | Ligado à Agenda | Rubrica | Significância | PROMO |
| 09.dez.2016 | JN | Vinhos Especialistas | E | Sociedade | Gastronomia | Ligado à Agenda | Peça | Significância | |
| 10.dez.2016 | PJ | Protesto Carrosséis | GL / C / E | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | Peça | Personificação | |
| 10.dez.2016 | PJ | DIRETO Carrosséis | C / E | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | DIRETO | Composição | |
| 10.dez.2016 | PJ | Miúdas mortas Montemor nova | AL / P | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | |
| 10.dez.2016 | PJ | Tradição do Burel 1 | E | Sociedade | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Reportagem | Significância | |
| 10.dez.2016 | PJ | Festa do Galo | GL / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 10.dez.2016 | PJ | Festival Tibórnia | E / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Significância | |
| 10.dez.2016 | PJ | Presépio das Furnas | GL / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 10.dez.2016 | JN | Miúdas mortas Montemor nova | AL / P | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | |
| 10.dez.2016 | JN | Protesto Carrosséis Coimbra | GL / C / E | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | Peça | Personificação | PROMO |
| 10.dez.2016 | JN | Demolição Casa de Férias Salgado | AL | Sociedade | Curiosidades e Insólitos | Fora da Agenda | Peça | Clareza | |
| 10.dez.2016 | JN | Apreensão Tabaco Évora | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |

| | | | | | | | | | |
|--------------------|----|----------------------------|--------|-----------|--------------------------|----------------|------------|-------------------------------|-------|
| <i>10.dez.2016</i> | JN | Perdidos e Achados: Açores | GL / P | Sociedade | Curiosidades e Insólitos | Fora da Agenda | Rubrica | Consonância | |
| <i>10.dez.2016</i> | JN | Presépio das Furnas | GL / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Significância | |
| <i>10.dez.2016</i> | JN | Bailado Montras Porto | E / P | Cultura | Dança | Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| <i>10.dez.2016</i> | JN | Árvore de Natal Aveiro | P | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| <i>11.dez.2016</i> | PJ | Jerónimo em Braga | GL | Política | Partidos | Agenda | Peça | Referência a Pessoas de Elite | |
| <i>11.dez.2016</i> | PJ | Tasca certificada Quercus | E / P | Sociedade | Turismo e Lazer | Agenda | Reportagem | Significância | PROMO |
| <i>11.dez.2016</i> | PJ | Vinho de Taha | GL / E | Sociedade | Gastronomia | Agenda | Peça | Significância | |
| <i>11.dez.2016</i> | PJ | Mala de Jogos Idosos | E / P | Sociedade | Vida Social | Agenda | Peça | Inesperado | |
| <i>11.dez.2016</i> | PJ | Bailado Montras Porto | E / P | Cultura | Dança | Agenda | Peça | Significância | |
| <i>11.dez.2016</i> | PJ | Árvore de Natal Aveiro | P | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Significância | |
| <i>11.dez.2016</i> | JN | Passos Coelho Fds JN | GL | Política | Partidos | Agenda | Peça | Referência a Pessoas de Elite | |
| <i>11.dez.2016</i> | JN | Buscas Francesas Bial | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| <i>09.jan.2017</i> | PJ | Sequestrador Grândola | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Agenda | Peça | Continuidade | |
| <i>09.jan.2017</i> | PJ | Julg Feira | AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|--------------------------------|--------|-----------|--------------------------|-----------------|---------------------|-------------------------------|-------|
| | | Tecidos | | | | | | | |
| 09.jan.2017 | PJ | Apreensão Droga Porto | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 09.jan.2017 | PJ | Velório Guilherme Pinto | GL | Sociedade | Mortes | Agenda | Peça | Referência a Pessoas de Elite | |
| 09.jan.2017 | PJ | Funeral Daniel Serrão OFF | M | Sociedade | Mortes | Agenda | OFF | Referência a Pessoas de Elite | |
| 09.jan.2017 | JN | Funeral Guilherme Pinto | GL | Sociedade | Mortes | Agenda | Peça | Referência a Pessoas de Elite | |
| 09.jan.2017 | JN | Funeral Daniel Serrão OFF | M | Sociedade | Mortes | Agenda | OFF | Referência a Pessoas de Elite | |
| 10.jan.2017 | JN | Alfarrabista Soares | E | Política | Literatura | Fora da Agenda | Peça | Composição | |
| 10.jan.2017 | JN | Padre em Contramão | AL | Sociedade | Curiosidades e Insólitos | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| 10.jan.2017 | JN | RE:Gripe | E / AL | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Reportagem Especial | Negatividade | PROMO |
| 11.jan.2017 | PJ | Protesto Aquecimento Escola | P | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | Peça | Personificação | |
| 11.jan.2017 | PJ | Acidente Bragança Peça | AL | Sociedade | Acidentes | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | PROMO |
| 11.jan.2017 | PJ | Gasóleo Profissional Fronteira | E | Economia | Macroeconomia | Ligado à Agenda | Reportagem | Significância | PROMO |
| 11.jan.2017 | PJ | Corte Cabo Madeira | M | Sociedade | Curiosidades e Insólitos | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | PROMO |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|------------------------------------|------------|-----------|--------------------------|-----------------|------------|---------------|-------|
| 11.jan.2017 | PJ | GNR Apreensão Roubos Loulé | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 11.jan.2017 | PJ | Fecho Reformatório Guarda | GL | Sociedade | Educação | Fora da Agenda | Peça | Clareza | |
| 11.jan.2017 | PJ | Janeiras Fundos Festa | C / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Reportagem | Significância | PROMO |
| 11.jan.2017 | JN | Verdade Celestial | AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 11.jan.2017 | JN | Agressões Almada - Atrasos Justiça | A / P / AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Reportagem | Continuidade | |
| 11.jan.2017 | JN | Julgamento Bebé Agredido Mãe | AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 12.jan.2017 | PJ | Incêndio Alcains OFF | AL / M | Sociedade | Ambiente | Fora da Agenda | OFF | Negatividade | |
| 12.jan.2017 | PJ | DIRETO Alcains | AL / P | Sociedade | Ambiente | Fora da Agenda | DIRETO | Composição | |
| 12.jan.2017 | PJ | TH Bombeiro Alcains | AL | Sociedade | Ambiente | Fora da Agenda | TH | Composição | |
| 12.jan.2017 | PJ | Incêndio Guimarães | AL / P | Sociedade | Ambiente | Fora da Agenda | Reportagem | Amplitude | |
| 12.jan.2017 | PJ | Julgamento Mãe Daniel | P | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 12.jan.2017 | PJ | Homicídio Madeira | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | PROMO |
| 12.jan.2017 | PJ | Verdade Ce- | AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |

| | | | | | | | | | |
|--------------------|----|------------------------------------|------------|-----------|--------------------------|-----------------|------------|----------------|-------|
| | | lestial | | | | | | | |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Agressões Almada - Atrasos Justiça | A / P / AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Reportagem | Continuidade | |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Julgamento Bebê Agredido Mãe | AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Vidigueira Apoia Idosos | GL / C / P | Sociedade | Problemas Sociais | Fora da Agenda | Peça | Personificação | |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Cascas para prevenir Doenças | E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Fumeiro Boticas | GL / E | Sociedade | Festividades e Tradições | Ligado à Agenda | Peça | Significância | |
| <i>12.jan.2017</i> | PJ | Surf Noturno | GL / C | Desporto | Surf | Agenda | Peça | Inesperado | PROMO |
| <i>12.jan.2017</i> | JN | Cocaína Absolvidos Santarém | E / P | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| <i>13.jan.2017</i> | PJ | Medidas Agressores Almada | P | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| <i>13.jan.2017</i> | PJ | Raptada Grândola | AL / P | Sociedade | Casos de Polícia | Agenda | Peça | Continuidade | |
| <i>13.jan.2017</i> | PJ | Julgamento Cartas Condução | AL | Sociedade | Justiça | Ligado à Agenda | Peça | Continuidade | |
| <i>13.jan.2017</i> | PJ | Cocaína Absolvidos Santarém | E / P | Sociedade | Justiça | Ligado à Agenda | Peça | Continuidade | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|-----------------------------|----------------|-----------|--------------------------|-----------------|---------|----------------|-------|
| 13.jan.2017 | PJ | Salários construção civil | C | Economia | Microeconomia | Agenda | Peça | Clareza | |
| 13.jan.2017 | PJ | Obras EN125 | GL | Sociedade | Vida Social | Agenda | Peça | Consonância | |
| 13.jan.2017 | PJ | Petiscos Mercado Lamego | E / P | Sociedade | Gastronomia | Agenda | Peça | Personificação | |
| 13.jan.2017 | PJ | Aniversário Lello | E / P | Cultura | Efeméride | Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 13.jan.2017 | PJ | Cinema regressa ao Batalha | GL / E | Cultura | Cinema | Ligado à Agenda | Peça | Inesperado | |
| 13.jan.2017 | JN | Audição agressão Almada | P | Sociedade | Justiça | Ligado à Agenda | Peça | Continuidade | |
| 13.jan.2017 | JN | Raptada Grândola JN | AL / P | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | |
| 13.jan.2017 | JN | Se7e - 13 Janeiro FINAL | E | Cultura | Turismo e Lazer | Fora da Agenda | Rubrica | Significância | PROMO |
| 13.jan.2017 | JN | 111 Anos da Lello | E / P | Cultura | Efeméride | Agenda | Peça | Significância | |
| 14.jan.2017 | PJ | Homicídio Macedo Cavaleiros | AL / P | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 14.jan.2017 | PJ | PSD Porto Autárquicas OFF | GL | Política | Autarquias | Fora da Agenda | OFF | Inesperado | |
| 14.jan.2017 | PJ | GNR Idosos Frio | AL / P | Sociedade | Problemas Sociais | Agenda | Peça | Personificação | PROMO |
| 14.jan.2017 | PJ | Monumento Fático | E / C / GL / P | Sociedade | Curiosidades e Insólitos | Agenda | Peça | Inesperado | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|--------------------------------|------------|-----------|--------------------------|-----------------|------------|----------------|-------|
| 14.jan.2017 | PJ | Semana da Chanfana | E / C / GL | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 14.jan.2017 | PJ | Sexta Feira 13 | P / GL | Sociedade | Efemérides | Agenda | Reportagem | Significância | PROMO |
| 14.jan.2017 | JN | Homicídio Miranda do Corvo | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 14.jan.2017 | JN | Homicídio Macedo de Cavaleiros | AL / P | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 14.jan.2017 | JN | Manifestação Hospital Portimão | P / E | Sociedade | Casos de Polícia | Agenda | Peça | Personificação | |
| 14.jan.2017 | JN | Feira da Pulga Porto | C / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 14.jan.2017 | JN | Sexta Feira 13 | P / GL | Sociedade | Efemérides | Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 15.jan.2017 | PJ | Cogumelos | E / P | Sociedade | Vida Social | Agenda | Peça | Personificação | |
| 15.jan.2017 | PJ | Caminhada Raríssimas | C / P | Sociedade | Corridas e Maratonas | Agenda | Peça | Personificação | |
| 15.jan.2017 | PJ | Algarve destino mais procurado | P / E | Economia | Turismo e Lazer | Fora da Agenda | Peça | Significância | |
| 15.jan.2017 | PJ | Dia Mundial Neve | E / P | Sociedade | Efeméride | Ligado à Agenda | Peça | Frequência | PROMO |
| 15.jan.2017 | PJ | Peça Promo RE Serra da Estrela | E / P / C | Sociedade | Problemas Sociais | Fora da Agenda | Peça Promo | Significância | |
| 15.jan.2017 | PJ | Concerto Estudantes Sí- | P / C | Cultura | Música | Agenda | Peça | Significância | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|-------------------------------|-------------|-----------|--------------------------|-----------------|------------|---------------|-------|
| | | rios | | | | | | | |
| 15.jan.2017 | PJ | Baile de Homens na Guarda | P | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Inesperado | |
| 15.jan.2017 | JN | Acusação TUB Braga | M | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Negatividade | |
| 15.jan.2017 | JN | Dia Mundial da Neve | E / P | Sociedade | Efemérides | Ligado à Agenda | Peça | Frequência | PROMO |
| 15.jan.2017 | JN | RE Aqui também se vive | E / P / C | Sociedade | Problemas Sociais | Fora da Agenda | Peça Promo | Significância | PROMO |
| 20.fev.2017 | PJ | Caso Bebê Guarda | AN / AL / E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 20.fev.2017 | PJ | DIR Guarda (3G15) | AN / AL / E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Direto | Composição | |
| 20.fev.2017 | PJ | Início Julg. Pai Abusa Filho | AL | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 20.fev.2017 | PJ | Alegações Cartas de Condução | AN | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 20.fev.2017 | PJ | Confrontos Estádio Braga | P | Desporto | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 20.fev.2017 | PJ | Dia do Animal no Campo | AL / P | Sociedade | Efeméride | Ligado à Agenda | Reportagem | Frequência | |
| 20.fev.2017 | PJ | Empresários Aprendem História | GL / E | Sociedade | Curiosidades e Insólitos | Agenda | Reportagem | Inesperado | PROMO |
| 20.fev.2017 | PJ | Pastel de Fátima | E | Sociedade | Gastronomia | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|---------------------------------|-------------|-----------|--------------------------|----------------|------------|----------------|-------|
| 20.fev.2017 | PJ | Carnaval de Ovar | P / GL | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 20.fev.2017 | JN | Bebé Guarda | AN / AL / E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Reportagem | Continuidade | |
| 21.fev.2017 | PJ | Morte Bebé Guarda | AN / AL / E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | |
| 21.fev.2017 | PJ | Polémica USF | CN | Sociedade | Saúde | Agenda | Peça | Amplitude | |
| 21.fev.2017 | PJ | Protesto Fundação Univ. Coimbra | C / P / E | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | Peça | Personificação | |
| 21.fev.2017 | PJ | Início Julg Estátuas Bronze | AN | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 21.fev.2017 | PJ | Museu de Conimbriga | E / GL | Cultura | Museus | Fora da Agenda | Peça | Significância | |
| 21.fev.2017 | JN | Morte Bebé Guarda | AN / AL / E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | |
| 21.fev.2017 | JN | Crime no Hostel OFF | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Agenda | OFF | Continuidade | |
| 21.fev.2017 | JN | Acidente Trator | AL / P | Sociedade | Acidentes | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 21.fev.2017 | JN | Futuro Hoje WC Inteligente | E | Sociedade | Tecnologia | Fora da Agenda | Rubrica | Inesperado | PROMO |
| 22.fev.2017 | PJ | Protestos Ilha do Farol | AL / P | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | Peça | Personificação | |
| 22.fev.2017 | PJ | DIR Ilha do Farol | AL / P | Sociedade | Greves e Protestos | Agenda | Direto | Composição | |
| 22.fev.2017 | PJ | Filho Raptor Detido | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|----------------------------|-----------------|-----------|--------------------------|----------------|------------|-------------------------------|-------|
| 22.fev.2017 | PJ | Crime no Hostel OFF | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Agenda | OFF | Continuidade | |
| 22.fev.2017 | PJ | Acidente Trator | AL / P | Sociedade | Acidentes | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 22.fev.2017 | PJ | Semana Gastronômica Queijo | E / P / M | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Peça | Significância | |
| 22.fev.2017 | JN | Filho Raptor Detido JN | AL | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | Peça | Negatividade | |
| 22.fev.2017 | JN | Protesto ilha Farol | GN / AL / P / C | Sociedade | Greves e protestos | Agenda | Reportagem | Continuidade | |
| 22.fev.2017 | JN | Correntes d'Escritas | GN / C / | Cultura | Literatura | Agenda | Peça | Referência a Pessoas de Elite | |
| 23.fev.2017 | PJ | Posse Ilha do Farol | P / C / AN | Sociedade | Greves e Protestos | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | |
| 23.fev.2017 | PJ | GNR apreende motores OFF | M | Sociedade | Casos de Polícia | Fora da Agenda | OFF | Amplitude | |
| 23.fev.2017 | PJ | Jul Mãe mata Filho | AL / P | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |
| 23.fev.2017 | PJ | Estudo Cancro Sul | E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | PROMO |
| 23.fev.2017 | PJ | Explicações Cancro Sul | E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Peça | Composição | |
| 23.fev.2017 | PJ | Registo Mundial Ébola | E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| 23.fev.2017 | PJ | Centro GIS | C / GL | Sociedade | Problemas Sociais | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| 23.fev.2017 | JN | Jul Mãe mata | AL / P | Sociedade | Justiça | Agenda | Peça | Continuidade | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|--------------------------------|---------|-----------|--------------------------|----------------|--------------|----------------|-------|
| | | Filho | | | | | | | |
| 23.fev.2017 | JN | Estudo Cancro JN | E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Reportagem | Inesperado | |
| 23.fev.2017 | JN | Presidente da Junta - Setúbal | GL / P | Política | Autarquias | Fora da Agenda | Rubrica | Significância | |
| 24.fev.2017 | PJ | Fuga de Ácido OFF | M | Sociedade | Acidentes | Fora da Agenda | OFF | Inesperado | |
| 24.fev.2017 | PJ | Acidente Ácido | AL | Sociedade | Acidentes | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| 24.fev.2017 | PJ | Simulacro Minas Romanas NOVA | AL / E | Sociedade | Curiosidades e Insólitos | Agenda | Peça | Personificação | |
| 24.fev.2017 | PJ | Fábrica Borracha | E | Economia | Curiosidades e Insólitos | Fora da Agenda | Peça | Amplitude | |
| 24.fev.2017 | PJ | DIRETO Carnaval Ovar (3G5) | P / C | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Direto | Frequência | PROMO |
| 24.fev.2017 | PJ | DIRETO Carnaval Sesimbra (3G3) | P / C | Sociedade | Festividades e Tradições | Agenda | Direto | Frequência | PROMO |
| 24.fev.2017 | PJ | FALSO DIRETO Sardoal (3G6)mais | AL / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Fora da Agenda | Falso Direto | Consonância | |
| 24.fev.2017 | PJ | Fogo Sardoal PEÇA | AL / P | Sociedade | Festividades e Tradições | Fora da Agenda | Peça | Consonância | PROMO |
| 24.fev.2017 | PJ | Bolas de Lamego | E / C | Sociedade | Gastronomia | Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 24.fev.2017 | JN | Morte Bebé Guarda Últi- | AN / AL | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | |

| | | | | | | | | | |
|-------------|----|-------------------------------|------------|-----------|--------------------------|-----------------|---------|-------------------------------|-------|
| | | mas | | | | | | | |
| 24.fev.2017 | JN | Essência do Vinho | E / P | Cultura | Gastronomia | Agenda | Peça | Significância | |
| 24.fev.2017 | JN | Se7e - 24 de Fevereiro | E | Cultura | Turismo e Lazer | Fora da Agenda | Rubrica | Significância | PROMO |
| 25.fev.2017 | PJ | Catarina Martins Alentejo | AN / AL | Política | Partidos | Agenda | Peça | Referência a Pessoas de Elite | |
| 25.fev.2017 | PJ | Morte Bebé Guarda | E | Sociedade | Saúde | Fora da Agenda | Peça | Continuidade | PROMO |
| 25.fev.2017 | PJ | Sal dos Deuses | E / L | Sociedade | Tradições e Festividades | Fora da Agenda | Peça | Significância | |
| 25.fev.2017 | PJ | Lampreia Penacova | E / P | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Significância | PROMO |
| 25.fev.2017 | PJ | Direto Papas Serrabulho | P | Sociedade | Tradições e Festividades | Ligado à Agenda | Direto | Personificação | |
| 25.fev.2017 | PJ | Povo no Algarve | AL | Sociedade | Tradições e Festividades | Ligado à Agenda | Peça | Personificação | |
| 25.fev.2017 | JN | Buscas Pescador Albufeira | P | Sociedade | Acidentes | Fora da Agenda | Peça | Inesperado | |
| 25.fev.2017 | JN | Carnaval Carretos de Bragança | P | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Frequência | |
| 26.fev.2017 | PJ | Camélias Açores | P / GL | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Significância | |
| 26.fev.2017 | PJ | Lagarada Celorico | E / P / GL | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Significância | |
| 26.fev.2017 | PJ | Semana Gastronómica | E / P | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Significância | |

| | | Queijo | | | | | | | |
|-------------|----|-------------------------------|------------|-----------|--------------------------|--------|------------|---------------|-------|
| 26.fev.2017 | PJ | Fumeiro Cabeceiras de Basto | E | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Significância | |
| 26.fev.2017 | PJ | Cozido Carnaval | P | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Reportagem | Frequência | |
| 26.fev.2017 | PJ | Carnaval Carretos de Bragança | P / C | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Frequência | PROMO |
| 26.fev.2017 | PJ | Carnaval Madeira | C | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Frequência | |
| 26.fev.2017 | PJ | Escolas de Samba Ovar | P / C | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Frequência | |
| 26.fev.2017 | PJ | Direto Ovar | P / C | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Direto | Frequência | PROMO |
| 26.fev.2017 | PJ | Direto Loulé | P / C | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Direto | Frequência | PROMO |
| 26.fev.2017 | PJ | Direto Sesimbra | P / C / GL | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Direto | Frequência | PROMO |
| 26.fev.2017 | JN | Carnaval de Ovar | P / C | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Frequência | |
| 26.fev.2017 | JN | Carnaval da Mealhada | P / GL | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Frequência | |
| 26.fev.2017 | JN | Carnaval e Galo da Guarda | P / C / E | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Frequência | |
| 26.fev.2017 | JN | Carnaval de Sesimbra | P | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Frequência | |
| 26.fev.2017 | JN | Carnaval de Loulé | P / C | Sociedade | Tradições e Festividades | Agenda | Peça | Frequência | |

ANEXO B: ENTREVISTAS

CORRESPONDENTE – JOÃO FAIÕES³⁰

1. Há quanto tempo é correspondente da SIC? Que território faz parte da sua área de cobertura?

JF – Há 20 anos. Principal área de cobertura: distrito de Bragança. Vila Real, Guarda e Espanha.

2. Para além deste órgão de comunicação social, trabalha para mais algum? Se sim, qual?

JF – De momento trabalho apenas para a SIC, mas também já trabalhei na Rádio Brigantia, em Bragança, e também fui correspondente do Jornal Público.

3. Na sua opinião, a cobertura de acontecimentos locais, fora de Lisboa, é suficiente? Porquê?

JF – Penso que a cobertura informativa do país é satisfatória, embora grande parte das notícias oriundas das regiões tenham pouco espaço em prime-time, fruto de um centralismo instituído.

4. Na redação de Lisboa a especialização é associada a cada editoria. No entanto, os correspondentes têm por sua conta um território com tudo o que nele pode acontecer. É legítimo dizer que são especializados no território e não numa área?

JF – Acho mais correto dizer que somos jornalistas generalistas. Tanto fazemos sociedade, como política, desporto, economia e às vezes até internacional (quando saímos para Espanha)

³⁰ A entrevista foi realizada por e-mail.

5. Uma das questões mais debatidas em relação ao jornalismo local é a da excessiva proximidade com as fontes. Que vantagens e desvantagens vê nisso?

JF – Penso que tem mais vantagens do que desvantagens. O aspeto mais positivo é o fluxo informativo que advém das fontes, sabendo filtrar essa informação.

O mais importante é saber gerir a relação com as fontes quer a nível de credibilidade, quer impondo limites de proximidade. A relação de confiança com as fontes pode até ser mais profícua nos meios mais pequenos garantindo que nada acontece sem o nosso conhecimento.

A proximidade com as fontes não é um exclusivo do jornalismo mais local. Também nas grandes redações há relações próximas com as fontes, a nível de assessorias e de agências de comunicação, e nem por isso têm de ser relações de risco. Desde que se saiba gerir essa comunicação.

6. Enquanto correspondente da SIC, os trabalhos que faz são na maioria sugeridos por si, ou são pedidos por algum editor ou coordenador? Consegue traduzir em percentagens?

JF – Penso que 70% dos trabalhos produzidos em Bragança serão da nossa iniciativa.

7. No seu caso, que género de assuntos ou temas mais sugere e para que tipo de serviços é mais requisitado?

JF – Proponho tudo que é do universo da região com possível interesse nacional. Iniciativas originais, casos e histórias que se distinguem, tradições, projetos de sucesso, etc. Além disso também a notícia pura e dura. Incêndios, acidentes, alguns tipos de crime, etc. 99% das nossas sugestões são aceites pela SIC.

As matérias pedidas pela SIC têm mais a ver com a agenda. Política, julgamentos e outros acontecimentos da atualidade. Também somos requisitados para reportagens alargadas e mais diferenciadas sobre determinados temas que tenham a ver com a natureza da região ou, sendo mesmo assuntos gerais, possam ser feitos a partir de qualquer região do país.

1. Há quanto tempo é correspondente da SIC? Que território faz parte da sua área de cobertura?

FC – Correspondente da SIC desde Fevereiro de 2013, responsável pelo distrito de Viseu, sendo que também já fiz trabalhos em outras regiões do país.

2. Para além deste órgão de comunicação social, trabalha para mais algum? Se sim, qual?

FC – Não.

3. Na sua opinião, a cobertura de acontecimentos locais, fora de Lisboa, é suficiente? Porquê?

FC – No caso em particular da minha delegação, temos uma média de 30 reportagens mensais da nossa região, a maior parte destes trabalhos são com temas que não figuram na agenda do dia. Ou seja, tentamos cobrir várias tradições, casos particulares que precisam de atenção e actividades que não são motivo de abertura de jornais, mas que mesmo assim não deixam de ter interesse noticioso.

4. Na redação de Lisboa a especialização é associada a cada editoria. No entanto, os correspondentes têm por sua conta um território com tudo o que nele pode acontecer. É legítimo dizer que são especializados no território e não numa área?

FC – Prefiro pensar que a especialização hoje em dia é algo que apenas se atinge num estado de “maturação jornalística” bem avançado. Quero com isto dizer que, actualmente, o profissional que se dedique somente a uma área não é bem preparado. Não digo que não devam existir referências em determinadas áreas, como a SIC tem e boas,

³¹ A entrevista foi realizada por e-mail e não obedece ao Novo Acordo Ortográfico.

mas um jovem jornalista não deve pensar em especializar-se, deve primeiro pensar em fazer bem. O caminho define-se depois de começar a caminhada.

Em particular nas delegações, digamos que somos forçados a saber como estar num tribunal, como acompanhar umas jornadas partidárias, ou simplesmente como cobrir um incêndio florestal. Claro que com o tempo vamos sentido mais à-vontade em determinada área, mas não podemos por isso deixar de fazer outros temas.

5. Uma das questões mais debatidas em relação ao jornalismo local é a da excessiva proximidade com as fontes. Que vantagens e desvantagens vê nisso?

FC – Essa é uma questão sempre apontada por quem está longe do jornalismo dito local. Sim estamos próximos de algumas fontes, como está a jornalista que acompanha os trabalhos na Assembleia da República. As responsabilidades éticas e deontológicas não se regem pelo jornalismo ser local ou regional, são uma questão de princípio. Tenho muitos e bons exemplos de pessoas que não gostaram de um determinado trabalho, porque não era bom para a sua imagem, mas que mantiveram o mesmo nível de tratamento e consideração.

6. Enquanto correspondente da SIC, os trabalhos que faz são na maioria sugeridos por si, ou são pedidos por algum editor ou coordenador? Consegue traduzir em percentagens?

FC – Diria que 85 por cento são propostas minhas. Somos nós que estamos no terreno.

7. No seu caso, que género de assuntos ou temas mais sugere e para que tipo de serviços é mais requisitado?

FC – Quando se gosta de trabalhar sugerimos sobre tudo e não dizemos não a nada. Diria que sou chamado quando acontece algo e sentem que posso ser útil. É isso que me faz gostar de ser jornalista.

1. Há quanto tempo é correspondente da SIC? Que território faz parte da sua área de cobertura?

LG – Fui correspondente da SIC no Alentejo entre 1992 e 1995, interrompendo nessa data. Retomei em 2009. O território corresponde aos distritos de Évora e Beja, concelhos de Elvas e Campo Maior (no distrito de Portalegre) e municípios do Litoral Alentejano (Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Odemira).

2. Para além deste órgão de comunicação social, trabalha para mais algum? Se sim, qual?

LG – Colaborações esporádicas na imprensa escrita, designadamente no Diário de Notícias.

3. Na sua opinião, a cobertura de acontecimentos locais, fora de Lisboa, é suficiente? Porquê?

LG – No caso da SIC acho que é dada uma atenção importante aos acontecimentos fora de Lisboa e do Porto, sobretudo a nível do Primeiro Jornal, embora fosse desejável uma maior atenção ao que se passa no país. Algumas áreas, como a Cultura, vivem demasiado centradas em torno do que acontece em Lisboa

4. Na redação de Lisboa a especialização é associada a cada editoria. No entanto, os correspondentes têm por sua conta um território com tudo o que nele pode acontecer. É legítimo dizer que são especializados no território e não numa área?

LG – Não me parece. O que sucede é que os correspondentes conhecem bem o território em que trabalham (e, por isso, têm acesso facilitado às fontes) mas apesar de o

³² A entrevista foi realizada por e-mail.

trabalho diário nos obrigar a abordar diversos assuntos, a verdade é que cada um de nós se interessa mais por um ou outro tipo de temas.

5. Uma das questões mais debatidas em relação ao jornalismo local é a da excessiva proximidade com as fontes. Que vantagens e desvantagens vê nisso?

LG – Essa conclusão não é verídica pois a excessiva proximidade com as fontes não é maior no "jornalismo local" do que no "jornalismo nacional". Um jornalista que acompanha os trabalhos na Assembleia da República, que cobre a vida das empresas cotadas em Bolsa ou que tem nas agências de comunicação antigos camaradas de redação estará seguramente mais exposto a esse problema da excessiva proximidade com as fontes do que um correspondente que tem uma vasta área de cobertura (no meu caso são mais de 30 municípios).

6. Enquanto correspondente da SIC, os trabalhos que faz são na maioria sugeridos por si, ou são pedidos por algum editor ou coordenador? Consegue traduzir em percentagens?

LG – São na sua grande maioria sugeridos por mim (em 80% dos casos), sendo que os pedidos pela redação em Lisboa, normalmente, estão relacionados com a agenda política. 70% 85 por cento são propostas minhas. Somos nós que estamos no terreno.

7. No seu caso, que género de assuntos ou temas mais sugere e para que tipo de serviços é mais requisitado?

LG – Sobretudo temas sociais, economia (pequenas e médias empresas, sobretudo nos setores da agricultura) e turismo (incluindo gastronomia e vinhos). Boa parte dos meus trabalhos encontra-se nestas áreas e é destinado, em primeira linha, ao Primeiro Jornal. Depois há a agenda política (em particular para a SIC Notícias) e as questões relacionadas com criminalidade (quando são consideradas relevantes de um ponto de vista nacional).

1. Na sua opinião, a cobertura de acontecimentos locais, fora de Lisboa, é suficiente? Porquê?

IH – É completamente suficiente, porque os assuntos locais para terem cobertura têm que ter interesse nacional. Portanto é completamente suficiente, porque nós não fazemos uma cobertura de acontecimentos locais com interesse local, têm que ter interesse nacional.

2. Com que critérios escolhe que acontecimentos locais, fora de Lisboa, merecem cobertura por parte da SIC?

IH – São aqueles que, na minha perspetiva, têm interesse nacional por terem cobertura para um canal que é generalista e nacional. E mesmo que não seja generalista, que seja a SIC Notícias, têm que ter interesse nacional. Nós não fazemos cobertura, não temos nenhum programa que seja vocacionado para assuntos locais propriamente ditos. Apesar de serem locais, têm que ter sempre interesse nacional, têm que ter sempre uma perspetiva de interesse nacional, interesse para a generalidade das pessoas do país inteiro.

3. O distrito de Lisboa é, naturalmente, aquele onde em Portugal é recolhida a maior parte dos conteúdos emitidos nos noticiários da SIC, representando 38% do total. No entanto, apenas 6% das notícias emitidas correspondem efetivamente a uma cobertura "local" do distrito de Lisboa. Porque é que acha que este valor é inferior?

IH – São os assuntos que terão interesse também nacional, é sempre esse o critério. Não damos nada que tenha apenas uma perspetiva só para Lisboa, não é!? Não vamos fazer só o buraquinho na Junta de Freguesia não sei de onde. O critério é exatamente o mesmo para Lisboa, ou para Freixo de Espada à Cinta... ou para a Guarda ou para Viseu. O critério tem que ser o mesmo para Lisboa ou para outro lado qualquer... ape-

³³ A entrevista foi realizada por chamada telefónica.

sar de ser aqui, ou apesar de ser aí, ou apesar de ser em Lisboa que reside a maior concentração de população do país

4. Na sua opinião, o que faz com que determinada zona em Portugal tenha mais ou menos cobertura?

IH – Sempre a mesma coisa. É acontecerem lá coisas que, na minha perspetiva, que seja com interesse nacional ou seja que não interesse só à população daquela zona, que interesse à população do país inteiro. Temos público nacional... e não localizado.

5. Mas o facto de não existirem ou existirem mais ou menos correspondentes não influenciará também?

IH – Não, não influencia. A questão é que, por exemplo, em Faro existem dois. No Verão existe uma perspetiva de sazonalidade. No Verão, por exemplo, a maior parte da população do País vai para o Algarve e, portanto, nós precisamos ter gente que dê uma cobertura grande à afluência enorme de população naquela zona. Por outro lado, eles estão ali, mas rapidamente vão, por exemplo, para Espanha, não é? E a nós interessa-nos que se mantenha um lá [em Faro] e que vá outro para Espanha, portanto precisamos de duas pessoas. Não são dois correspondentes, aquilo é uma empresa que é nossa correspondente. Agora se a empresa emprega uma, ou duas ou três pessoas é um problema da empresa, não é!? Ou seja, nós não contratamos o serviço de dois correspondentes, nós contratamos o serviço de uma empresa e a empresa entende contratar o serviço de duas pessoas ou de três. Até já teve três pessoas, percebes? Por exemplo, em Coimbra nós temos os serviços contratados de uma empresa, essa empresa tem três pessoas contratadas, ok? Porque entende que o volume de trabalho que a SIC lhes dá naquela zona justifica ter três pessoas contratadas. Há outros sítios onde nós temos diretamente contratos com pessoas, há sítios onde nós temos contratos com empresas, percebes a questão? Tem a ver com o volume de trabalho, é essa a questão [do número de correspondentes].

6. Para que género de temática ou assunto costuma requisitar o trabalho dos correspondentes locais em Portugal?

IH – Tudo o que seja a minha área. Educação, justiça, saúde, religião. Tudo o que não seja política, economia, desporto e cultura. Ou seja, tudo o que é abrangente na minha área, são esses os trabalhos que lhes peço.

7. Mas em termos de temáticas, não há nenhuma que destaque?

IH – Depende das alturas, há alturas em que os requisito mais para trabalhos relacionados com a justiça, outras relacionados com a saúde. Depende da altura, quer dizer... depende do fluxo noticioso. Há alturas em que é mais sobre a educação. Imagina, por exemplo, o Mário Nogueira da FENPROF, ele é residente na área de Coimbra, não é? Portanto, Coimbra é muito solicitado para isso e para questões de educação. Naquela altura em que havia aquele problema com os contratos com os colégios, aqueles colégios de associações, era muitíssimo requisitada toda aquela zona, porque a maior parte desses colégios com contratos de associação eram de lá. Depende, depende muito. Por exemplo Braga é muito solicitada para a área social, Bragança também. Depende, depende muito do fluxo noticioso do momento.

8. É incontrolável e imprevisível?

IH – Não somos nós que mandamos, não é? É imprevisível, exatamente.

1. Na sua opinião, a cobertura de acontecimentos locais, fora de Lisboa, é suficiente? Porquê?

AA – Penso que poderíamos dar mais notícias àquilo que acontece fora de Lisboa. É aliás uma necessidade que eu sinto, enquanto coordenador, mas infelizmente a nossa rede de correspondentes não consegue chegar a todo o lado. Muitos vezes acontece-nos ter mais do que uma notícia importante por distrito e só termos uma delegação. E aí temos que optar: temos duas notícias importantes no mesmo distrito... se não houver possibilidade de mandar um correspondente para o distrito vizinho vamos ter que optar por só dar uma notícia. E muitas vezes temos distritos tão grandes, áreas geográficas tão grandes, como por exemplo o Alentejo em que às vezes é impossível chegarmos a tempo e horas para fazer uma determinada notícia por causa das distâncias físicas, e se tivéssemos uma rede de correspondentes maior tínhamos certamente uma antena e noticiários mais ricos.

2. O distrito de Lisboa é, naturalmente, aquele onde em Portugal é recolhida a maior parte dos conteúdos emitidos nos noticiários da SIC, representando 38% do total. No entanto, apenas 6% das notícias emitidas correspondem efetivamente a uma cobertura "local" do distrito de Lisboa. Como justifica esta disparidade?

AA – Eu penso que é natural, tendo em conta que Lisboa é a capital do país. É a área do país que tem mais habitantes, é a capital política. Não sei se é a capital financeira, mas é uma das cidades mais ricas do país (talvez o Porto esteja em primeiro lugar), mas é uma cidade viva, quer em termos de turismo, quer em termos de economia. É uma cidade que tem crescido nos últimos tempos também, não é?! Estou a falar do turismo, e esse tem sido um dos indicadores. É uma cidade que nos últimos dez anos deu um grande salto e teve uma projeção internacional. É uma cidade muito viva, em termos de jovens, de iniciativas... e acaba por ser por essas razões todas que acabamos por lhe dar destaque. Não é que nos tenhamos uma visão *olissipocêntrica*, em que Lisboa está

³⁴ A entrevista foi realizada por chamada telefónica.

no centro do mundo. Mas, de facto, tudo isto acaba por fazer com que nós tenhamos alguma atenção particular àquilo que se passa na capital.

3. Na sua opinião, o que faz com que determinada zona em Portugal tenha mais ou menos cobertura?

AA – Penso que isso é inevitável que seja em relação ao número de notícias. Lisboa, por ter mais habitantes e mais coisas a acontecer, acaba por ter mais notícias. E por ser a capital política, financeira... as sedes estão baseadas aqui [Lisboa]. O principal critério é mesmo a realidade, no nosso caso. Se houvesse mais coisas a acontecer nos outros distritos, certamente teríamos mais notícias sobre os outros locais. Acho que o principal critério, para mim, é exatamente esse: o facto de haver menos acontecimentos, haver menos realidade a acontecer nos outros locais. Por isso é que há menos notícias desses locais

4. Para que género de temática ou assunto costuma requisitar mais o trabalho dos correspondentes locais em Portugal?

AA – Depende. Tem um pouco a ver, por um lado pelas notícias, por outro com os períodos do ano. Se for verão, se calhar pedimos ao algarve mais reportagens viradas para a realidade do turismo. Se calhar eu peço aos correspondentes do centro do país mais sobre os incêndios, ou regresso dos imigrantes às terras. Além desta questão da sazonalidade também tem a ver com as realidades dos locais e dos distritos. Há delegações a que eu peço mais reportagens que tenham a ver com temas agrícolas, porque é uma área forte na zona onde elas estão implantadas. Se calhar a Coimbra posso pedir mais sobre florestas, porque é uma zona com muitos eucaliptos, e pinheiros. Tem um pouco a ver com a riqueza daqueles distritos. Imagina: se eu tiver de fazer uma reportagem sobre a produção de cereais em Portugal vou pedir ao Alentejo. Tem a ver com essas dinâmicas. Por um lado, sazonalidade. Há reportagens que só se pedem em algumas alturas do ano e aí há regiões específicas. E por outro, com as próprias dinâmicas dessas regiões. Porque há regiões que têm determinadas situações económicas e sociais, por exemplo o envelhecimento da população, questões agrícolas... e é nisso que nos centramos quando pedíamos certas reportagens a certos correspondentes.

5. Que assuntos locais podem ser recuperados do Primeiro Jornal para o Jornal da Noite? E que assuntos locais dificilmente caberão no alimento do JN?

AA – O Primeiro Jornal, de facto é um jornal um pouco mais... não é que seja mais local, (eu percebo a pergunta) é um bocadinho mais de proximidade. Também porque temos mais tempo. Apesar de terem durações parecidas o Jornal da Noite acaba por ter rubricas quase todos os dias. À segunda tem um comentador, à terça feira tem uma Reportagem Especial, à quarta feira tem uma Grande Reportagem. Em termos úteis acaba por ter menos tempo para as pequenas peças e notícias do dia. No Primeiro Jornal temos mais tempo para isso tudo e, portanto, acabamos por dar destaque a esse tipo de histórias. Por outro lado, também tem a ver com o perfil do público. Tendo em conta aquilo que nós achamos e tendo por base as audiências, o público da hora de almoço está mais disposto a ver este tipo de histórias. E depois olhamos para as audiências e vemos no dia a seguir que, se calhar, estávamos certos. Que aquelas histórias até funcionaram. As histórias de proximidade, no Primeiro Jornal, tendo em conta a audiência, acabam por funcionar bastante bem. À noite, já o perfil do público é diferente. Já estamos a falar de outro tipo de classes sociais, de pessoas com outro tipo de estudos e as notícias são necessariamente diferentes, porque o público é diferente. O que eu aproveito do JN depende... pode ser notícias de política, economia, sociedade... Desde que seja uma boa história, eu aproveito.

6. Com que critérios decide se um acontecimento local deve estar Primeiro Jornal? E ter *promo*? Ou ser a de abertura?

AA – Depende de muitos fatores, dependo da estratégia do jornal, do que é que a gente quer fazer do jornal naquele dia. Mas uma notícia pode valer por si e pode valer para abrir o jornal independente de ser uma notícia centrada em Lisboa, no Porto, em qualquer delegação em qualquer parte do país ou nas ilhas... ou no mundo. O critério é ela valer enquanto notícia para abrir um telejornal. O critério é mesmo esse: é o valor da notícia. O meu principal critério é: eu acho que esta notícia é importante e tem interesse para a generalidade das pessoas que estão a ver. É eu achar que as pessoas vão querer ver esta notícia. É uma notícia que tem força, que tem assunto, que é importante, que importa denunciar e que as pessoas vão querer ver.

A questão da *promo* pode ter haver com vários fatores. É porque a notícia é importante, é porque as imagens são muito boas. Às vezes a notícia pode não ser tão importante, mas pode valer uma excelente *promo*. Ou porque as imagens são muito boas e são tão boas que a pessoa olha para a televisão vê uma imagem, ou que não percebe bem, ou que é fora do comum, fora da caixa, ou é imagem tão forte, que faz querer ficar sentado em frente à televisão para perceber aquilo. O que será aquilo!? Que desfecho terá tido aquela história!?

1. Na sua opinião, a cobertura de acontecimentos locais, fora de Lisboa, é suficiente? Porquê?

MBR – É suficiente, porque a cobertura corresponde à totalidade do território nacional e acho que, embora o peso seja talvez de 60/40, embora haja dias que possa ser 80/20, também não podemos dizer que Lisboa não é o centro das principais decisões políticas e económicas e, portanto, acho que as outras coisas têm que ter um peso relativo. Mas acho que nos noticiários da SIC até as outras regiões fora de Lisboa estão muito bem representadas.

2. O distrito de Lisboa é, naturalmente, aquele onde em Portugal é recolhida a maior parte dos conteúdos emitidos nos noticiários da SIC, representando 38% do total. No entanto, apenas 6% das notícias emitidas correspondem efetivamente a uma cobertura "local" do distrito de Lisboa. Como justifica esta disparidade?

MBR – Porque, quanto a mim, os principais intervenientes que tomam decisões com peso nacional estão em Lisboa e são aquelas figuras que tu andas sempre atrás, porque basicamente são as pessoas que tu segues a agenda. Todos os dias segues quer o Presidente da República quer o Primeiro-ministro, quer algum ministro que esteja com um tema quente da altura digamos assim. Portanto, acabas por ter um peso dessas figuras, que são figuras cujos cargos acabam por ser um peso nacional. À partida a maior parte do teu noticiário ronda à volta dessas pessoas, portanto vai ter sempre um impacto nacional que faz negligenciar a parte local de Lisboa... que acaba por ser, às vezes mais. Também não sei qual foi o período que tu analisaste, mas por exemplo em anos de autárquicas esses valores vão ser ligeiramente diferentes, mas acaba por ser um peso nacional e não no de Lisboa, não é? O resto, se calhar, dos outros locais deve ser cada um também não vão ter um peso muito longe dos 6% estamos é a analisá-los como um todo em relação a Lisboa, mas não cada um perto de si Porto *per si*, Algarve *per si*... se calhar aí a taxa vai estar perto dos 6% também.

³⁵ A entrevista foi realizada por chamada telefónica.

3. Na sua opinião, o que faz com que determinada zona em Portugal tenha mais ou menos cobertura?

MBR – Eu acho que é, à partida, a importância económica da cidade ou do local que estamos a falar, a sua relevância em termos de população, se é mais densamente povoada ou menos densamente povoada. Acho que é um misto destes dois. De densidade populacional e ser, ou não, um polo de atração económica, porque se for um polo de atração económica tem à partida mais assuntos do que uma zona de baixa densidade populacional, que tem pouca atividade económica e que, portanto, terá menos interesse noticioso que só se vai para lá se há um acontecimento extraordinário como um fogo, uma inundação... uma coisa desse género.

4. Para que género de temática ou assunto costuma requisitar mais o trabalho dos correspondentes locais em Portugal?

MBR – Não há uma coisa que seja mais relevante que as outras. Há uma questão que é, se há agenda de figuras nacionais nesses locais, os correspondentes são requisitados. Se há algum acontecimento que seja de catástrofe, e a catástrofe em si pode ser qualquer coisa, pode ser uma cheia, pode ser um acidente de trânsito, pode ser um incêndio, pode ser..., portanto alguma coisa que tenha relevância noticiosa, os correspondentes são acionados. Ou se há também algum *fait-diver* ou algum acontecimento de agenda, uma feira disto, um encontro não sei do quê, um restaurante disto, um passeio de não sei que mais, o festival do balão, o festival da alheira, sei lá... há “n” razões para as quais o correspondente pode ser requisitado. Num registo às vezes de fim de semana, ou num registo mais de atualidade *hard news*. Há várias razões pelas quais o correspondente é requisitado e, muitas vezes, o correspondente até também tem a função de trabalhar algo que, não é necessariamente da sua região, mas se nós tivermos algum assunto que é a redação principal não consegue dar resposta, podemos recorrer ao correspondente, como mais um braço para ajudar a dar conta do fluxo que nós não conseguimos dar conta da redação principal. E ainda há outra coisa que é... em programas com a coordenação, como a SIC Notícias ou qualquer outra coisa, se houver um Opinião Pública sobre a instalação da Agência Europeia do Medicamento e já não tivermos solução em Lisboa podemos perguntar ao correspondente do Algarve, ou de Bragança para ser ele a

fazer as perguntas às pessoas da sua cidade, que serão nesse caso elas representativas da população portuguesa, para não ser sempre necessariamente a população de Lisboa ou do Porto.

5. Que assuntos locais podem ser recuperados do Primeiro Jornal para o Jornal da Noite? E que assuntos locais dificilmente caberão no alimento do JN?

MBR – Não há fórmulas, não é? Porque se for um tema local, como são agora os incêndios que se tornaram nacionais, eles tanto são a abertura do Primeiro Jornal como do Jornal da Noite. Mas o Primeiro Jornal é um jornal que, dado do tipo de público do Primeiro Jornal, embora eu ache que isso com o passar dos anos tem-se vindo a esbater, porque há muito mais televisões e há muitos mais locais onde as pessoas veem televisão, desde os telefones ou aos escritórios e tudo isso... O Primeiro Jornal tem que ser um jornal onde as notícias mais locais tenham mais peso que no Jornal da Noite, porque Portugal também é um País que acorda tarde e, onde as reuniões oficiais e todas as agendas que tivemos oficiais das figuras de primeiro plano, tendem muito mais para a tarde, ou para o final da manhã e início da tarde e mesmo de final de tarde do que de manhã cedo, que apanha o Primeiro Jornal que é emitido às 13h, não é? Portanto, acabas por ter um Primeiro Jornal mais voltado para as notícias da véspera e de pendor local, e um Jornal da Noite mais para as questões de âmbito nacional com um pendor mais de análise e um pendor menos local. As notícias mais locais têm mais lugar no Primeiro Jornal do que o Jornal da Noite porque eles têm ADN diferente e públicos diferentes. Uma pessoa, à noite quando quer ver o jornal não está há procura dos mesmos assuntos do que uma pessoa que está no jornal à hora de almoço. As peças do Jornal da Noite são mais densas, são peças mais de análise, têm um conteúdo mais político do que as peças do Primeiro Jornal, que são peças, até pelo menos tempo que há para as fazer, são peças mais simples, mais *straightforward*, se tu quiseres. Realmente recorres mais há rede de correspondentes para o Primeiro Jornal até, do que para o Jornal da Noite.

a. Com que critérios decide se um acontecimento local deve estar no Jornal da Noite? E ter *promo*? Ou ser a de abertura?

MBR – O critério de *promo* é um critério muito subjectivo e não tem a ver com o local. O critério da *promo* é mais uma coisa de piscar o olho ao espectador e até, é

mais para lançar a segunda parte, portanto os assuntos da primeira parte, normalmente, não têm *promo*, portanto remete mais para a segunda parte do jornal. E o critério de *promo* até é uma coisa muito mais em que a imagem funcione, portanto não tem a ver o local... Se for uma cascata onde de repente se descobriu não sei o quê, e que seja em Feixe de Espada a Cinta, pode ter um critério de *promo*, mas muitas vezes são até mais as notícias do futebol, da cultura que têm direito a *promo* do Jornal da Noite, do que as peças quer sejam locais, ou uma notícia de internacional.

Depois uma notícia local, que pode transitar do Primeiro Jornal, até pode ser re-feita, para o Jornal da Noite, caso tenha um impacto que se considere que a notícia ainda viva à noite. Se for uma coisa que aconteceu de manhã... um acidente de trânsito, se calhar à noite já não faz sentido porque o Jornal tem um tempo limitado e já acontecerem outras coisas que se sobrepõem, mas se for um acidente em que morreram 20 pessoas, obviamente ou provavelmente vai abrir o Jornal. É sempre o critério de notícia, da dimensão da notícia. Se for uma greve, pode ter aberto no Primeiro Jornal porque a greve estava a acontecer nessa altura, mas se calhar no Jornal da Noite é só um *off* a dizer que os trabalhadores daquela empresa fizeram greve, percebes?

Não há uma coisa que defina como é que a notícia local vai ter ou não lugar no Jornal da Noite, ela terá lugar dada a sua relevância, dada a hora a que aconteceu, dado o número pessoas que impacta, percebes Cristiana? Não há um critério fixo. Normalmente elas até podem ter autonomia de peça e virarem *off* no Jornal da Noite, ou podiam ser *off* do Primeiro Jornal e se, entretanto, a situação se agudizou, podem até ter direito a peça ou direto no Jornal da Noite. Depende, nós estamos sempre a acompanhar o que é que aconteceu e se a situação ganhou relevância ou se perdeu relevância. Ela pode abrir o Jornal da Noite ou pode nem sequer aparecer, já aconteceu peças na abertura do Primeiro Jornal serem *off* ou nem sequer entrar daquele assunto no Jornal da Noite, depende, não é?